



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**OS TRABALHADORES DA CANA SOB MÚLTIPLOS
OLHARES:
INSTITUIÇÕES, NARRATIVAS E INTERPRETAÇÕES.
CENTRALINA E ARAPORÃ - MG (1980-2009)**

RENATA CAROLINA RESENDE

MESTRADO

Uberlândia – MG

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**OS TRABALHADORES DA CANA SOB MÚLTIPLOS OLHARES:
INSTITUIÇÕES, NARRATIVAS E INTERPRETAÇÕES.
CENTRALINA E ARAPORÃ - MG (1980-2009)**

RENATA CAROLINA RESENDE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Uberlândia – MG

2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vagner Jose Moreira- UNIOESTE - Mar Cândido Rondon-PR

Professor Dr. Sérgio Paulo Moraes UFU

Professor Dr. Paulo Roberto de Almeida UFU
(Orientador)

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a todos que colaboraram para a elaboração deste trabalho, a CAPES pelo financiamento da pesquisa e aos trabalhadores do corte de cana pela atenção dispensada nas entrevistas. Aos meus amados pais Zilda e Juarez pela vida, atenção, carinho, compreensão, enfim pela dádiva do amor incondicional.

A banca de qualificação composta pela Professora Doutora Dilma Andrade de Paula e Professor Doutor Sérgio Paulo Moraes e a leitura crítica e orientação de caminhos possíveis para os ajustes finais do texto. Aos Professores Doutores Sergio Paulo Moraes e Vagner Jose Moreira pela disponibilidade de participação na banca e dedicação a leitura da dissertação. As Professoras Doutoras Célia Rocha Calvo e Regina Ilka Vasconcelos pelo diálogo e ideias proporcionadas por suas aulas durante o curso de mestrado. Agradeço também ao Professor Doutor Paulo Roberto de Almeida, que me orientou desde a graduação, pelas conversas e ajuda na produção da dissertação.

A todos os meus amigos e colegas de mestrado pelas conversas e os bons momentos juntos. Ao Marco Túlio pela amizade, apoio, atenção e companheirismo nesta caminhada. As minhas irmãs Daniela e Kerly pelos momentos de descontração, alegria e amizade que passamos juntas. Enfim, a todos que possa estar esquecendo, mas que não deixaram de ser importantes na conclusão de mais uma conquista de minha vida.

RESUMO

A dissertação com financiamento da CAPES durante dois anos investiga em Centralina e Araporã as condições vivenciadas pelos trabalhadores do corte de cana, suas expectativas ao deixarem seus locais de origem, as relações travadas com moradores das cidades, as formas de sobrevivência nesses pequenos municípios, as assimilações e adaptações nestes locais, bem como a dinâmica impressa nestas localidades.

Procura-se entender em que enredo se processa a promessa de eldorado elaborada nos anos 1980, como ela foi recebida pelas pessoas, tanto moradores dos municípios quanto pelos trabalhadores que chegam à procura de emprego e como um desenvolvimento agrícola desigual coloca os pequenos produtores ou agricultores familiares no trabalho dos canaviais.

A partir desse enredo procura-se compreender como os próprios trabalhadores da cana interpretam sua trajetória no trabalho e vida. Por meio de suas narrativas entende-se como os próprios trabalhadores vem sua categoria nesse processo, colocando em evidência seus modos de viver, morar, comer, divertir, resistir e conciliar numa dinâmica que define o universo do trabalho na cana hoje.

Palavras – chave: trabalhadores, agroindústria, cidades.

ABSTRACT

The paper CAPES funded for two years investigates in Centralina and Araporã conditions experienced by workers cutting cane, their expectations when they leave their places of origin, the relationship forged with city dwellers, the ways of survival in these small towns, the borrowings and adaptations in these places and as printed in these dynamic areas.

It seeks to understand where the plot takes place promised eldorado drafted in 1980 as it was received by the people, both residents of the municipalities and the works who come seeking employment as an agricultural development and uneven places the small producers and farmer's relatives working in the cane fields.

From this plot we seek to comprehend how the cane works interpret their work and life trajectory. Through its narrative is understood as the workers in this process has its category highlighting their ways of living, housing, food, fun and withstand a dynamic balance that defines the universe of work in the cane today.

Key - words: workers, agribusiness, city.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
CAPÍTULO I - PROPAGANDA E EXPANSÃO DAS USINAS: A PROCURA PELO TRABALHO NO CORTE DA CANA NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO	20
CAPÍTULO II - “O MUNDO NÃO TÁ PRESTANDO PRO TRABALHADOR”: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS PELOS TRABALHADORES DO CORTE DE CANA	54
CAPÍTULO III - CONSTRUÇÕES, VISÕES E DISCURSOS DAS INSTITUIÇÕES SOBRE OS TRABALHADORES DA CANA	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
FONTES	124
BIBLIOGRAFIA	127

APRESENTAÇÃO

Na atualidade, a forte presença de trabalhadores no corte de cana na Região do Triângulo Mineiro e toda a perspectiva forjada a partir da produção do etanol no Brasil são pontos de um processo que merecem atenção por serem inesgotáveis os problemas que movimentam. A leitura de jornais, entre outros meios de informação e comunicação, pode trazer questões por vezes discutidas sobre a produção de etanol que não abarcam a perspectiva dos trabalhadores do corte de cana. Em agosto de 2008, tive contato, por exemplo, com esse jornal, em seu caderno *Mais*, de edição semanal, que trazia em destaque o seguinte:

O submundo da cana: Estado que detém 60% da produção nacional de cana-de-açúcar, São Paulo não divide a riqueza derivada do boom do etanol com seus 135 mil cortadores, que vivem muitas vezes em situações precárias¹.

A reportagem, longa e detalhada, foi construída essencialmente pela narrativa de dois repórteres que acompanharam durante certo período o cotidiano dos trabalhadores da cana na região. É nessa direção que escrevo este texto, de forma a construir uma visão da dinâmica pela qual os trabalhadores atravessam, trazendo para o diálogo os sujeitos que, na indústria da cana, encontram-se legados à figuração.

Num primeiro momento, proponho traçar a forma como se projetam as esperanças frente à produção do etanol desde a década de 1980. Aliada à solução para a crise do petróleo, essa produção tornou corrente a criação de incentivos fiscais e financeiros que possibilitem a crescente e próspera agroindústria da cana. O emprego da mão-de-obra nos canaviais foi decisivo para atrair trabalhadores de várias partes do país para os centros produtores, inclusive para as cidades de Centralina² e Araporã³ – cidades

¹ Folha de São Paulo 24/08/2008 - Caderno Mais – O submundo da cana, P. 1.

² Com base em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, disponíveis no site <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, na contagem do censo 2007, a cidade contava com 10.219 pessoas, esta cidade era distrito do município de Canapólis, criando seu próprio município em 1954. De 1991 a 2007, a população local teve uma queda de mais ou menos três mil habitantes. A população local, pelo que percebi nas narrativas dos moradores, deixa a cidade para procurar emprego. A população de trabalhadores da cana que chega não consta nesses registros, mas sim como pertencentes às

localizadas na região do “Triângulo Mineiro”, próximas à fronteira entre os Estados Brasileiros de Minas Gerais e Goiás. Nessa pesquisa, no que me foi possível, procurei desenvolver um diálogo com diversas fontes como jornais, entrevistas e atas da Câmara Municipal de Araporã, tendo em vista que as cidades estudadas não possuem um Arquivo Municipal e nem tem como prática a conservação de documentos sobre sua história. Ambas as cidades nasceram da guinada econômica da região de Canápolis e Tupaciguara, respectivamente. Nesse sentido, as narrativas orais carregam em suas evidências e na forma como foram produzidas por mim e pelos narradores, o papel de importante ferramenta na construção adotada no decorrer da pesquisa. Elas nos ajudam a entender como os trabalhadores, a população local, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Ministério do Trabalho, entre outros, interpretam a si mesmos na abordagem do debatido tema do trabalho e produção do etanol.

O meu contato com ambas as cidades se deu pelo caminho de pesquisa, após colher dados sobre o tema no jornal *Folha de São Paulo* e contactar a interpretação deste sobre o tema que decide a quem poderia procurar na região que tivesse contato com os trabalhadores da cana. Partindo desse discurso oficial ou dominante sobre o tema, surge minha inquietação quanto ao trabalho na cana na região do Triângulo Mineiro. Percebi que o tema abrangia uma infinidade de problemáticas que precisavam ser discutidas e debatidas por nós historiadores. Abordagem essa que coloca os sujeitos envolvidos e a própria categoria de trabalhadores da cana como perspectiva para uma leitura mais completa do processo.

Algumas das entrevistas utilizadas nessa dissertação são parte do projeto de pesquisa *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triangulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Moraes, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG. A equipe é

cidades de origem. A produção da lavoura de cana em Centralina, no ano de 2007, foi de 240.000 toneladas. E a cultura mais produzida no município.

³ Com base em dados do IBGE, disponíveis no site <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, na contagem do censo de 2007 a cidade tinha uma população de 6.113. Até 1993, a cidade era distrito do município de Tupaciguara e não há dados do IBGE referente à sua população antes do censo de 2007. Em Araporã, não há nas narrativas de seus moradores reclamações sobre o desemprego e a maioria deles veio morar no local há 18 anos porque arrumou emprego. A população de trabalhadores da cana tem muitos indivíduos que residem com a família, mas há também os que vêm das cidades de origem e a elas retornam após as safras. O município produziu em 2007 cerca de 576.000 toneladas de cana-de-açúcar.

composta ainda por dois bolsistas de iniciação científica, graduandos do curso de História.

Desse modo, procurei o senhor Amador⁴ e, em entrevista, procurei evidências de pessoas que ajudariam propor um caminho de investigação, visto que ele tem contato com os trabalhadores só no caso de denúncia formal feita pelo sindicato. Sua narrativa tece também as regiões do Triângulo Mineiro envolvidas na produção de cana em Minas Gerais. Indicou que eu entrevistasse o senhor Eurípedes⁵, presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Centralina e Araporã. Segundo o senhor Amador, o presidente me receberia bem e teria muito a enriquecer a pesquisa, e foi ele a pessoa que posteriormente me aproximaria dos trabalhadores da cana.

Na primeira conversa com Eurípedes, o mesmo narrou sobre sua experiência como presidente do sindicato e nos disse um pouco sobre os trabalhadores da cana e as cidades envolvidas pela ação do sindicato. Depois, apresentou alguns trabalhadores que foram entrevistados, mas creio que sua presença intimidou e as narrativas foram limitadas pela sua presença no local. Em outras visitas às cidades, visitei as casas dos trabalhadores, mas sozinha, e me pareceu que a entrevista correu de forma leve e os narradores conseguiram relaxar com a minha presença e a do gravador. Esse caminho percorrido até a entrevista com o senhor Eurípedes pode evidenciar algumas questões sobre o vivido no trabalho na cana. E também sobre as cidades envolvidas na produção de cana, sendo escolhidas por mim as de abrangência do sindicato. Os caminhos apontados pelas primeiras narrativas me levaram a outras visões ou percepções sobre os trabalhadores da cana, e também sobre as cidades aonde vieram residir.

⁴ Amador Dias da Silva. Auditor Fiscal do Ministério do Trabalho, entrevista feita em 31/07/2008. O senhor Amador mora e está lotado em Uberlândia, seu trabalho abrange não só a região do Triângulo Mineiro, mas ao Brasil inteiro. Seu contato com os trabalhadores da cana é por meio das denúncias feitas através do sindicato, o que distancia a sua relação com os trabalhadores da cana. Entrevista produzida para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG.

⁵ Eurípedes Batista Ferreira. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã, entrevista feita em 31/07/2008. O senhor Eurípedes estava se candidatando a vereador de Centralina nesse período, e também comemorando os 45 anos do Sindicato dos Trabalhadores de Centralina e Araporã, o segundo fundado no estado de Minas Gerais. É trabalhador Rural desde os anos 1980 na região, milita no sindicato há 10 anos. Entrevista produzida para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG

Indo a campo sem a presença do senhor Eurípedes, consegui manter um diálogo aberto, não totalmente, porém com menos pressão ou constrangimento por parte dos trabalhadores. Fazendo um balanço das narrativas produzidas, percebo que o terreno comum compartilhado pelos trabalhadores da cana entrevistados me levou a uma abordagem a qual trago para o texto considerando as experiências comuns em todas as entrevistas que apontavam para as experiências vivenciadas pela categoria de trabalhadores da cana. Em diversos momentos e espaços diferentes pude conversar e entrevistar os trabalhadores; assim, cada entrevista é composta por uma atmosfera diferente.

As primeiras entrevistas realizadas por mim com os trabalhadores foram produzidas na presença do senhor Eurípedes, conforme mencionado anteriormente. Fomos até a residência de um grupo de trabalhadores da cana lá conheci Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras, no Piauí, para Centralina; jovem com apenas 19 anos, esse era seu primeiro ano no corte de cana, acabara de chegar a casa depois do dia de trabalho. Depois de me apresentar ele se dispôs a me conceder uma entrevista, que pela presença insistente de Eurípedes aconteceu de forma contida quase monossilábica. Encontravam-se presentes também outros trabalhadores assistindo à entrevista de Marcel, um deles seria o próximo a ser entrevistado por mim, o senhor Rocinaldo Silva, de 50 anos, também vindo de Barras para Centralina, com a finalidade de trabalhar no corte de cana. Rocinaldo está nesta atividade desde a década de 1990; tem experiência em diversos locais do Brasil. Enquanto isso, Paulo entrevistou Omar Mendes de Oliveira, que veio da mesma cidade que os outros dois para cortar cana e está nesse ramo desde os anos 1990, como Rocinaldo. A relação na casa é de companheirismo e amizade, todos dividem a mesma angústia de estar longe, ajudam-se na divisão de tarefas e na descontração que se encontrava no ambiente. Estavam entre amigos.

As outras entrevistas produzidas posteriormente foram realizadas em diversos lugares onde encontrei trabalhadores da cana, cada uma com as especificidades de seu ambiente. Em Araporã, encontrei trabalhadores reunidos em uma praça, conversei com alguns, explicando sobre meu trabalho e, mesmo sendo resistentes, dois deles me concederam a entrevista. Antes que estes aceitassem responder à entrevista, um dos integrantes do grupo que não quis se identificar estava bastante eufórico e pediu a mim o telefone do Ministério do Trabalho em Uberlândia, fazendo após isso uma ligação e

denúncia da empresa em que se encontrava trabalhando no momento, demonstrando sua inquietação quanto às condições vivenciadas no trabalho da cana. José Hamilton Ferreira da Silva, 38 anos, veio de Conceição do Cuieté (Bahia) e José dos Santos, 42 anos, veio de Santana do Ipanema (Alagoas). Ambos residem na mesma casa em Araporã. O grupo havia saído para comprar alguns itens no mercado e resolveram sentar um pouco na praça. A entrevista aconteceu ali mesmo. Enquanto entrevistei José dos Santos, os outros foram conversar alguns metros adiante. Ele timidamente respondeu às minhas questões, chamando o amigo José Hamilton para falar comigo; esse por sua vez falou bastante e enriqueceu muito o diálogo travado nesta dissertação.

A abordagem feita na casa dos trabalhadores dos trabalhadores não teve o aproveitamento esperado, pois eles, em alguns casos, me receberam com certo distanciamento e desconfiança, o que colocou uma barreira que impossibilitou uma aproximação maior. Com os trabalhadores da cana, as melhores entrevistas aconteceram em locais públicos como praças e calçadas. Foram os locais onde se sentiram à vontade para responder às questões.

Quando pensamos na trajetória de vida dos trabalhadores da cana, percebemos que o ambiente da praça passa conforto pelo fato de não denunciá-los a quem passa e nos vê conversando. Nos domicílios dos entrevistados, entre outras particularidades que para os trabalhadores são caras, os narradores preferem esconder certos detalhes que podem identificá-los, pelo medo de coerção. Esses fatores se apresentam de forma diversa nas entrevistas produzidas com os moradores das cidades de Centralina e Araporã. Estes me receberam abertamente em casa, o ambiente de casa para estes não oferecia nenhum desconforto, suspeita ou medo.

Depois disso, procurei alguns moradores locais para entrevistar e fui percebendo que a cidade é formada por pessoas que estão ali há pouco tempo, há cerca de 20 anos, como as senhoras Márcia Regina Teixeira da Silva e Nizete Nascente dos Santos. Indo a Centralina novamente, procurei também conversar com alguns moradores locais e com alguns trabalhadores da cana. As narrativas produzidas com moradores das duas cidades trazem para o debate a visão que as pessoas têm dos trabalhadores da cana, e das transformações que aconteceram na cidade desde a chegada desses trabalhadores, fazendo um balanço com suas experiências no local. Em Centralina, entrevistei todos os moradores em suas residências. Abadio Honorato Neiva, de 83 anos, trabalhou na construção civil em várias cidades do Triângulo Mineiro, veio de Perdizes (Minas

Gerais) para Centralina há 50 anos. João Carlos do Nascimento mora em Centralina desde que nasceu, tem 62 anos e trabalhou como lavrador em diversas culturas, mas não na cana. João Faria Filho mora em Centralina desde que saiu do meio rural, ainda criança; tinha à época da abordagem 65 anos, trabalhou como lavrador em diversas culturas, mas não na cana. Julia Francisca da Silva mora em Centralina há 20 anos, tem 49 anos, é ex-funcionária da prefeitura, onde atuou na área do meio ambiente, formada em biologia, trabalha atualmente como cabeleireira na cidade. Jurandir Batista da Silva, morador de Centralina, 71 anos, veio com seus pais para esta cidade quando tinha dois anos de idade, trabalhou como lavrador no corte de cana e também como fiscal na usina Alvorada; nasceu em Santa Cruz, Rio Grande do Norte. Rivail Rodrigues Atanásio, morador de Centralina, veio com seus pais de Ituiutaba para a cidade ainda na infância; hoje com 63 anos, é comerciante no local há 38 anos.

Percebo, com estas abordagens, que a cidade é formada por pessoas que vieram à procura de trabalho e ali se estabeleceram. Realidade diferente quando comparo as narrativas dos trabalhadores da cana que estão na cidade hoje: a maioria não fixa residência no local pela instabilidade do emprego. Adenilson Antônio de Lima, trabalhador do corte de cana, 34 anos, é a primeira vez que vem e fixou residência em Centralina desde 2008, veio de Jacobina (Bahia), pretende voltar para lá em novembro de 2010. Antônio Bispo de Souza, trabalhador do corte de cana desde 1983, hoje com 53 anos, reside com outros amigos e seu filho mais velho que também veio trabalhar no corte esse ano, já que completou 18 anos; vieram de Barra de Alcântara (Piauí). Entrevistei, também na mesma casa, Cleanto Dantas da Silva, que igualmente veio do Piauí com Antônio: tem 19 anos, vem a dois anos, primeiro foi para Campo Florido agora em Centralina, não tem filhos, mas manda dinheiro para a mãe. As entrevistas permitiram a construção em co-autoria com os narradores o desenvolvimento da dissertação e também são fundamentais pela falta de um arquivo ou preservação de documentos históricos sobre a cidade ou trabalhadores.

Importante para nossa pesquisa foram os dados encontrados no diálogo com outras pesquisas e disciplinas, pois acredito que a investigação ficaria inconsistente sem elementos da Geografia, Estatística, Sociologia etc. É a nossa maneira crítica de articular elementos a uma dinâmica da sociedade, o que nos diferencia na análise do processo. O tema está inserido numa dinâmica que ultrapassa os indivíduos,

considerando os sujeitos na e pela sociedade, observando e analisando como estão vivendo.

Para tratar do movimento histórico percebido na região, bem como a trajetória desses agentes sociais, busco abordagens teóricas de E. P. Thompson⁶. O autor interpreta as experiências coletivas como representativas, pois apresentam sujeitos dentro de processos sociais e históricos. Entendo que o conhecimento histórico é transitório e seletivo, pois concebe enredos que partiram das questões e inquietações de um historiador no presente, mas não falso. São falsas as concepções que não estejam de acordo com as evidências contidas nas fontes. Dialogamos com as fontes numa dinâmica que se constitui no processo histórico, partindo de questões do presente para interrogar o passado.

As vivências dos trabalhadores da cana nos apontam para como esses sujeitos vivem trazendo para a historiografia suas experiências como parte do processo histórico. Como os trabalhadores da cana e as instituições que envolvem seu trabalho como sindicato, usina e ministério do trabalho se posicionam ao lidar com esses trabalhadores e como eles interpretam isso. Na medida em que nossas explicações são construídas a partir das evidências, podemos dizer que elas existiram ou existem de fato e como elas se integram no processo histórico vivido pelos trabalhadores. Como nos sugere Thompson: “Nosso trabalho se processa num intercâmbio contínuo. A pátria da teoria marxista continua onde sempre esteve, no objeto humano, no real em todas as suas manifestações (passadas e presentes) a teoria não engole a realidade⁷”.

Os supostos teóricos da pesquisa partem do materialismo histórico, das experiências desses trabalhadores como mudanças históricas, lutas, conciliações, contradições, tensões, resistências que são travadas nas relações que estabelecem com as usinas, poder público, sindicato, com os moradores das cidades, com a cidade de origem, com sua consciência, vivendo o processo histórico. Como os trabalhadores da cana se aparecem em diversas interpretações, para as várias instituições e pessoas envolvidas nesse processo, para eles próprios compreendendo a maneira como irrompe a dinâmica implantada nessa região.

⁶ THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria**. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

⁷ THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria**. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 55.

A teoria não se encontra pronta, não há uma receita para a pesquisa histórica. Ao sairmos com nossos supostos teóricos, muitas vezes percebemos que o caminho que as fontes interrogadas nos levam é diferente do inicialmente pensado. O processo histórico aparece a partir do diálogo que obtemos com as fontes, sem reduzir o conhecimento à prática teórica e sem deixar a teoria de lado numa articulação entre elas. Thompson elucida neste trecho:

Mas se voltarmos à “experiência” podemos passar, desse ponto, novamente para uma exploração aberta do mundo e de nós mesmos. Essa exploração faz exigências de igual rigor teórico, mas dentro do dialogo entre a conceptualização e a confrontação empírica que já examinamos (pp. 49-51). Essa exploração ainda pode situar-se na tradição marxista, no sentido de que estamos tomando as hipóteses de Marx e alguns de seus conceitos centrais, e colocando-os em operação. Mas o fim dessa exploração não é descobrir um sistema conceptual finito (reformado), o marxismo. Não há nem pode haver nunca um sistema finito⁸.

A dinâmica do processo histórico alavanca a construção de um conhecimento provisório, pois este se edifica no presente, que logo se torna passado. Assim, cada historiador, no seu tempo, terá novas e diversas questões sobre um mesmo tema, e com isso vai produzir outras interpretações, com as inquietações de seu presente. Pensar os trabalhadores da cana apenas como pessoas que estão sendo exploradas pelo seu empregador é esquecer como estes sujeitos encaram seu trabalho dentro das usinas e seu cotidiano. Percebemos o quanto o emprego é importante para sua sobrevivência. Para muitos, trabalhar na usina é uma esperança, pois esse trabalho podem consumir e sobreviver. Vivem esse processo e resistem contra sua condição sócio-econômica quando se deslocam para o trabalho na cana. Podemos dizer que é um trabalho desumano pelas condições a que estão fadados os trabalhadores. Porém, sua experiência como trabalhador rural os leva a acreditar que o emprego na usina é uma oportunidade para ganhar dinheiro. As pessoas escolhem os valores que vivem, mesmo que sejam valores dominantes, eles elaboram em sua consciência essa escolha como coloca Thompson:

Os valores não são “pensados”, nem “chamados”; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas idéias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e aprendidas no sentimento) no “habitus” de viver; e

⁸ THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria**. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 185

aprendidas em primeiro lugar na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria⁹.

Na história social, partimos das experiências humanas: como as pessoas vivem, trabalham, divertem etc.; refletimos sobre seu modo de lidar com as normas da sociedade, interpretando suas práticas. Exploramos o modo como esses sujeitos vivem ou viveram e como eles percebem essas vivências, sem reduzir as experiências desses sujeitos a uma teoria totalizadora, que apague ou silencie o conhecimento produzido pela própria categoria de trabalhadores da cana. Partindo da experiência desses trabalhadores, podemos explorar seu mundo e a nós mesmos sem pretensões de construir uma teoria finita, mesmo porque a História é movimento e a teoria se atualiza diante das perguntas feitas aos documentos. A teoria não é estática, muda diante das gerações e das diferentes práticas sociais. Os supostos teóricos são pontos de partida, não de chegada: partimos do suposto para chegar à realidade; com o espírito aberto aprendemos, descobrimos. A História não oferece um laboratório. O papel do historiador é explicar, compreender, investigar. O processo social é dinâmico, e o que modifica são as perguntas feitas aos documentos e o modo de compreendê-los¹⁰.

As expectativas dos trabalhadores da cana, ao se submeterem à rotina do trabalho, nos propõem perceber que a “oportunidade” de trabalhar nas usinas e ganhar dinheiro é almejada entre eles. Visto que suas experiências com a agricultura não lhe renderam salários como os que têm trabalhando nas usinas. Poder sobreviver, consumir e proporcionar algum conforto às famílias é um pensamento hegemônico na sociedade, como escreveu Raymond Willians:

Constitui assim um senso da realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, por que experimentada, e além da qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras é no sentido mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como domínio e subordinação vividos de determinadas classes¹¹.

⁹ THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria**. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 194.

¹⁰ THOMPSON, E. P. **O A miséria da Teoria**. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

¹¹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 113.

O pensamento hegemônico pode ser percebido nos anseios dos trabalhadores da cana, em suas formas de organização social, que julgamos comuns. Todavia, têm muito a nos informar sobre o cotidiano e o trabalho. Denotam interesses da classe dominante disfarçados nas reformulações e intercâmbios culturais. Sempre que necessário, essa hegemonia vai sofrendo uma transformação para incorporar suas ideias nas expectativas de todas as classes. As ideias hegemônicas estão sempre em movimento acompanhando a história e envolvendo a sociedade na tentativa de mascarar um controle das mesmas. Os trabalhadores da cana, no diálogo desenvolvido com suas narrativas, colocam suas expectativas e anseios ao se submeter ao trabalho na cana e a um cotidiano, justificado em muitas falas pela falta de estudo. Mas, ao mesmo tempo em que se justifica pela falta de estudo, colocam-nos as forças envolvidas nas disputas cotidianas vividas tanto no trabalho como na cidade de origem ou onde moram, vistas como forma de resistência. Percebo que a procura por trabalho para estes homens é necessária para que possam obter um salário, mesmo sendo uma trajetória difícil. Para eles, tem se tornado uma oportunidade. É uma opção de se tentar a vida que foi construída culturalmente no decorrer do processo histórico, e que tem como preceitos o trabalho para a sobrevivência.

A migração para outras regiões à procura de emprego é uma prática comum e isso faz parte das vivências e necessidades desses e de outros trabalhadores, da própria cultura pensada como o vivido. Assim como em Willians, entendo cultura como

O importante, no caso, não é apenas o elemento de redução; é a reprodução, de forma alterada, da separação entre “cultura” e vida social material, que tem sido a tendência dominante do pensamento cultural idealista. Assim as possibilidades totais do conceito de cultura como um processo social constitutivo, que cria “modos de vida” específicos e diferentes, que poderiam ter sido aprofundados de forma notável pela ênfase no processo social material, foram ao longo do tempo irrealizadas, e com frequência substituídas por um universalismo abstrato unilinear¹².

Entendendo cultura aqui como experiências compartilhadas no trabalho com cana para os sujeitos que procuram por ele como possibilidade de sobrevivência. A noção vem de um processo histórico que tem início na região do triângulo Mineiro em meados da década de 1980. O trabalho experimentado por outros sujeitos, nessa época, é encarado atualmente como algo comum entre os cortadores de cana que estão no

¹² WILLIANS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 25.

trabalho desde a década de 1980 e para os que iniciaram nos anos 1990 ou na atualmente. É culturalmente aceito que pais de família saiam de casa durante nove meses do ano para trabalhar, deixando de estar fisicamente presente para cumprir seus deveres financeiramente. Esses sujeitos, trabalhando no corte de cana, terão suporte financeiro para alcançar seus sonhos para o futuro. O dinheiro é poupado, pois visam sonhos e esperanças de futuro, que se torna incerto quando se deparam com a realidade do trabalho no corte de cana. Economizam em tudo vivendo precariamente na cidade, mas almejando um futuro decente para si e para os seus em sua terra natal. Poderiam ganhar um salário mais justo, porém suas vivências tornam o que ganham suficiente, pela miséria vivenciada na terra natal. Experimentam suas vivências cotidianas mortes de companheiros, desistências por exaustão, violência, falta de recursos para necessidades básicas, trabalhando nas usinas e tem isso como uma chance de sobreviver.

A necessidade de se conceber como consumidor e adquirir as facilidades que os produtos industrializados podem proporcionar se torna, no sistema capitalista, prioridade na maioria das famílias. O acesso é um direito de todos, porém não é o que ocorre com as famílias desses trabalhadores. Torna-se, por toda trajetória de vida e contato com meios de comunicação de massa, uma necessidade de fazer parte do mercado consumidor. Depois de nove meses longe da família, suponho que há um estranhamento nas relações dentro da instituição, porém amenizadas pelo dinheiro que entra e proporciona a compra de produtos que antes eram inacessíveis. Satisfação em ter acesso às tecnologias que facilitam a vida cotidiana. O salário possibilita também que ele exerça seu papel patriarcal e que isso o satisfaça pessoalmente, e à sua família. Aqui a prioridade almejada é financeira e não fraterna – ele deixa de ser pai, no sentido de estar presente e educar, proporcionar momentos de carinho e afeto, para se tornar o provedor, construindo outra imagem de pai, ausente e provedor financeiro.

Emergem das narrativas desses trabalhadores estratégias por vezes pouco visíveis nas construções institucionais sobre eles próprios, talvez lembrando aqui a sugestão de Thompson, que é importante para o estudo e a produção historiográfica que tratemos esses sujeitos como

peças que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos e em seguida ‘tratam’

essa experiência em sua consciência e sua cultura, das mais complexas maneiras, e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada¹³.

Conversando com Omar Mendes de Oliveira, piauiense e trabalhador da cana, é possível perceber a complexidade que fazem de sua condição. Por si só, a entrevista é emblemática, já que o narrador é de poucas palavras, quase monossilábico. Ainda assim, nas suas elaborações, transmite a ideia de que a situação de seu local de origem é de conhecimento de todos, ou pelo menos do entrevistador:

Lá nós trabalha com roça. É, pra sobreviver. Lá você faz cinco, seis, sete daquele tal de... chão pranta arroz, feijão, milho. É, pra sobreviver durante o ano. Aí pra você dar de vestir é... de vestir, algum remédio também, tem que sair fora pra ganhar o dinheiro porque lá tá fraco¹⁴.

Ao relatar a situação do local, lembra ainda que o fato de não “correr dinheiro” naturaliza a necessidade de sair para trabalhar fora e permanecer oito ou nove meses longe da família, e acrescenta aí a busca destes trabalhadores por locais onde o trabalho esteja rendendo mais dinheiro. Assim, é comum entre eles que já tenham buscado alternativas em diversas regiões. Percebe-se, no entanto, que este não é o único fator determinante. Conta muito, entre eles, o conhecimento do local, a fuga de um suposto isolamento, que significa estar entre conhecidos e poder dividir espaços de moradias e situações cotidianas, como notícias do lugar de origem: *É. O dia que um... o dia que um de nós aqui não liga pro Piauí que os outro liga, se tiver alguma resposta de bem eles fala, se tiver de mal também eles fala. Todo mundo lá é assim... tudo coligado. Todo mundo somo amigo¹⁵.*

Os vários enredos que compõem o deslocamento e a vida destes trabalhadores procuram fugir da simples determinação de condições externas. Raymond Williams sugere que, se de um lado “há noção de uma causa externa que prefigura e prevê tudo, e de fato controla toda a atividade futura”, condenando assim as pessoas à impotência, por outro lado “há também o lado da experiência da prática social, uma noção de

¹³ THOMPSON. E. P. **A miséria da Teoria**. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 182.

¹⁴ Omar Mendes de Oliveira, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita dia 05/08/2008. P.1.

¹⁵ Omar Mendes de Oliveira, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina, Minas Gerais. Entrevista realizada dia 05/08/200, p.1.

determinação como algo que estabelece limites e exerce pressões”¹⁶. Aqui percebo também a noção de classe, não essa noção como algo fechado e inerte, mas como movimento, como algo em constante construção e transformação. Assim, cultura, experiência social e classe são expressões que estão conexas e, portanto, entendidas em conjunto e não isoladamente. A noção de experiência comporta e assume um caráter aberto e desvinculado de modelos fechados de conceitos, ela coloca esses conceitos em movimento. Para percebermos as modificações sociais, nos embasamos na experiência, já que nos permite uma elasticidade nos conceitos e também no diálogo com nossas fontes. Esse movimento do processo histórico nos permite o uso das fontes orais, é claro com todos os critérios metodológicos que a validam como fonte histórica.

O conceito de cultura, visto aqui em Willians como modo de vida, permitiu-me investigar como os trabalhadores do corte de cana se relacionam das mais diversas formas com seu trabalho, o deslocamento, a família e as instituições. É necessário levar em consideração este aspecto amplo de análise, para percebê-los no momento histórico em que vivem, e como interpretam essa realidade vivida. A vida é um conjunto de práticas que não podem ser divididas em conceitos, pois fazem parte de um todo que se completa. A vida das pessoas não pode ser dividida, todos os aspectos compõem a experiência e as relações sociais.

Os levantamentos e reflexões me fizeram retomar os caminhos usados em minhas entrevistas, e buscar o dialogo dentro de um campo que me permita dar respostas às inúmeras questões sobre o tema. Desta forma, as investigações sobre os trabalhadores da cana e as várias visões sobre eles construídas estão propostas nas inquietações de Déa Ribeiro Fenelon:

Se estamos falando de examinar a experiência social dos trabalhadores em todos os seus ângulos de existência e de vida para além de examinar seu movimento e organizações [...] isto significa querer examinar todo o seu modo de vida no campo das transformações que, cotidianamente, experimentam os trabalhadores em todos os aspectos do viver a dominação burguesa e capitalista [...] mas também, no campo dos sentimentos e valores perceber a intensidade como muitas destas noções e valores são expropriadas no dia-a-dia da dominação, a resistência oferecida neste processo e a necessidade de reconstruir e reinventar a cultura¹⁷.

¹⁶ WILLIAMS, R. **Revista USP**, n. 65, São Paulo, 2005. p. 210.

¹⁷ FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo? **Revista PROJETO-HISTÓRIA**, n. 4, São Paulo: EDUC, 1991, p. 18.

A construção do trabalho se fez possível por meio da análise minuciosa de trabalho com fontes orais, o que me possibilitou a interpretação das experiências dos trabalhadores da cana. A subjetividade das narrativas produzidas pelo pesquisador e entrevistados está carregada de elementos que abarcam o terreno comum compartilhado por esses trabalhadores. Mesmo vivendo práticas sociais heterogêneas, há elementos que são comuns a eles, como a procura pelo trabalho e a instabilidade do mesmo, a ausência da família, a condição de forasteiro nos locais para onde migram. São pessoas que compartilham de experiências na casa que dividem com os seus, no cotidiano de contenção de gastos, preocupação e responsabilidades, como envio de dinheiro para familiares.

As narrativas orais são documentos que contém mais sobre o processo vivido, e ainda por viver, do que outra fonte ou texto acabado está em movimento como a própria vida. Entrevistando uma pessoa várias vezes, percebo que a forma de interpretar e de se colocar diante dos fatos passados se define de formas diversas, mas compondo um universo vivido socialmente, compartilhado com outras pessoas que também tiveram trajetórias parecidas. A representatividade se encontra na narrativa, nas possibilidades com que o narrador utiliza os procedimentos narrativos e simbólicos que foram socialmente compartilhados¹⁸.

O trabalho na cana hoje é expressivo nas cidades de Centralina e Araporã e em todo o Triângulo Mineiro, tendo modificado a região. O comprometimento com a história dos trabalhadores da cana se fortalece quando temos a oportunidade de produzir narrativas orais. Escrever a história do presente é falar de questões que permeiam nossa vida, é trazer para o acervo de fontes as falas e interpretações das classes não hegemônicas. A história oral vem romper com a “lógica causal” e reafirmar a “lógica histórica” de E. P. Thompson, na qual o processo social, ou seja, as experiências contadas e interpretadas por esses atores sociais encontram-se em constante movimento¹⁹. Tendo em vista também o descaso das autoridades dos pequenos Municípios de Centralina e Araporã, a conservação de seus documentos sejam jornais, folhetins, fotografias, dados importantes que enriqueceriam essa pesquisa. Atento-me a essa questão e coloco aqui a eficácia no que tange a repensar o processo social com a

¹⁸ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo** (Dossiê Teoria e Metodologia), v. 1, n. 2 dez. 1996.

¹⁹ THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria**. Ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

produção de narrativas que compõem a memória da população local e de trabalhadores. De forma que, só com a produção desses documentos pude entender, registrar e analisar de forma efetiva o processo vivido por essas pessoas. Todos os documentos usados por nós, historiadores, para a construção de nossos enredos e narrativas tem em seu processo de construção pessoas que estão por traz dos documentos, induzindo ou não seu conteúdo²⁰.

Uma preocupação que tenho com a produção de minhas narrativas é arquivá-las em áudio, para que, em consultas futuras, outros pesquisadores, se o julgarem necessário, ouçam e tentem compreender melhor silêncios, entonações de voz, que por vezes tem nos dito mais que do muitas palavras. É preciso compreender o movimento histórico de diferentes ângulos e perspectivas, e para uma compreensão e análise mais aprofundada das entrevistas/documentos é necessária a leitura de toda atmosfera que compõe o ato de se entrevistar.

Por fim, ao trabalhar com as narrativas produzidas, uma das coisas que me incomodavam no início do trabalho se tornou evidência de que hoje me coloco mais perto de conhecer alguns aspectos da realidade dos trabalhadores. Respostas monossilábicas por vezes dadas por eles de início me preocupavam; percebo, agora, que é um reflexo de suas experiências compartilhadas, o medo de falar. Muitos deles acompanharam em suas trajetórias pelo mundo em busca de emprego o abuso de poder exercido pelas empresas. Viram amigos “desaparecerem” ou explicitamente assassinados por motivos banais. A importância das narrativas orais nesse trabalho vai além de uma concepção, é uma peça política importante para conhecimento dessas pessoas e regiões.

Escrever sobre os trabalhadores da cana no processo das cidades de Centralina e Araporã a partir da década de 1980 tem sentido quando percebo em minhas fontes o quanto foi significativo para os habitantes do local o trabalho na cana. Foi construída uma expectativa em cima das melhorias que a cana poderia trazer para essas cidades – empregos e altos salários somados as perspectivas das indústrias na exportação e também na conquista do mercado interno. Há toda uma atmosfera de realizações que a imprensa coloca como possibilidades dessas empresas, em várias reportagens do *Jornal Correio* dos anos 1980 há uma euforia em relação à produção de energia da cana. O

²⁰ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, v. 1, n. 14 fev. 1997.

trabalho com a imprensa é peça fundamental para entender como se engendram as expectativas em torno da produção de energia.

Como todo documento, a imprensa está composta de subjetividade e intencionalidade, um campo que deve ser debatido no sentido de trazer à tona como são concebidas as promessas e sonhos dos trabalhadores da cana. Os jornais são fontes que podem nos dizer muito sobre uma época, e quando questionados nos dizem muito sobre o processo vivido. Trazem uma perspectiva que configura anseios e esperanças quanto ao processo vivido pelos trabalhadores que elaboram isso no seu cotidiano. A imprensa é “produto construído e pertencente a uma determinada história”²¹. A preocupação com o enredo debatido em todo jornal pode nos proporcionar uma dinâmica do processo de forma mais coerente, do processo vivido e debatido como pauta no período histórico em que o mesmo se encontra inserido, tendo como abordagem os desdobramentos que cada conjuntura encaminha:

Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e da luta por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo. [...] Como nos indica Darton, é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica²².

A imprensa é peça constituinte do social, ela informa mais do que registra, ao ponto que constrói e engendra idéias que, recebidas pelas pessoas, se tornam, de diversas formas, elementos do social. A construção de expectativas tanto para trabalhadores quanto moradores de Centralina e Araporã em relação ao etanol e ao trabalho na cana, embalando os sonhos de lucro e prosperidade financeira. As reportagens de 1980 a 2009 foram de extrema importância no sentido de compor esse universo de forças que se entrelaçam e constroem o ideal de progresso e prosperidade que os empreendedores e governo denotaram a produção de energia. Além disso, trabalhadores seguem e seguiram o fluxo de instalação dessas usinas pelo país e as tem

²¹ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**, v. 1, n. 35, p. 256, dez. de 2007.

²² CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa **Revista Projeto História**, v. 1, n. 35, p. 259, dez. de 2007.

como expectativa de ganho financeiro, o que marca sua trajetória em busca de trabalho pelo país.

Transformar o jornal em fonte para o tratamento teórico metodológico é necessário para articular diversas questões em torno da sua redação, seus proprietários, para quem é produzido suas tiragens entre outros. É preciso procurar as conexões e vínculos possíveis com uma história social ampla. A imprensa é, em parte, uma prática da realidade social que intui as formas de pensar e agir sobre o processo, mas não as determina. Assim ela é ingrediente do processo e nos diz muito sobre como se forjam as perspectivas quanto a ele.

Por conseguinte, o *Jornal Correio* de Uberlândia é uma peça chave no processo de consolidação das usinas e etanol na região do Triângulo Mineiro. O debate sempre esteve em voga entre 1980 e 2009 de diferentes maneiras, mas sempre legitimando o processo como algo importante para todos, como um bem nacional gerador de empregos e solução para a crise de energia. A instalação das usinas foi tratada nesse jornal como um ganho para a região, inúmeros benefícios foram alcançados ao longo do processo, outros estão por vir. O que não se realiza, como veremos no decorrer dessa narrativa.

Trabalho, também, com o jornal *Folha de Notícias*, com uma edição especial de 45 anos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã. O exemplar desse número foi cedido pelo presidente; tem abrangência na região do triângulo mineiro em cidades produtoras de cana, como Centralina, Monte Alegre, Canápolis e Araporã. O dono é Gilmar S. Pereira, que é também diretor e redator. Este jornal contém vários artigos, avisos e propagandas voltadas para o trabalhador de cana da região e, nessa edição comemorativa, explana-se sobre a atuação do sindicato nos últimos anos. Esta edição foi importante para análise do discurso e da prática do sindicato ao ser confrontados com as narrativas dos trabalhadores e do presidente do sindicato.

O relatório da Cana de 2009, produzido pela ONG Repórter Brasil, pode nos trazer dados estatísticos importantes. Este relatório aponta os problemas advindos da indústria da cana em todo país, fazendo uma abordagem geral do processo. Além desse relatório há outro cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, que nos coloca problemas enfrentados pelos trabalhadores da cana de Araporã, com denúncias que os trabalhadores fizeram junto ao Ministério do Trabalho. Nesse relatório, percebemos como se engendram as irregularidades no setor e quem são os envolvidos nas mesmas.

No primeiro capítulo, coloco em movimento o processo de consolidação do etanol e suas promessas quanto ao futuro do país, energia e trabalho. Como se levanta a bandeira do etanol, quem participa dessa expansão, quem se beneficia; as medidas são tomadas para que as usinas se espalhem no país, o apoio do governo à agroindústria. Como esses fatores aliados, projetam-se a atração de mão de obra não só nos canaviais, mas em diversas culturas; como se processam os meios pelos quais os trabalhadores são levados a procurar o corte de cana como solução ao desemprego e miséria; com o desenvolvimento, a agroindústria promove a situação do trabalhador da cana para baixos salários e itinerância. A promessa do “eldorado” dos anos 1980 permitiu aos habitantes das cidades de Centralina e Araporã criarem expectativas de ganho financeiro com a chegada dos novos moradores em busca de trabalho. Contudo, as dinâmicas para a procura de trabalho pelos cortadores de cana são instáveis, não há emprego fixo nem altos ganhos. Para o trabalhador rural, pouco modificou sua situação, na verdade houve sim um agravamento. Apresento como os moradores da cidade encaram a vinda das usinas e no que ela modificou e ou interferiu no meio ambiente e em suas vidas.

No segundo capítulo, *O Mundo não tá prestando pro trabalhador*²³, analiso o processo vivido pelos trabalhadores por meio de suas narrativas, interpretando, colocando a interpretação dos mesmos em movimento a partir de suas perspectivas quanto ao trabalho na cana. Além da inserção no mercado consumidor, a exploração sofrida de várias formas, o cotidiano de contenção de gastos que leva a uma vida regrada, dividindo casa com muitas pessoas, péssimas condições de higiene e alimentação. As resistências travadas nas próprias narrativas ao colocar problemas com o pagamento, perspectivas de futuro, aposentadoria, no tom de voz ou silêncio e indignação de muitos coloca cada trabalhador dentro do universo de especificidades. Desde os mais jovens aos mais velhos, é importante evidenciarmos seus anseios e experiências compartilhadas coletivamente, elementos representativos de sua categoria; como e por que são atraídos para o trabalho na cana aqui na Região; se estão satisfeitos com as condições a que tem de viver para conseguir sair da condição de miséria. Tento assim, num diálogo com as narrativas, construir as formas como se forjam, resistem ou conciliam as situações pelas quais passam; como interpretam sua vida e o trabalho nos canaviais.

²³ José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã, veio de Conceição do Cuieté (Bahia). Entrevista realizada em 13/10/2009.

No terceiro capítulo, pretendo fazer uma análise que coloque em movimento as perspectivas das instituições governamentais, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Familiares de Centralina e Araporã, Ministério do Trabalho, trabalhadores da cana. Entrecruzando as diversas perspectivas de diferentes documentos, busco compreender como estes órgãos têm tratado o trabalho na cana, uma tentativa de entender como a realidade se processa.

Trilho este caminho entrecruzando as entrevistas realizadas com trabalhadores, jornais, presidente do sindicato. Questionando como as instituições atuam na região. E o que estes trabalhadores têm esperado e vivido na sua busca pelo trabalho. Como experimentam a ação das autoridades que tem como propósito a defesa dos mesmos, e como as mesmas se interpretam e como realmente tem agido.

CAPÍTULO 1

PROPAGANDA E EXPANSÃO DAS USINAS: A PROCURA PELO TRABALHO NO CORTE DA CANA NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO

Partindo da reflexão sobre como se verificam as transformações ocorridas nas cidades de Centralina e Araporã a partir dos incentivos, na década de 1980, para a produção de álcool, percebo que as promessas de emprego atraem até hoje grande contingente de trabalhadores para o local. Exponho a maneira como se engendram as perspectivas e promessas de trabalho na região, trazendo, ainda, os fatores que geraram a mão de obra para o trabalho na cana e outras culturas, a expropriação da terra pelos latifúndios, relegando os trabalhadores à busca pelo emprego. Analiso como a imprensa, empresários e governo constroem perspectivas e influenciam a vida dos trabalhadores que deixaram suas experiências com agricultura familiar, procurando melhores condições de vida. Pensando as lutas em que se integram na região onde trabalham e na região de origem ao tomarem como perspectiva de trabalho vivenciando a mobilidade na procura do mesmo. Para isso, me detenho ao uso de fontes orais, jornais, atas da Câmara Municipal que, articulados, podem me levar a entender o movimento dos trabalhadores envolvidos no enredo.

As usinas se localizam em diversas cidades do Triângulo Mineiro, situadas em Municípios bem próximos uns dos outros.

A noção dos trabalhadores, interpretadas nas narrativas produzidas sobre a composição de sua ideia de espaço geográfico, é de olhar as cidades pelo cultivo da cana e do local onde eles trabalham. Ao analisar as fontes, percebo que é representativo para eles, a respeito do lugar onde moram e trabalham, a localização das usinas e plantações de cana. O hábito e a rotina de deslocamento diário para o trabalho em diversas cidades da região onde se planta cana, no Triângulo Mineiro são explícitos. Narrando sobre o trabalho, tanto em Centralina quanto em Araporã, os trabalhadores se encontram “fichados”, ou seja, contratados em usinas de outras cidades próximas como Canápolis, Capinópolis, Tupaciguara, entre outras. Retornam para casa no fim da tarde, em Centralina ou Araporã.

Narrando e interpretando o trajeto percorrido para o trabalho, essa divisão do mapa em cidades aparece de outra maneira para os trabalhadores da cana. O local ou região onde trabalham abrange o território de oferta de emprego, das lavouras de cana. As cidades de Centralina e Araporã são os locais de domicílio dos trabalhadores da cana, onde utilizam os equipamentos de saúde pública, e também onde gastam parte de seu dinheiro. Elas não são pólos de produção de açúcar, apenas abrigam os trabalhadores da cana por uma parte do ano. A oferta delinea o espaço ocupado pelo trabalho na cana, mas nem sempre determina o domicílio, as cidades da região onde há usinas não comportam a demanda de trabalhadores que acabam tendo que procurar cidade vizinhas para morar. Abaixo, os trechos de algumas narrativas trazem essa perspectiva, onde a oferta por trabalho causa a mobilidade diária dos trabalhadores da cana dentro do Triângulo Mineiro:

Adenilson: Não eu trabalho lá em Canápolis.

Renata: Em Canapópolis... E vem e volta todo dia...

Adenilson: Todo dia.

Renata: Por que você mora aqui? Ou lá não tem como?

Adenilson: Não é por que a usina que eu trabalho ela pega turma daqui tomem, daqui e de lá de Canapópolis.

Renata: É tudo aqui tudo pertinho né?

Adenilson: É em Canapópolis, Ituiutaba, Araporã, Capinópolis... ”²⁴

“José dos Santos: Ah eu to aqui desde o ano passado... eu to aqui...

Renata: Sim... E você tá trabalhando?

José dos Santos: Tô...

Renata: Aonde?

José dos Santos: Lá no... essa firma... Aroeira (Tupaciguara)²⁵

José Hamilton: Já trabalhei em várias usinas aqui, já trabalhei na Triálcool, na Vale, na Triálcool (Canapópolis) não na Vale (Prata) eu trabalhei bastante e to lá.²⁶

Renata: Ah tá da outra vez que nos falamos você tava falando de uma que você tava trabalhando é aqui perto...?

²⁴ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina/Bahia. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 6.

²⁵ José do Santos. Trabalhador do corte de cana 42 anos. Reside em Araporã, veio de Santana do Ipanema/Alagoas. Entrevista realizada em 13/10/2009. p. 2.

²⁶ José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã veio de Conceição do Cuieté (Bahia). Entrevista realizada em 13/10/2009. p. 2.

Antônio Bispo: ... É em Campo florido

Renata: Campo Florido... agora é lá?

Antônio Bispo: Não agora é aqui agora...

Renata: Tupaciguara que você disse que vai e volta todo dia né...

Antônio Bispo: É... É Tupaciguara (Aroeira) ²⁷

Abadio Honorato: Por exemplo, pra qui pra esta cidade que isso qui é deste tamanhozinho né? Essas usinas ai é tudo pra outro setor pra lá Tupaciguara, né? Canápolis e lá em Ituiutaba pra lá, aqui pra qui memo num tem aqui nem uma de arco.²⁸

Percebo nas interpretações feitas pelos trabalhadores da cana sobre o trabalho na região, que a ocupação das cidades de Centralina e Araporã acontece por que as cidades onde estão instaladas as usinas já não comportam mais a população flutuante. A rotina de itinerância dos trabalhadores da cana começa saindo de suas cidades de origem e permanece todos os dias ao se deslocam até as lavouras. O crescimento dessas empresas vem provocando, há mais de três décadas, mudanças significativas na vida dos trabalhadores da cana e de outras categorias envolvidas com a produção de álcool. A busca pelo trabalho e a itinerância vividas pelos trabalhadores vai além da necessidade de emprego, mas parte da necessidade das próprias empresas que procuram essa mão de obra. Os trabalhadores locais não preenchem toda a oferta de emprego nas usinas. A mobilidade acontece diariamente nas experiências dos trabalhadores da cana. Mesmo depois que encontram emprego, vivem essa mobilidade todos os dias no trajeto para o trabalho. O trabalho é determinante nas experiências dos trabalhadores da cana, conectando-os à itinerância e também à instabilidade do desemprego no final da safra.

A categoria de trabalhadores da cana se interpreta vivendo relações diferentes dos lavradores, pois se constituiu a partir de novas relações de trabalho, temporário, itinerante, pesado, que tem como agravante baixos salários e mudanças radicais no seu cotidiano familiar e de trabalho, trazendo novas inquietações a serem investigadas. As idades dos trabalhadores da cana das narrativas acima também são significativas do processo de desenvolvimento da cana desde 1980; as idades variam de 34 a 53 anos, o trabalho na cana passa por diversas gerações e se compõe de diferentes trabalhadores

²⁷ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcantra (Piauí). Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 5.

²⁸ Abadio Honorato Neiva. Morador de Centralina, de 83 anos. Trabalhou na construção civil em várias cidades do Triângulo Mineiro, veio de Perdizes (Minas Gerais) para Centralina há 50 anos. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 3.

com experiências distintas. O que é comum entre eles são as experiências vividas no trabalho na cana.

O trajeto para o trabalho começa às quatro horas da manhã, chegando às seis e meia e começando no trabalho às sete horas. Ao pensar dessa forma a abrangência do espaço geográfico para os trabalhadores da cana que residem em Centralina ou Araporã vai além da divisão dos dois Municípios. Esse caminho, ou espaço geográfico demarcado por mim para a pesquisa, não se encaixa na perspectiva dos trabalhadores. As narrativas trouxeram para o enredo o envolvimento do trabalhador com o mundo do trabalho. O que as narrativas me possibilitam é perceber que essa noção de espaço geográfico se configura de forma diferente para os trabalhadores no seu modo de pensar a sua própria trajetória e as delimitações territoriais em função do mundo do trabalho e do trabalhador. É necessário trazer para o debate a perspectiva de espaço geográfico para os trabalhadores que não se restringe aos meus supostos de delimitação espacial dentre tantos outros que fui percebendo no decorrer da pesquisa. Yara Aun Khoury nos coloca essa perspectiva das experiências compartilhadas no mundo do trabalho nesta passagem de seu texto:

Nesse sentido, temos nos indagado se nossa narrativa esta sendo capaz de trazer a tona novas tendências e diferenças em seus significados e sentidos políticos, enfrentado o duplo movimento de compreendê-los em seus contextos localizados e de explicá-los na perspectiva de luta de classes no movimento mais amplo da história²⁹.

Dessa forma, procuro pensar o espaço geográfico interpretado nas narrativas, como espaço onde se dão as experiências compartilhadas da categoria de trabalhadores da cana e que tem uma dimensão política. Traz para o diálogo como os trabalhadores na sua linguagem permitem quebrar fronteiras sociais ao se posicionar frente aos acontecimentos dos quais participam. O trabalho esboça o destino e a vida dos trabalhadores da cana e essa escolha não é somente deles, mas das circunstâncias em que as empresas estão proporcionando esse trabalho e de que forma ele chega aos trabalhadores, seja por meio de um aliciador ou a indicação de um amigo.

²⁹ KHOURY, Yara Aun. Do mundo do trabalho ao mundo dos trabalhadores: História e Historiografia. **Mundos dos trabalhadores, lutas e projetos:** temas e perspectivas de investigação na historiografia contemporânea. Cascavel: Edunioeste, 2009. p. 131. (Série Tempos Históricos; 3).

Há que se pensar como os próprios trabalhadores interpretam suas experiências e a forma que conduzem as mesmas no trabalho, compreendendo como se inseriam no processo. A perspectiva de espaço geográfico de abrangência do trabalho na cana cabe dentro das interpretações dos trabalhadores, pois é o caminho traçado por eles diariamente entre diversas cidades do Triângulo Mineiro.

Em outra perspectiva de espaço geográfico, percebo nas narrativas que a procura por trabalho na cana ocorre em várias partes do território brasileiro, os trechos apresentados abaixo apontam para caminho percorrido pelos trabalhadores na procura por trabalho. A procura por trabalho acontece há décadas e é vivida por diferentes gerações no circuito das agroindústrias de cana que tem se espalhado pelo país. Nas narrativas, a experiência dos sujeitos com o trabalho no corte de cana perpassa pelas cidades envolvidas na direção do avanço das usinas pelo país. As trajetórias desses trabalhadores passam por todos os estados citados acima. O mundo do trabalho no corte de cana percorre os estados de Alagoas, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso, Goiás entre outros:

Antônio Bispo: Oh eu comecei a corta cana desde 1984.

Renata: Por quais lugares você já passou?

Antônio Bispo: Ribeirão Preto, São Joaquim da Barra, Orlanda, Barretos, São José do Rio Preto, Campo Florido ... Minas Gerais.”³⁰

“José Hamilton: Naquele tempo que eu fiquei sem vir aqui eu ia pra outras usinas, Mato Grosso, São Paulo, Goiás... lá produz de tudo. Algodão, usina de cana, ia pra outros lugar tudo aí...”

Renata: Sempre viajando...

José Hamilton: Viajando, nunca parei...³¹

Rocinaldo: Aí tem que dá uma voltinha, aí é onde o caso que tá dano certo, e é muito bom as usina são boa, tem muitas usina boa aqui, aqui em São Paulo no Mato Grosso tudo tem umas usina boa.

Renata: Então já passou por outras?

Rocinaldo: Já passei por um muncado delas, no Mato Grosso passei boa também mesmo jeito daqui boa também e aqui nós achamos mais boa por quê aqui é mais perto de casa né? Também Mato Grosso é longe aqui é mais perto, pertinho Minas Gerais.

³⁰ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina, veio de Barra de Alcantra (Piauí). Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 1.

³¹ José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã veio de Conceição do Cuieté/Bahia. Entrevista realizada em 13/10/2009. P. 2.

Renata: Só lá no Mato Grosso além dessa?

*Rocinaldo: Não, São Paulo também, já trabalhei lá também, lá é bom também, mas num ganhava muito como aqui, aqui tá ganhando mais e melhor, no Mato Grosso ganhava, era boa também, quase a mesma coisa daqui boa também, mas na Trialcool aqui digamos assim no dizer ela é respeitada, melhor um pouco, né?*³²

Paulo: Pra outros lugares. Que outros lugares você já foi...?

Omar: Mato Grosso.

Paulo: Mato grosso. Cortar cana mesmo?

*Omar: Corta cana... Só cana, só mexo com cana.*³³

Os trabalhadores da cana têm como experiência de vida e trabalho a lavoura de cana, muitos estão nesse ofício desde a década de 1980. A procura por trabalho na cana acontece em todo o país, tendo como alternativa e experiência essa função os trabalhadores da cana vivem essa mobilidade como forma de se manter empregados sempre, mesmo que apenas por alguns meses do ano essa função garante a eles um lugar social e econômico.

Os trabalhadores da cana não podem parar, pois as lavouras de cana estão sempre se expandindo pelo país e eles são atraídos pelo emprego nelas. Para muitos, o trabalho da cana possibilitou melhorias na vida de suas famílias, no sentido financeiro. Torna-se a única profissão de muitos que permanecem no ofício e tem nessa atividade a experiência de trabalho. Pensar o trabalhador da cana é pensar as teias que envolvem todo o percurso da vida desses sujeitos, interpretando sua vida no trabalho traz muito sobre seu cotidiano.

A oferta de trabalho no corte de cana é grande, é uma opção frente ao desemprego experimentado pelos trabalhadores em sua cidade de origem. Esses precisam procurar trabalho em outros espaços e, por isso, viver longe da família é uma consequência necessária ao sustento da mesma. O circuito da cana no país abrange muitos territórios e esta em expansão contínua. O trabalho manual continua à medida que se instalam novas usinas, que ainda vão depender dele.

³² Rocinaldo Silva. Trabalhador do corte de cana que veio de Barras Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p.5.

³³ Omar Mendes de oliveira. Trabalhador cortador de cana, 27 anos. Reside em Centralina veio de Barras no Piauí. Entrevista Realizada em 31/07/2008. p. 2.

Como outras culturas, a cana de açúcar é monopólio de alguns grupos capitalistas, nacionais e estrangeiros (Tércio Wanderley, João Lyra, Moema e Bunge). Esses grupos optam por locais onde possam explorar recursos ambientais e sociais causando inúmeros problemas por onde se instalam. As promessas com a instalação são muitas e os benefícios cedidos pelo governo são garantidos. A propaganda das usinas ocorre de forma enganosa, pois se justifica em cima de ações floreadas como melhorias; no entanto, a atividade prejudica o meio ambiente e os trabalhadores. Releva suas ilegalidades pagando multas e indenizações por seus atos destrutivos tanto ao meio ambiente como para trabalhadores sem transformar de forma efetiva sua responsabilidade social. Remediar as ações errôneas tem mantido trabalhadores em péssimas condições de vida e trabalho, tornando-se uma condescendência à destruição do meio ambiente por onde se alojam. Por outro lado, enche os cofres públicos. Quando se cumpre a lei dessa forma, as providências são adotadas momentaneamente, os problemas e culpados continuam a agir inconsequentemente.

As interpretações contidas nas narrativas sugerem ir além, elas nos propõem evidências da expansão da agroindústria da cana e ofertas de empregos na dinâmica cotidiana da vida dos trabalhadores.

A procura pelo trabalho e sobrevivência traça a trajetória profissional e geográfica dos trabalhadores da cana na sua dimensão do que é ser trabalhador hoje. O desemprego, entre outros fatores, são apontados por eles como motivação para percorrer o país à procura de trabalho nos canaviais. Estar desempregado na sociedade atual é visto como um problema, e ser trabalhador confere inúmeras oportunidades que desempregado não se alcança. Poder comprar e ter crédito na praça, sustentar a família...

A trajetória dessas pessoas é fruto de inúmeros fatores como o desenvolvimento da agroindústria, que possibilita o emprego na lavoura de cana. Os que não têm condições de competir com a agroindústria trabalham para ela. A competição desigual com pequenos produtores possibilitou juntamente a outros fatores o crescimento dos desempregados que vendem sua mão-de-obra a baixo custo.

Não são apenas os trabalhadores da cana que sofreram com os caminhos tomados pela agricultura no Brasil. As pessoas que residem nos pequenos Municípios de Centralina e Araporã, em sua maioria vieram de outras cidades, em outro momento. E hoje percebem que a produção agrícola da cidade está na mão de poucos.

A maioria dos entrevistados que residem nessas cidades já trabalham como lavradores para alguém e não em suas próprias terras. Em Centralina e Araporã, as usinas alugaram as terras desses agricultores para plantar cana. Esses deixaram de produzir e passaram a receber uma quantia e viver na cidade. No diálogo com os moradores de ambas as cidades, percebo que a população local foi formada por migrantes da zona rural da região ou mesmo de outros estados. Quando questionados se eles haviam nascido no local, a maioria respondia que haviam ido com os pais ainda na infância. Como nos trechos que seguem:

Renata: 65 anos... desde quando o senhor mora na cidade?

João Faria: Ah desde quando eu nasci né...

Renata: O senhor nasceu aqui?

João Faria: Foi

Renata: unrum...

*João Faria: Nasci no Município de Monte Alegre, mas vim pra cá moleque novo.*³⁴

Renata: Desde quando o senhor mora aqui?

João Carlos: Ixi tem... eu vim pra cá com 2 anos tem 60 anos [...]

Renata: O senhor nasceu aonde?

*João Carlos: ... Não... Em Uberaba.*³⁵

Renata: Tem quanto tempo que o senhor mora aqui em Centralina?

Jurandir: Tem uns 40... 50 anos...

Renata: O senhor é de onde?

Jurandir: Rio Grande do Norte...

Renata: Rio Grande do Norte? Qual cidade?

*Jurandir: Sou de Santa Cruz.*³⁶

Renata: Desde quando você mora aqui?

Julia: Ah já faz uns 20 anos.

Renata: A sua profissão?

³⁴ João Faria Filho. Morador de Centralina, 65 anos. Trabalhou como lavrador em diversas culturas, mas não na cana. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 1.

³⁵ João Carlos do Nascimento. Morador de Centralina, 62 anos. Trabalhou como lavrador, mas não na cana. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 1.

³⁶ Jurandir Batista da Silva. Morador de Centralina, 71 anos. Trabalhou como lavrador no corte de cana e também como fiscal na usina Alvorada. Nasceu em Santa Cruz Rio Grande do Norte. Entrevista Realizada em 29/03/2010. p. 1.

Julia: Cabeleireira.

Renata: Cabeleireira é se você não nasceu aqui de onde veio?

Julia: Eu sou de Ipiáçu.

Renata: Ipiáçu fica aqui em Minas...

*Julia: em Minas*³⁷

Renata: O senhor mora aqui desde quando?

Rivail: Eu... Meu comércio é desde 1972.

Renata: O senhor nasceu aqui então?

Rivail: Não eu nasci no Município de Ituiutaba.

Renata: Ituiutaba... E veio pra cá?

Rivail: sim vim pra cá

Renata: Senhor veio pra cá trabalhar?

Rivail: Vim pra cá no ano de 55... 1955

Renata: O senhor veio procurar emprego?

*Rivail: Não eu vim com meu pai, meu pai naquela época mudou pra cá e eu vim com ele e chegou aqui e era criança aí nessa cidade*³⁸

Renata: 83... tem quanto tempo que o senhor mora aqui?

Abadio: Tem uns 50 anos...

Renata: Senhor veio da onde? Senhor nasceu aonde?

Abadio: Nasci em Perdizes lá perto de Araxá

Renata: Senhor veio pra cá trabalhar? como que foi?

*Abadio: Vim pra cá construí a Prefeitura e mais umas casa boa aí... aí logo apusentei.*³⁹

Grande parte da população das cidades de Centralina e Araporã, apesar de não terem nascido nos Municípios, consideram que o tempo em que se encontram no local é mais significativo do que nascer ali. Levando em conta o tempo vivido nessas cidades e as experiências compartilhadas, esses narradores têm muito a dizer sobre os rumos tomados pelo desenvolvimento das duas cidades. Percebo que o crescimento e a organização dessas cidades se dão por meio do trabalho rural em diferentes momentos.

³⁷ Julia Francisca da Silva. Moradora do Município de Centralina 49 anos, ex funcionária da Prefeitura na área do meio ambiente formada em biologia, trabalha atualmente como cabelereira na cidade. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 1.

³⁸ Rivail Rodrigues Atanasio. Morador de Centralina, 63. Comerciante. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 1

³⁹ Abadio Honorato Neiva. Morador de Centralina de 83 anos. Trabalhou na construção civil em várias cidades do Triângulo Mineiro, veio de Perdizes (Minas Gerais) para Centralina há 50 anos. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 1.

Com a chegada das famílias dos atuais moradores e agora com os trabalhadores da cana, o trabalho no campo se processa de maneiras e culturas distintas. A cana trouxe novas dinâmicas para estas cidades e modificou outras que antes eram parte do cotidiano dos moradores das cidades. As interpretações sobre o processo de vinda dos trabalhadores da cana pelos moradores das cidades os colocam como forasteiros, esquecendo-se do processo pelo qual eles também passaram no passado, pois esses moradores falam de temporalidades diferentes.

Então, ao falarmos na população da região, estamos falando de migrantes, de outras gerações, que atualmente compõem a população local. As cidades foram formadas por migrantes e cresceu em função dessa migração em busca de emprego e melhoria de vida. Assim, percebemos que a formação dessas duas cidades se compõe da presença de pessoas de vários locais. Entretanto, a forma como muitas destas pessoas se relacionam com os trabalhadores da cana se faz alicerçada sobre estereótipos e preconceitos, e estes são, frequentemente, legitimados pelos meios de comunicação em geral. Nesse sentido, trabalhar com as narrativas possibilita a reflexão de como a memória da população se forma no presente. Mesmo sendo filhos de migrantes, os moradores das cidades em questão, no decorrer de suas narrativas, não assumem uma postura de igualdade entre eles e os trabalhadores da cana. Portanto, compreendo que a promessa do eldorado que vem acontecendo na região não está diretamente relacionada à produção da cana; as evidências apontam que outros setores da agricultura, muitos anos antes do auge da cana (meados da década de 1980), fizeram valer tais ilusões. O cultivo do algodão e a pecuária, por exemplo, já empregavam muitas pessoas anteriormente a 1980. Com isso, o movimento de expropriação da terra nos Municípios de Centralina e Araporã se processa muitos anos antes da chegada da monocultura da cana ao Triângulo Mineiro.

O eldorado dos anos 1980 não passou de uma promessa. Na realidade, os trabalhadores do corte de cana não viveram esse eldorado, e ainda hoje experimentam um cotidiano de contenção de gastos, vivendo com o estritamente necessário. Economizar em tudo é quase uma obrigação, já que grande parte dos trabalhadores (mal remunerados pelas empresas) tem de sustentar duas residências. Andando pelas ruas de Centralina visualizei muitas portas fechadas (comércio), casas velhas sem moradores e um comércio básico no centro da cidade.

A cidade se preparou para um aquecimento econômico que acontece, na realidade, de forma tímida e não com o vulto esperado. Os trabalhadores da cana tomam o trabalho na região de Centralina e Araporã como alternativa para além da sobrevivência. Na interpretação da maioria dos trabalhadores, não ter possibilidade de tocar a sua própria terra na sua cidade de origem como um empreendimento rendoso é o que impulsiona a procura de trabalho e possibilidades de ganho financeiro. Isso no caso dos que ainda tem um pedaço de terra, os que não o tem sonham em arrumar um trabalho e levar a família. A agroindústria, que conta com incentivos desde os anos 1980, está em franca expansão no Brasil e em Minas Gerais. Nessa reportagem do jornal *Correio de Uberlândia*, percebemos os interesses do governo em expandir as agroindústrias:

O programa Estadual de Promoção de Pequenos Produtores Rurais tem como objetivo principal acabar, ou pelo menos minimizar o problema da pobreza rural em Minas Gerais norteando, assim, suas linhas de ação para a promoção do desenvolvimento rural regional de forma integrada. Resumidamente consiste em fortalecer núcleos urbanos capazes de prestar serviços necessários ao meio rural aproveitar mais adequadamente os recursos naturais, criar uma base econômica nas pequenas explorações que possibilite elevação da renda dos pequenos produtores bem como colocar no mercado produtos essenciais para a população de baixa renda.

O prazo para implantação do programa é de cinco anos e os recursos envolvidos são da ordem de 210 milhões de dólares, sendo 70 milhões correspondentes a participação do Governo Federal, 70 milhões como contrapartida de Minas Gerais e mais 70 milhões oriundos do financiamento do Banco Mundial dos Estados Unidos. A execução do programa deverá ter início a partir de julho próximo.

O programa contempla 192 municípios das regiões Nordeste, Vale do Rio Doce, Noroeste e Sul de Minas. Para retornar operacional, necessita entre outras coisas melhoria dos equipamentos de educação, saúde, habitação e saneamento, sistematização do esquema de intermediação e comercialização dos produtos agrícolas e dos insumos necessários aos processos produtivos, criação de estímulos a constituição de indústrias domésticas e de agroindústrias, crédito rural com assistência técnica, compra antecipada de produção, irrigação de várzeas e reflorestamento⁴⁰.

O programa referido prometia 210 milhões destinados às regiões mineiras, financiados pelo Governo Federal, pelo estado de Minas Gerais e pelo Banco Mundial dos Estados Unidos. O interesse do programa nesse momento é a expansão das agroindústrias da região.

⁴⁰ Milhões para acabar com a pobreza rural em Minas. Jornal *Correio de Uberlândia*, 2/05/1980. p. 2.

Percebo que essa reportagem aponta para uma mudança na dinâmica social de estímulos ao uso das tecnologias no campo. O interesse do banco Mundial dos Estados Unidos neste momento é propor a industrialização do campo com o intuito de aumentar seu mercado para venda de máquinas agrícolas. Unindo seus anseios aos do governo federal no sentido de modernizar e expandir a agroindústria brasileira, colocam à disposição crédito ao produtor rural interessado em aumentar sua produção e lucros. Essa reportagem dá sinais das mudanças que ocorriam na região em 1980 e nos remete aos rumos tomados pela agricultura brasileira. Essa reportagem aparece no mesmo jornal em que há reportagens sobre a produção de álcool e incentivos fiscais para as indústrias açucareiras, estimulando, ainda, a necessidade de mão de obra nesse setor. Isso nos evidencia que os caminhos tomados pela agricultura no Brasil, um programa que abrange o agronegócio na região, é incompatível com beneficiamento dos pequenos produtores, pois tem seguimentos distintos.

Nos anos 1980, ocorreu no país uma crise no setor de energia. Lendo os exemplares do jornal *Correio* daquele ano, encontrei reportagens discorrendo sobre propostas de substituição do petróleo por álcool e também sobre incentivos às pesquisas e apoio às indústrias que produzem o álcool. O Proálcool⁴¹ foi um programa de substituição de derivados do petróleo que ocasionava a dependência do Brasil aos países estrangeiros na produção de energia. Além disso, as ações previstas no mesmo, como o aumento da produção de álcool, visavam à criação de condições para que o país disputasse espaço no mercado externo. Com esses indícios, podemos perceber como se

⁴¹ O Proálcool, Programa Nacional do Álcool, foi definido em novembro de 1975 e acelerado a partir de julho de 1979, numa tentativa do governo brasileiro de encontrar uma solução para se desenvolver fontes alternativas de energia líquida. Este programa federal, administrado pelo Ministério da Indústria e Comércio através da CENAL – Comissão Executiva Nacional do Álcool -, tinha por objetivo o aumento da produção de safras agroenergéticas e da capacidade industrial de transformação, visando à obtenção de álcool para substituir o petróleo e seus derivados, em especial a gasolina. Embora o Proálcool tenha sido implementado em 1975, foi a partir de 1979, depois do segundo choque do petróleo, que o Brasil, de forma mais ousada, lançou a Segunda fase do Proálcool, que possuía como meta a produção de 7,7 bilhões de litros em cinco anos. A intenção do Estado, anteriormente ao Proálcool, era a de aumentar a produção de alimentos e exportáveis do setor, buscando a estabilidade interna e também nas contas externas. Com a criação do Proálcool, transfere-se também para a agricultura a responsabilidade de tentar superar a crise do petróleo e estabilizar as contas externas. Neste contexto, o governo em sua ação direta ou indireta, dado a ausência de recursos para atender todo o agro nacional, optou por privilegiar algumas culturas e desprezar outras como é o caso dos produtos de mercado interno, relegados ao segundo plano. Uma das críticas apresentadas por muitos estudiosos, é que o Proálcool tem caráter concentrador e elitista, descuidando-se das consequências sociais, geradas pelos problemas nas áreas de produção de alimentos e do aumento das desigualdades regionais e setoriais. Ou seja, em função dos altos investimentos e dos objetivos previstos, o Proálcool foi projetado para grandes empresas, impedindo que o pequeno lavrador participasse do programa, a não ser como mero fornecedor de cana-de-açúcar. (NETO, Wenceslau Gonçalves; OLIVEIRA, Maria Elizete de. Proálcool (1975-1980): Alternativa ao Petróleo?).

processa essa promessa e como ela vai sendo propagandeada em todo o país, divulgada como a energia do futuro.

Na reportagem do jornal *Correio de Uberlândia*, podemos notar que participar do programa é algo economicamente vantajoso para cidade e, por isso, oferece apoio para a entrada das empresas no Triângulo:

O prefeito Virgílio Galassi já estendeu convites a diretores de diversas empresas uberlandenses, os quais reúnem condições de participar de tão importante empreendimento. Na oportunidade o ilustre visitante (Sidônio Naves) mostrará aos participantes da reunião no SENAC os planos e as condições de apoio do governo federal, através da Comissão Especial de Energia, afim de que Uberlândia e a nossa região, venham a ser colocadas nesta campanha nacional de produção de álcool ou de outras categorias capazes de produzir combustível⁴².

Notam-se os interesses dos empresários, o auxílio do governo federal e a satisfação da prefeitura em receber uma usina para região. Embalados pelos prenúncios de prosperidade financeira com a produção de energia neste momento, os incentivos para a compra de carros a álcool e investimentos na exportação do produto são pautas no jornal em meio às promessas de prosperidade das usinas. As reportagens são muitas e diversas, mas se identificam com a proposta de alto ganho financeiro para a região, o que também resultou na atração de mão de obra para o Triângulo Mineiro.

As políticas públicas no setor agrícola vão construindo a ideia da necessidade de investimento em setores que tem dado resposta aos problemas da escassez de energia, preço do petróleo, entre outros. Com o desenvolvimento das usinas de cana, a região do Triângulo Mineiro avança na produção de cana de açúcar, mas a crise de energia se repete no decorrer dos últimos 30 anos. O trabalho na cana e o problema da miséria e desemprego continuam no presente, na vida da maioria dos trabalhadores que hoje se encontram no corte de cana. Com a grande propaganda acerca da produção de energia da cana de açúcar, uma das possibilidades é o trabalho nas usinas espalhadas por todo país.

As atenções do Governo Federal, políticos e empresários estão voltadas para a instalação de usinas e indústrias justificadas como portadoras do desenvolvimento e crescimento econômico das cidades e também da região. O discurso também contempla

⁴² Uberlândia pode ganhar hoje uma usina de álcool combustível. **Jornal Correio de Uberlândia**, 1/2/1980, p. 1.

a sociedade como grande beneficiada pelo processo em questão. Contudo, a meu ver, os benefícios ficaram com os grupos capitalistas, donos das usinas. Na medida em que as agroindústrias se expandem no mercado interno e externo, mais necessitam de mão de obra nos canaviais. Os trabalhadores da cana impossibilitados de trabalhar suas propriedades com lucro financeiro procuram emprego onde há, nas plantações de cana de açúcar. A atração desse contingente de mão de obra que comparece às cidades de Centralina e Araporã, como em tantas outras cidades do país, tem como meio de sobrevivência o trabalho assalariado nas usinas.

O Proálcool propiciou o desenvolvimento da produção da cana de açúcar na região, transformando economicamente alguns municípios do Triângulo Mineiro. A compra e a locação de terras, o tipo de cultivo, a necessidade de mão de obra foram transformando as regiões nas quais se encontram as usinas. Baianinho, apelido de Eurípedes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã, interpreta esse momento no trecho da narrativa abaixo produzida para o projeto de pesquisa *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triangulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Moraes, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG, no qual faz um balanço das transformações geradas pelas usinas em longo prazo pelas usinas de álcool:

Paulo Almeida: E você falou que nos anos 80 essa promessa do eldorado, o que se fazia nessa região naquela época o que se plantava como que vivia essas pessoas é... a cana veio substituir o que? Aqui na sua região especificamente nessa época durante esse período?

Eurípedes: Bem na minha região é o seguinte nos anos 80 é... havia uma monocultura que a gente falava, tinha muitas lavouras de milho muitas lavouras de algodão muitas lavouras de arroz tinha muitas, tinha muitos agricultores familiares se morava muita gente nas roças uma grande maioria morava, mas aí chegou a cana, chegou a cana e isso foi sumindo então foi engolindo, tipo assim uma fazenda que tinha aí 50 alqueires ela tinha lá cinco pessoas morando a usina foi alugo e planto cana até lá onde tinha a casa do cara e aquelas pessoas veio pra cidade elas faz o que? Se ela plantava lá um... Trabalhava pra um fazendeiro ou coisa assim plantava lá no fundo uma horta criava galinha e tal chegou um aperto aí muito grande, grande maioria já veio pra cidade então veio pra fazer o que? Trabalhar lá na cana e que agora tá sem perspectiva então na época tinha muita... Plantava-se milho, arroz, feijão, criava galinha, trazia porco pra vender na feira hoje até a feira não tem mais aqui uma cidade pequena aqui se você for na feira ninguém vende galinha por que não tem, vai criar aonde? Então a usina veio e abafou o município tipo assim alugou os municípios então secou fechou...

Paulo Almeida: ... Mas então as usinas compraram essas terras ou elas arrendaram? Como é que foi esse processo?

Eurípedes: Oitenta a noventa por cento é arrendado aqui na minha região é arrendado, a usina tem pouca, a própria usina em si mesmo tem pouca lavoura, então alugou por 10 anos aquelas pequenas propriedades que tinha 20 alqueires, alugou por 10 anos o outro tem 10 alqueires alugou por 10 anos o outro tem cinco alqueires alugo por 10 anos...

Paulo Almeida: ... Mas é o próprio proprietário da terra que planta a cana? Ou é a usina que...

Eurípedes: ... A usina que aluga e planta 100% aqui não têm fornecedores pequenos, nos não temos aqui, aqui o cara aluga e fica amarrado com a usina se a usina não paga a comida dele também não vai comer mais ou menos assim paga-se por mês por seis meses por um ano, tipo faz este contrato de dez anos e...

Paulo Almeida: ... Então a presença da usina afetou não só a questão do trabalho e trabalhador, mas também do pequeno proprietário...

Eurípedes: ... Do pequeno proprietário hoje nos não temo pequeno mais o pequeno ta aqui na cidade ele ta... Ta aposentado, que trabalhava aposento e fico só na praça e alugo a terra dele e ta só na praça pescando não ta fazendo nada então a usina monopolizou, então ela é dona de tudo praticamente é a prefeita, delegada, juíza do município...⁴³.

Na interpretação de Baianinho sobre o processo, nos coloca problemas que percebemos de modo geral na fala dos moradores. Problemas esses que, vistos por essa ótica, colocam em xeque tudo que empresários e governo tentaram legitimar a respeito dos avanços com produção de cana. Esses problemas evidenciam os inúmeros conflitos e conciliações e seus efeitos na economia municipal. As mudanças vão além da chegada de trabalhadores, provocaram alterações em aspectos econômicos, ambientais e sociais destes locais. A economia alavancou o setor de energia, mas para as cidades onde se encontram a mão de obra das usinas o retorno é mínimo. A situação encontrada ao andar pelas cidades de Centralina e Araporã e conversar com os moradores locais percebo que

⁴³ Eurípedes Batista Ferreira, conhecido como Baianinho. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Familiares de Centralina e Araporã em 24/03/2009. p. 1e 2. Entrevista produzida para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Moraes, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG

não há uma feira livre e o custo de vida, alimentação e aluguel aumentaram. O *boom* do etanol não trouxe benefícios nem aos trabalhadores, nem ao Município. As promessas do Proálcool e as políticas públicas de incentivo à instalação de usinas e produção em larga escala para importação e exportação causou a dependência dos municípios ao cultivo da cana de açúcar.

É nesse enredo que a crescente categoria de trabalhadores da cana procura seu lugar no mercado de trabalho do setor sucroalcooleiro. No trecho do jornal *Correio*, abaixo, há evidências da propaganda para a busca da mão de obra:

A carência de mão-de-obra especializada nas diversas etapas dos processos de produção e processamento de matéria-prima destinada à destilação de álcool carburante abre novas perspectivas de mercado de trabalho para as populações das zonas rurais e urbanas do interior do país, contribuindo para impedir o êxodo para as grandes cidades. Por esse motivo, a Bráscool, empresa brasileira de álcool S.A. considera necessário no momento o engajamento de entidades encarregadas dos projetos de formação de mão-de-obra no país na preparação de trabalhadores qualificados para a parte agrícola e industrial, aos empreendimentos enquadrados no Proálcool⁴⁴.

Há uma mobilização da sociedade para suprir a demanda de trabalho nas usinas: oferecem cursos de capacitação para que possam contar com a mão de obra especializada. As propostas de emprego no setor atraíram muitas pessoas, é possível visualizar a jogada de empresários e governo, que procuram incentivar o trabalho na cana e colocá-lo como alternativa ao desemprego. As usinas aumentam sua produção e utilizam máquinas; torna-se extremamente necessária a preparação de mão de obra para as lavouras em expansão. O mercado de trabalho da cana para muitas pessoas nesse período, sem uma perspectiva de formação educacional, foi a opção de sobrevivência. Fadados ao salário imposto por essas usinas agroexportadoras, muitos aderiam à rotina de migração. Todo ano, saem em busca de empregos no período de plantio e colheita do produto. A formação que adquiriram foi por meio do trabalho nos canaviais, e é neles que trabalharam durante décadas, até os dias atuais.

Deixam a região de origem em busca das ofertas de empregos, para trabalhar em Municípios como Centralina e Araporã, em busca dessa promessa que envolve a produção de energia por meio da cana-de-açúcar, a propaganda de emprego e possibilidade de trabalho. Nessa perspectiva, o movimento migratório foi gerado e

⁴⁴ Mão-de-obra para o Proálcool. Jornal *Correio de Uberlândia*, 4-09-1980, p.2.

revestido da propaganda da imprensa e política. Construindo a ideia de que essas empresas geram emprego no intuito de melhorar o país e de fornecer serviço para quem precisa. Os trabalhadores da cana oferecem mão de obra a baixo custo. As terras da região de Centralina e Araporã alugadas pelas usinas, que após seu esgotamento devolvem as mesmas aos seus proprietários, é o produto das promessas de melhoria tanto nos municípios como na vida dos trabalhadores que sonham com um salário digno. O interesse das usinas nos anos 1980 é que sejam entendidas como um bem nacional, devendo ser preservadas e controladas por empresas brasileiras ressaltando o interesse do exterior como aparece no jornal *Correio* aqui:

O Proálcool é, deve continuar sendo, um programa exclusivamente exercido e dirigido por brasileiros. O Proálcool, sem jacobinismo, é problema nacional e, como tal, tem de ser levado a termo sem nenhuma ingerência de multinacionais, para realmente atingir aos propósitos para o qual foi criado. O álcool é nosso – o Proálcool é dos brasileiros⁴⁵.

Aqui, podemos perceber que o interesse dos grupos internacionais pelo investimento na produção de energia em terras brasileiras é grande, e que, sabendo disso, é necessário mantê-las nas mãos dos empresários brasileiros, porém em longo prazo há investimentos estrangeiros. O que leva a esse interesse de investimentos no Brasil vai muito além da prosperidade das usinas de álcool. A mão de obra assalariada e mal remunerada entre outras facilidades cedidas pelo governo para a implantação das mesmas atraiu e atrai grupos estrangeiros. Importante é lembrar que, mesmo sendo uma bandeira do Proálcool e, conseqüentemente, do Governo Federal, a geração de empregos, essa luta continua nos dias atuais, confirmando que o assunto foi discutido na época, mas não modificado. Além disso, promessas no sentido de uma rotação de cultura no intuito de favorecer o meio ambiente e o cultivo de outras culturas também não aconteceram. Nessa direção, neste trecho do jornal *Correio*, temos a propaganda quanto a isso em reportagem da Brasálcool:

A implantação de um adequado cronograma agrícola, desde o último corte de cana até o preparo da terra para reinício de plantio, com o aproveitamento dessa área de reforma para o cultivo de cereais e leguminosas traz vantagens extras o solo não ficaria nu no período das chuvas, sofrendo erosão, e essas culturas contribuiriam para o enriquecimento do solo (uma das características das plantas leguminosas é que elas ajudam a fixar o nitrogênio no solo, além de constituírem, após a colheita excelente material para adubação orgânica).

⁴⁵ O álcool é nosso – o Proálcool é dos brasileiros. Jornal *Correio* de Uberlândia, 23-05-1980 p. 7.

A Brasácool como empresa operacional destinada a dar todo o apoio técnico agrícola e industrial, administrativo e financeiro à implantação de destilarias autônomas de álcool carburante estabelecerá nos projetos sob sua orientação um cronograma agrícola que permita a produção de alimentos nas áreas de reformas nos canaviais, contribuindo deste modo, também, para uma solução do problema da mão-de-obra sazonal⁴⁶.

Podemos perceber que muitas foram as propagandas nos anos 1980 e que as mesmas tinham pontos favoráveis tanto para os trabalhadores da cana quanto para a natureza. A rotação de cultura, caso tivesse acontecendo como propõe o jornal, modificaria a vida dos trabalhadores da cana, que teriam emprego o ano todo e poderiam trazer suas famílias para a cidade onde fossem trabalhar.

No jornal que informa a sociedade letrada das transformações da região tem papel na formação de opinião e serve também como mecanismo de controle, o fato de mencionar essa proposta implica em informação sobre este processo para muitas pessoas, e sua não concretização não é publicada posteriormente. Gera uma percepção de que as empresas têm responsabilidade social e estão preocupadas com trabalhadores da cana e meio ambiente. As ideias e planos quanto ao avanço das lavouras de cana e usinas não se tornam reais e, trinta anos depois, reivindicam-se direitos básicos para trabalhadores e respeito ao meio ambiente sem efetivamente conseguir. A poluição de rios e solos, além das péssimas condições de trabalho a que estão submetidos os trabalhadores, continuam até o momento. Nas propagandas e reportagens do jornal *Correio* sobre o tema de 2005 para frente continuam a envolver o leitor de forma a justificar as mudanças que estão ocorrendo no setor aqui na região do Triângulo Mineiro. A lei que proíbe as queimadas aparece como solução à degradação ambiental que as usinas provocam a três décadas na região. O advento do desemprego dos trabalhadores da cana dá lugar às novas categorias envolvidas na produção mecanizada como as bituqueiras:

É época de colheita da cana - de - açúcar no Triângulo Mineiro, maior região produtora de álcool e açúcar de Minas Gerais. Nas áreas onde a mecanização tomou o lugar do facão no corte da cana, mulheres arrematam o que as colheitadeiras não conseguiram fazer.

São as bituqueiras, mão - de - obra principalmente feminina, que recolhem os talos da cana que as máquinas deixam para trás. Segundo os sindicatos da Indústria de Fabricação do álcool no Estado de Minas Gerais (Siamig) e da Indústria do Açúcar no Estado de Minas Gerais (Sindaçúcar), dos 706,9 mil hectares de cana plantada no Estado na safra 2009/2010, 37% (261,5 mil

⁴⁶ A proposta da Brasácool: produzir alimentos. *Correio de Uberlândia*, 25-03-1980 p. 5.

hectares) serão colhidos de forma mecanizada. Em Canapólis, Município no Pontal do Triângulo Mineiro, que tem cana até no nome, a presença das bituqueiras chama a atenção na paisagem da colheita na sexta maior cidade produtora em Minas Gerais. Para trabalhar das 7h às 15h, com direito à uma hora de almoço, elas recebem diárias de 23,30. O trabalho é literalmente pesado⁴⁷.

A mecanização é uma perda para os trabalhadores do corte de cana que se modificam nesse processo, deixando de ser necessários em quase toda atividade de corte nos canaviais. Esses trabalhadores foram mão de obra quase exclusiva nas últimas décadas, pois era mais rentável para as usinas enquanto o uso das máquinas foi mais oneroso. O trabalho praticado no eito dos canaviais está sendo modificado com a lei que proíbe a queimada da cana, o que facilitava o corte manual feito pelos trabalhadores. Agora abre possibilidade de trabalho a trabalhadores qualificados e aptos a desenvolver o trabalho com as máquinas ou no serviço que as colheitadeiras não conseguem desempenhar. Esse trabalho é desenvolvido atualmente por mulheres e homens também. Nessa perspectiva, percebo que a remuneração paga as bituqueiras⁴⁸, seja homem ou mulher, é menor do que o que se pagava para o cortador de cana, além do que não há necessidade do mesmo contingente de trabalhadores para desempenhar as tarefas. As possibilidades de emprego para quem trabalhou no corte de cana durante três décadas se encerram e esse trabalhador tem perdido seu espaço nas usinas gradativamente.

Esse processo remete-se à trajetória do setor da produção de cana desde o início da década de 1980 até os dias atuais, pelo que foi e tem sido propagandeado pela imprensa no intuito de construir uma visão do processo que não se aplicou na realidade dos trabalhadores da cana. O que aconteceu na trajetória dos trabalhadores muito difere do que foi publicado nos jornais; a peregrinação para trabalhar onde consigam emprego modificou totalmente a vida dos trabalhadores, que acabam se dividindo em dois períodos distintos do ano. Pois vivem em cada período do ano e de suas vidas num local diferente, experimentando vivências distintas. Como lemos no trecho da entrevista com José Hamilton, são os trabalhadores que saem à procura de empregos para sobreviver e essa corrida é um tanto quanto incerta. Nas entrevistas, as motivações para a procura de emprego e a forma como se dá essa procura são as mais variadas possíveis.

⁴⁷ Bituqueiras na lida da cana. **Correio de Uberlândia**, 31/05/2009, p. 8.

⁴⁸ As bituqueiras são as mulheres que fazem o serviço que a colheitadeira não consegue fazer, mão-de-obra feita nas lavouras que são mecanizadas. Dispensando a força masculina para o trabalho, que não deixa de ser exaustivo.

Os silêncios são muitos, pois há atividades ilegais envolvidas no processo de vinda e admissão no emprego, os “gatos”, na fala dos trabalhadores, não existem, porém sabemos que ainda é uma prática comum no setor. O que é comum para a maioria é a instabilidade no emprego, que não se aplica só ao corte de cana, mas também em outras culturas. Nas interpretações narradas por trabalhadores da cana que seguem as falas dos trazem essa perspectiva de ser trabalhador da cana:

Rocinaldo: Passei por um muncado delas (usinas), no Mato grosso boa também mesmo jeito que daqui, boa também, e aqui nós achamos mais boa por quê é mais perto de casa, né? (...) São Paulo também, já trabalhei lá também, lá é bom também, mas num ganhava como aqui⁴⁹

José Hamilton: Eu já andei Mato Grosso várias vezes, só numa firma eu trabalhei seis vezes, Barra do Burgo, Rondonópolis... aqueles mundo ali, já andei demais...⁵⁰

A historicidade da condição de trabalhador neste enredo se apresenta pela mobilização na procura pelo trabalho. A necessidade de sobrevivência impulsiona o deslocamento, deixando a região de origem para trabalhar em outro estado esse trabalhador da cana se submete às péssimas condições de vida para economizar e manter duas residências. As empresas remuneram o trabalho, se abstém das relações com os trabalhadores, tentam burlar mesmo os direitos garantidos pela constituição, não oferece moradia nem alimentação e impõe suas condições que são aceitas devido à necessidade de estar empregado e recebendo salário para ter condições de retornar no final da safra. Sem alternativas de ganhar dinheiro – na verdade até existem outras, contudo as condições de trabalho são iguais ou talvez piores – pela necessidade os trabalhadores da cana aceitam as condições impostas pelas empresas.

Aquilo que aparece na interpretação dos trabalhadores da cana como tradição ou costume, como nos disse o trabalhador Marcel em sua narrativa: “[...] Lá é moda, lá no nosso lugar”⁵¹, diz muito sobre a vida do trabalhador da cana no processo de expansão das agroindústrias e da natureza social do trabalho. A inversão passado/presente nos conduz a como a “tradição” ou “costume” foi se fazendo socialmente, trazendo e

⁴⁹ Rocinaldo Silva, cortador de cana que veio de Barras Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008, p. 4.

⁵⁰ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuieté na Bahia para Araporã. Entrevista realizada em 13/10/2009, p. 7.

⁵¹ Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras, no Piauí, para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008, p. 2.

incorporando evidências que nos leve a entender como se formam as práticas compartilhadas, por que se formam, para quem e em que conjuntura. É um processo que envolve necessidades, expectativas, alternativas de sobrevivência; é pensar como ocorre essa migração. Os trabalhadores da cana incorporam isso a partir da vida deles, analisando e interpretando essas experiências socialmente compartilhadas⁵². A atmosfera de expectativa criada nas regiões onde há usinas, tem seu princípio com a promessa do eldorado dos anos 1980, com os incentivos à produção de álcool como alternativa de energia. O incentivo para a instalação de usinas por todo país acontece como resposta à crise de energia. Os ganhos no mercado interno e externo são grandes, visto que o custo da matéria prima no Brasil é baixo, devido à exploração de mão-de-obra, entre outros fatores.

O Núcleo de Estudos Agrários e Territoriais (NEAT), agregado ao Laboratório de Geografia Agrária (LAGEA)⁵³, que, por sua vez, é vinculado ao Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, vem desenvolvendo pesquisas sobre o impacto das usinas na região do Triângulo Mineiro. Dentre as estatísticas apresentadas, existem dados que nos informam sobre os grupos industriais que são os proprietários das usinas instaladas aqui na região e em várias partes do país. Estes grupos têm suas matrizes no norte do país, em especial no estado de Alagoas.

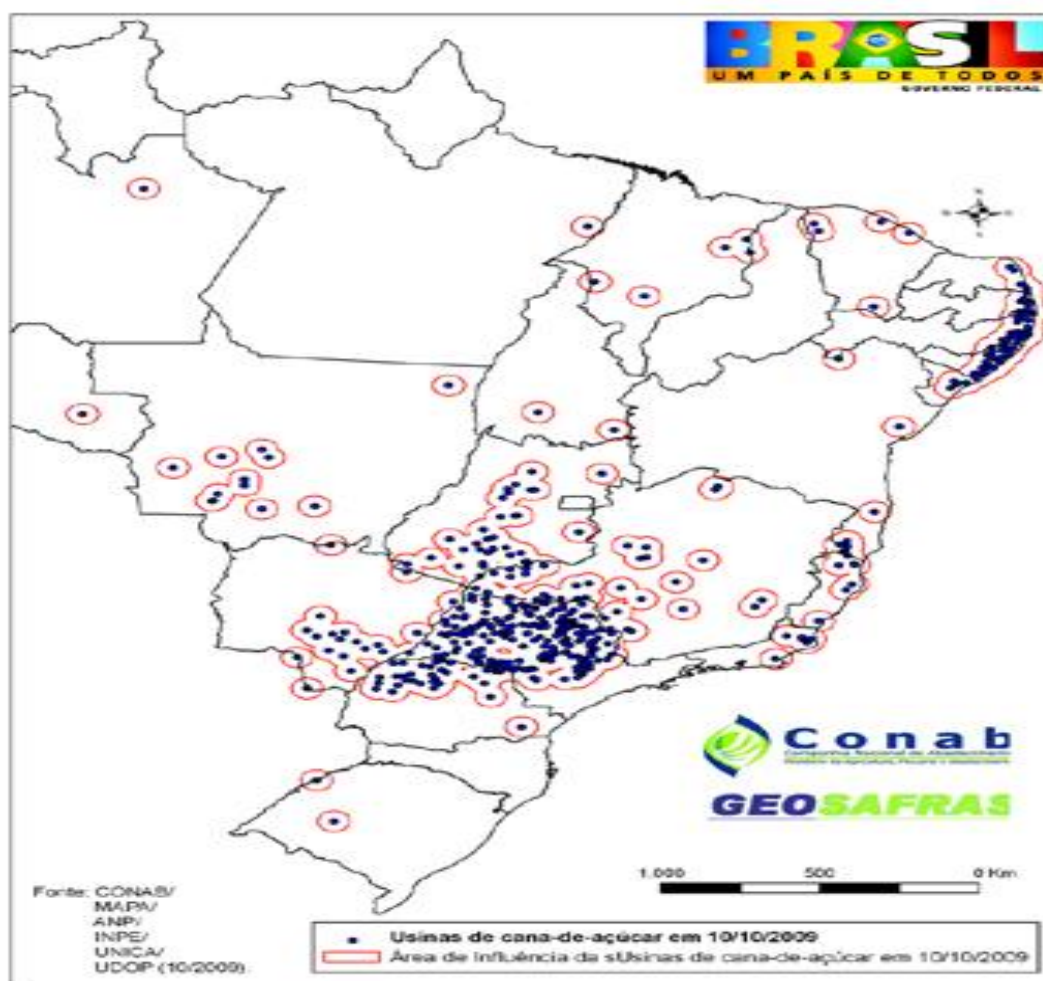
A rede de produção da cana de açúcar tem perpassado por vários momentos durante aproximadamente três décadas e meia de incentivos à agroindústria da cana, com altos e baixos, mas se mantendo em ascendência. E, com isso, ela tem se alastrado por todo país, comprando engenhos, explorando terras e recebendo auxílio e permissão do governo federal para seus projetos que visam ao aumento da produção e exportação do produto. Com isso, percebemos que o discurso incorporado por muitos anos nesse enredo foi o de destaque nacional e resolução do problema da energia no mundo, visto que o petróleo é uma fonte de energia não renovável. Sendo assim, por mais de três décadas o Governo apóia os grandes grupos proprietários das usinas em instalação e

⁵² THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. In: NEGRO, Antonio L.; SILVA, Sérgio (Org.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

⁵³ SOUZA, Andêza Gomes de; JÚNIOR, João Cleps. O desenvolvimento da agroindústria canavieira no Triângulo Mineiro e seus impactos sobre a mão-de-obra e a produção de alimentos. O trabalho objetivou compreender o avanço da cultura na região e identificar os efeitos deste processo sobre as áreas de produção de alimentos e a utilização da mão-de-obra. Ano de 2009, no site http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%204%C2%BAENGRUP/trabalhos/souza_a_g.pdf.

manutenção, visto que possibilitam brechas nas leis que permitem a expropriação do trabalho e meio ambiente de forma desordenada e destrutiva, sem tomar medidas efetivas de combate a crimes ambientais e sociais que, por vezes, se arrastam junto aos anos de prosperidade econômica das usinas de cana de açúcar no país. As teias se configuram pelos poderes envolvidos para a justificação de incentivos e medidas governamentais que produziram a situação desumana em que se encontram hoje os trabalhadores da cana e também as regiões envolvidas nessa rede de exploração. Tudo isso contribui para que possamos entender melhor a conjuntura que nos proporciona a realidade apresentada nas cidades da Região do Triângulo Mineiro, o processo de expansão da agricultura no país e as consequências dessa expansão para os trabalhadores da cana.

No mapa abaixo, temos delineada a localização das usinas no país e também sua área de influência, não perdendo de vista que estas empresas transformam as regiões onde se instalam a procura de riquezas naturais, riquezas estas que não são respeitadas nem preservadas pelas empresas. Pelos dados apresentados no mapa compreendemos que elas estão espalhadas por todo território brasileiro:



Analisando o mapa, podemos perceber que as usinas estão espalhadas por vários pontos estratégicos do país, onde se encontram também as riquezas naturais como rios e terras férteis. Há uma concentração destas usinas nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso. Se pensarmos nas regiões citadas pelos trabalhadores da cana, percebemos que as usinas se encontram nessa área concentrada de usinas. Além disso, o mapa nos oferece possíveis caminhos percorridos pelos trabalhadores ao longo de sua peregrinação em busca de emprego e melhores condições de vida. A promessa não se configura somente na vida dos trabalhadores, mas também na vida dos moradores das regiões onde estão situadas as usinas. A expectativa por parte destas pessoas se alimenta continuamente com a valorização das empresas pelo governo e imprensa, numa rede de relações que constroem uma atmosfera de progresso e melhoria em todos os sentidos.

⁵⁴http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v6.pdf, p. 8.

Na dissertação de mestrado de Sérgio Daniel Nasser⁵⁵, percebemos semelhanças no processo vivido pelo trabalhador do corte de cana nas suas trajetórias na região de Ribeirão Preto. Seu estudo enriquece o debate quando nos coloca essa questão da mobilidade, preconceitos e vivências dos trabalhadores do corte de cana. Sua inquietação está na presença significativa de trabalhadores migrantes que se deslocam para a região em busca de emprego, sendo uma discussão importante neste momento. Traz para o debate com suas narrativas conceitos como o de cidadania, discutido pelo antropólogo Antonio Arantes, colocando em evidência sua preocupação e inquietação quanto às disputas travadas em Ribeirão Preto (disputas de pertencimento, dificuldades, anseios, necessidades, ajuda mútua, negação dessas pessoas como cidadãos de Ribeirão Preto). Ele traça um debate no qual os trabalhadores migrantes interpretam suas experiências na cidade, seja fixando residência, seja indo e voltando todo ano. Suas preocupações são direcionadas no sentido de compreender como as pessoas em questão experimentam valores e interesses, memórias, relações de solidariedade entre si.

Sua análise vai ao encontro de interpretações que criminalizam ou vitimizam os trabalhadores, pautando-se em definir os sujeitos a partir da dimensão real de suas experiências no decorrer desse processo histórico. Para isso, Nasser dialoga com diversas vertentes de pesquisas, como a antropologia, a sociologia e a economia, para desenvolver sua interpretação, o que coloca a história em movimento com a vida dos seus atores. Ele ressalta o fazer-se como classe a partir da experiência compartilhada entre migrantes de várias partes do país, na construção de bairros na cidade, na procura por emprego, no contato com as regiões de origem dos trabalhadores. Interpretando as transformações ocorridas na estrutura da cidade com a chegada desses trabalhadores, acesso dos mesmos à educação, moradia, saúde, alimentação, lazer entre outras.

As experiências migratórias para a Região de Ribeirão, na dissertação de Nasser, são evidenciadas a partir de uma reflexão envolvendo vários trabalhos produzidos sobre este assunto na região, como o jornal *Cá e Lá*, veiculado pela Pastoral do Migrante e com tiragem vultosa a partir de 1986, que aponta para o grande contingente de trabalhadores no local; e o jornal *A cidade*, de cunho progressista e ligado aos grupos de grandes empresários que compõem a memória sobre os trabalhadores. As cartas e fotografias usadas por ele evidenciam que o movimento migratório, assim como em

⁵⁵ NASSER, Sérgio Daniel. “**Eu vou entrar no mundo**” **Experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto 1980-2007**. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de História, 2008.

Centralina e Araporã, acontece em meados da década de 1980. Além destes documentos, o autor trabalha principalmente com narrativas orais, pois acredita que estas o permitem colocar em evidência as interpretações dos próprios trabalhadores migrantes a respeito de suas experiências. No caminho de volta de sua pesquisa ele aborda os preconceitos vividos pelos trabalhadores migrantes, como são vistos por moradores da cidade, a exploração que sofrem no trabalho, além das conformações e resistências travadas nesse processo. Além disso, ao nos apresentar as instituições como o Posto de Atendimento ao Migrante (PAM), o pesquisador revela algo de grande importância: a necessidade de remanejar os migrantes que chegam a São Paulo para cidades do interior onde houvesse trabalho.

O Triângulo Mineiro é um desses locais. A reportagem veiculada em 04 de setembro de 1980 pelo jornal *Correio de Uberlândia* sob o título *Mão-de-obra para o Proálcool*⁵⁶ nos propõe o escoamento desses migrantes dos grandes centros para o Triângulo Mineiro, estimulados pelo trabalho na cana em expansão. A região de Ribeirão Preto na perspectiva apontada por Nasser se constitui nas últimas três décadas numa área de atração populacional pelo alcance do agronegócio, construção civil, entre outros setores.

A dissertação de Eber Mariano Teixeira⁵⁷ também trabalha com a temática dos trabalhadores da cana, propondo a dinâmica deles em General Salgado, São Paulo. Ele parte de suas experiências como morador de General Salgado e também do convívio com os trabalhadores do corte de cana e aborda uma perspectiva de experimento de igualdade ao lidar com seus narradores, muitos deles seus amigos de convívio em General Salgado. Ao longo do debate, ele procura explorar as diversas interpretações e experiências vividas por esses trabalhadores no processo de desenvolvimento da cidade.

Teixeira trabalha também com as disputas pela memória que se quer hegemônica sobre esses trabalhadores com os jornais *O jornal de General Salgado* e dados estatísticos das mais variadas instituições de pesquisa sobre os trabalhadores. Assim compõem um universo de disputas pela memória e coloca em evidência as experiências e interpretações dos trabalhadores da cana em contraposição com essa memória

⁵⁶ Conferir citação na página 33.

⁵⁷ TEIXEIRA, Eber Mariano. **“Amanhã é outro dia” Falas, Memórias e outras histórias de trabalhadores cortadores - de - cana em General Salgado – SP, 1980 – 2008.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

hegemônica. Construindo uma interpretação que traz ao movimento histórico as trajetórias dos próprios atores sociais deste processo vivido em General Salgado. Assim, percebo que o diálogo com essas dissertações sobre o tema tem aberto a perspectiva de abordagem a que me proponho nesse capítulo, ou seja, discutir como o movimento dos trabalhadores do corte de cana tem se deslocado e vivido uma experiência singular em cada lugar, mas engendrada por fatores por vezes comuns em diversos territórios do país.

A busca por recursos naturais e as facilidades para instalações devido a concessões governamentais atraíram as usinas para a região do Triângulo Mineiro, e com elas a propaganda de progresso e geração de empregos na região. O que acontece é que grande parte da mão de obra na região é realizada por trabalhadores que vem a procura de trabalho saindo de todo o país. As cidades de Centralina e Araporã têm uma população composta por migrantes de várias partes do país, vinda, em sua grande maioria, por volta dos anos de 1950. Ao entrevistar moradores que há mais de 40 anos residem ali, percebo que muitos migraram com os pais ainda na infância. Atualmente, esse movimento não acontece, pois estas novas relações impossibilitam a fixação dos trabalhadores que chegam ao local. Neste trecho da narrativa de um trabalhador da cana, podemos perceber como se configuram as relações de domicílio e trabalho nessas cidades hoje:

Renata: Sua caminhada já tem quanto tempo?

José Hamilton: seis meses faz seis meses

Renata: Aqui né? Eu falo assim da sua vida como trabalhador?

José Hamilton: Ah! São vários desde 95 que eu ando no mundo.

Renata: E você pode falar mais ou menos por onde você andou? Alguma coisa que você lembra assim que você acha que representa algo na sua vida?

*José Hamilton: Eu já andei Mato Grosso várias vezes, só numa firma eu trabalhei seis vezes, Barra do Burgo, Rondonópolis... Aqueles mundo ali, já andei demais...*⁵⁸

As usinas têm a liberdade de se instalar onde houver mais benefícios para elas e, como vemos no trecho acima, fica a critério dos trabalhadores a procura por emprego. Assim, esses grandes grupos oferecem o trabalho e o remuneram de forma que o

⁵⁸ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia para Araporã. Entrevista realizada no dia 13/10/2009.

trabalhador é que tem de se deslocar e também atingir as metas de produção para obter seu salário. No Triângulo Mineiro, as promessas que essas empresas despertavam nas cidades onde se instalavam traziam expectativas tanto para trabalhadores de fora quanto para a população local. Na verdade, a atração de pessoas realmente acontece, mas os trabalhadores da cana têm muitos gastos que são básicos, sendo um deles o compromisso frequente de enviar dinheiro para as famílias que os esperam. A expectativa de muitos moradores da cidade em comercializar, prestar serviços entre outras, se configura nessa atmosfera que as grandes indústrias estimulam nas cidades.

Em diversas seções relatadas nas Atas da Câmara Municipal de Araporã, onde está localizada a usina Alvorada, percebo que há inúmeras divergências entre população local, poder público e essa empresa. As reclamações ligadas à empresa nos permitem a percepção de um cenário de descaso pelos Municípios em que se instalam, dizendo muito sobre o descaso das empresas em relação às pessoas e ao meio ambiente. Aqui as reclamações são de ordens variadas, como por exemplo, a poluição do ar que continua até os dias atuais, a ausência de uma feira livre que ainda não foi concretizada, além de preocupações com o aumento populacional:

*Do Vereador Luiz Carlos Quirino ao senhor Prefeito: 4) Que crie uma feira livre aos domingos em nossa cidade, pois, com essa medida, os moradores locais seriam bastante beneficiados. [...] 7) Que seja enviado para a usina Alvorada S/A, ofício no sentido de que seja tomada providências necessárias para acabar com a poluição do ar, provocada pelo grande quantidade de fuligem (pó preto ou carvão), pelas chaminés da referida indústria açucareira, atendendo assim, aos anseios da população local e prevenindo a saúde pública;*⁵⁹

Do vereador Idinez Antonio Cizzo ao senhor Prefeito: 1) Que seja reaberta a escola rural, situada na Fazenda Nossa Senhora Abadia, denominada Escola Municipal Francisco Gomes Pereira, pelo motivo do referido estabelecimento já ter uma estrutura montada e que futuramente da mesma forma deverá ser reaberta devido ao crescimento populacional, o que seria ainda mais dispendioso ao município.

*Do vereador Luiz Carlos Quirino ao senhor Prefeito: 3) Que seja colocado energia elétrica nas ruas 07, 09, 11, 19 e 21 e que abra a rua 21 nos loteamentos doados, o que será de grande benefício para os moradores.*⁶⁰

Paulo Almeida: *E a mudança nas cidades? Eram cidades que você disse que até a década de oitenta eram pequenas. Essa mudança, essa promessa do “Eldorado”, modificou muito a cidade? Que mudanças você observou, viveu nas cidades, nos municípios e mesmo nos locais urbanos? Como é que foi isso? Como é que hoje as pessoas da cidade, aquelas pessoas antigas da*

⁵⁹ Ata da Câmara Municipal de Araporã, 8º reunião 22/03/1993, pagina 18.

⁶⁰ Ata da Câmara Municipal de Araporã, 2º reunião, pagina 7.

cidade, como é que elas estão sentindo esses reflexos que você tá me dizendo?

Eurípedes: *O reflexo é o pior possível, porque as pessoas da cidade... É o seguinte: nós vivemos o capitalismo, então, quando começou, quando nós tava falando do “Eldorado”, todo mundo veio ganhar dinheiro... vem migrante, as pessoas da cidade se prepararam pra ganhar dinheiro dos migrantes e da usina. Então, tipo assim, todo mundo quis fazer casa pra alugar, todo mundo quis fazer comida, todo mundo quis vender isso ao povo migrante. Então com esse negócio da mecanização... Eles não prepararam pra isso. Então tá todo mundo paralisado. Eu creio assim, tipo assim, tem um município aqui que tem usina falindo... a usina faliu, o município faliu também porque ele depende da usina, ficô atrelado, né? Depende da usina... Não depende da cana! Vamos falar bem assim: então as pessoas só sabem do município, do município, como tinha muito migrante (a princípio veio muita usina pro município), veio muita mão de obra... Então (mão de obra grosseira). As pessoas do município quais num queria... “eu quero ser gerente”, “eu quero ser isso”, “quero ser aquilo”. O grosseiro é só pro migrante e as outras coisas ficô pras pessoas do município. Tudo que se vendem, tudo que se fazem, as pessoas do município oferecem. Eu vou dar um exemplo pra você... (as cidades que)... As cidades turísticas, por exemplo, as pessoas do município se preparam pra vender pros turistas assim como aqui se preparou pra quem vem de fora, então, com essa decadência do setor da mecanização, tá todo mundo igual... Os próprios migrantes... Que as próprias pessoas que vinha às próprias pessoas daqui que cortavam cana, que planta cana, não tem perspectiva e eles...⁶¹*

Os problemas citados na narrativa de Baianinho em 2009 foram, em 1993, foram pautas das reivindicações da Câmara de Vereadores. Percebemos, no primeiro trecho, que não há uma feira livre no Município já no ano de 1993 e o problema se arrasta até os dias atuais. Se não há o cultivo de alimentos e as usinas alugam a terra de quem os plantava, há a necessidade de importar de outras regiões produtoras de alimentos. As usinas alugam as terras dos agricultores do município; então, poucos trabalham a terra para a produção de alimentos. O impacto dessas empresas nos Municípios gera inúmeros problemas para a população local, poucos deles estão em pauta nas atas da Câmara somente os mais visíveis ou incômodos.

A fumaça que sai das chaminés da Usina Alvorada continua em 2009; nas visitas à cidade, percebi que sua emissão é ininterrupta, dia e noite em funcionamento. O ar é carregado dessa fuligem preta que gruda na pele e nos objetos, além do que é respirada por todos. Medidas estão sendo tomadas para conter apenas as queimadas, que cessarão em 2011, contudo os outros tipos de poluição que assolam a vida das pessoas da região continuam e as expectativas não são muito boas. O fim das queimadas muda a vida das

⁶¹ ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, Sérgio Paulo; RESENDE, Renata Carolina. Apresentação – As transformações sociais e questões ambientais na região do Triângulo Mineiro. Revista História e Perspectivas, v.22, n. 41, p. 218, jul/dez 2009.

peças que serão empregadas o que leva a aumentar o uso de máquinas; a poluição dos rios e terras provavelmente vai continuar. As medidas tomadas pelo governo seguem um curso no qual continuam a beneficiar somente as empresas, pois com a mecanização ela terá despesas menores com funcionários e seu lucro aumentará ainda mais. Neste sentido, percebo que os problemas causados pela instalação das Usinas estão longe de serem sanados.

Além desses fatores, fazendo um balanço com as narrativas elaboradas no presente, percebo que a população não foi atendida. Outro apontamento de extrema importância está redigido no segundo trecho da ata acima, é que a população da cidade de Araporã crescia rapidamente, medidas como a doação de terrenos às pessoas foram feitas pela prefeitura. Esse aumento populacional é o que permite, juntamente com a prosperidade econômica, que Araporã tenha se emancipado politicamente, tornando-se uma cidade em 1993. Os trabalhadores da cana marcam presença nesses locais desde a década de 1980, contribuindo significativamente para esse aumento populacional.

O trabalho efetuado nas usinas pelos trabalhadores do corte de cana não atrai os moradores do local. Mas em outro momento foi o trabalho na cana juntamente com outras culturas que constituiu a população local.

As experiências da população advindas de uma migração que possibilitou sua fixação diferente do que acontece com o trabalhador da cana hoje faz com que muitos moradores do local subjuguem as tarefas do trabalho na cana como pesadas e mal remuneradas. Mesmo pensando dessa forma, procuram lucrar comercializando com esse novo contingente de pessoas que vem trabalhar nas cidades. O que acaba acontecendo é que muitos saem à procura de salários melhores e vivem em condições precárias para economizar e manter suas famílias nas cidades de origem. O que ganham a mais acaba, talvez, ficando nas despesas que tem com habitação, alimentação, saúde, lazer (se o tem), entre outros. Assim, esses grupos (Tércio Wanderley, João Lyra, Moema e Bunge) detêm a riqueza econômica e natural dos locais onde se instalam e não dividem isso nem com os trabalhadores nem com os Municípios. As consequências da instalação das usinas como problemas para habitantes locais e trabalhadores que dividem educação, saúde, habitação. Produzem miséria, por onde passam, esgotando a força e vitalidade do homem e da terra. É nesse enredo que é elaborada a vinda de trabalhadores para as cidades de Centralina e Araporã em meados de 1980. Na busca por compreender como se configura o processo, quais as expectativas que trazem essas pessoas, como o

momento propicia essas expectativas para eles e, a partir daí, como os trabalhadores se articulam nesse movimento, identificando o significado de ser trabalhador hoje. O investimento no setor sucro-alcooleiro teria sido esperado como um empreendimento que não traria benefícios apenas aos donos de usinas e solução ao problema da escassez de combustíveis, mas que possibilitasse o crescimento econômico da região.

Algumas usinas já existiam na região desde a década de 1960, mas não com a vultuosidade que passam a ocupar no cenário agroindustrial da região a partir de 1980. A experiência brasileira com a monocultura da cana e a propaganda e incentivo do governo movimentam o país desde meados de 1975-80 com o Proálcool e com diversos programas posteriores a ele até os dias atuais com seus altos e baixos. Posto isso, percebo na maioria das narrativas produzidas que as expectativas quanto ao trabalho na cana e a movimentação na economia foram grandes para a população local. Contudo, frustradas quase de imediato. Ao narrar, fazendo o caminho de volta, muitas pessoas, tanto moradores do local na época quanto trabalhadores do corte de cana, apresentaram em suas narrativas como a perspectiva representativa de um momento marcado pela propaganda e promessas quanto a salários e crescimento econômico na cidade. Baianinho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã, interpreta neste trecho o caminho de volta ao presente concluindo sobre a situação dos trabalhadores:

... para esses trabalhadores então acho que eles só sabe corta cana só sabe planta cana só sabe capina cana, uma grande maioria de dez quinze anos pra cá só sabe mexer com isso não sabe mexer com outra coisa e agora a cana ta sumindo⁶².

Lendo este trecho, sabemos que a cana continua e vai continuar sendo um grande investimento econômico para empresários (brasileiros e estrangeiros) e também para Governo do Brasil. A cana não sumiu como coloca Baianinho, continua em expansão. O que acontece hoje é um processo de inclusão dessas máquinas no sentido

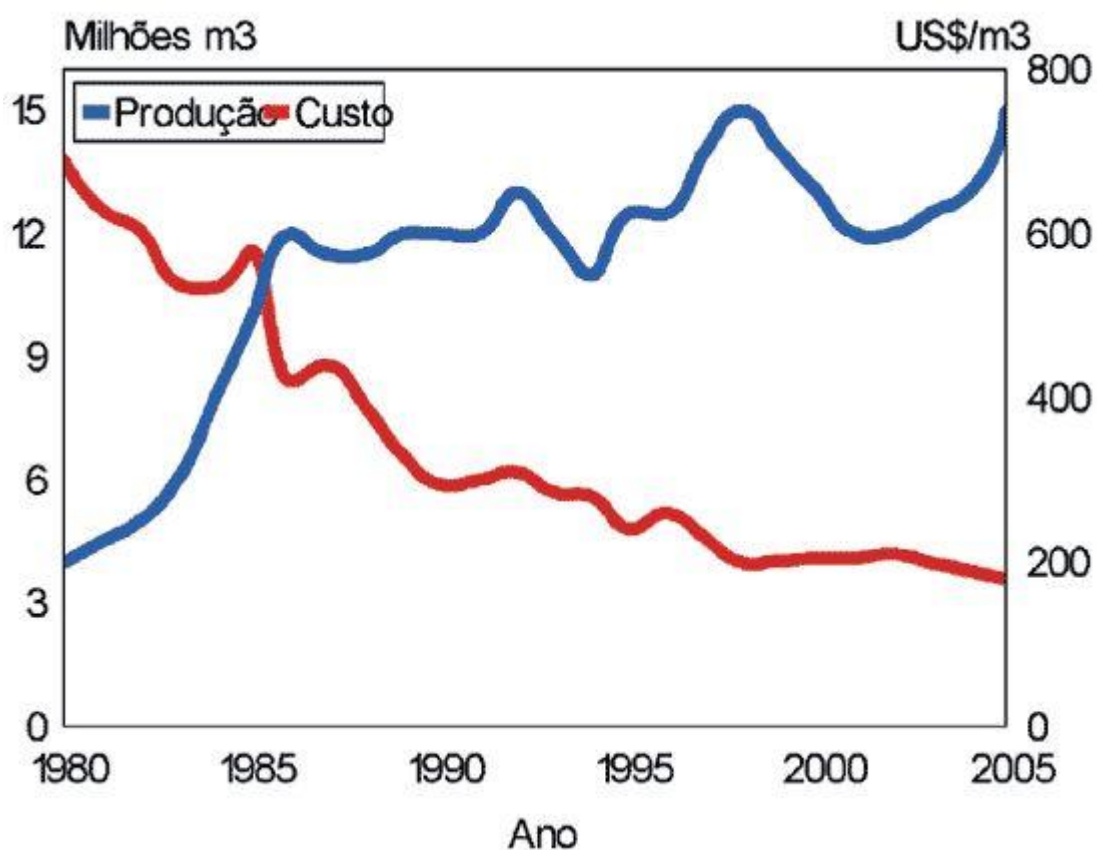
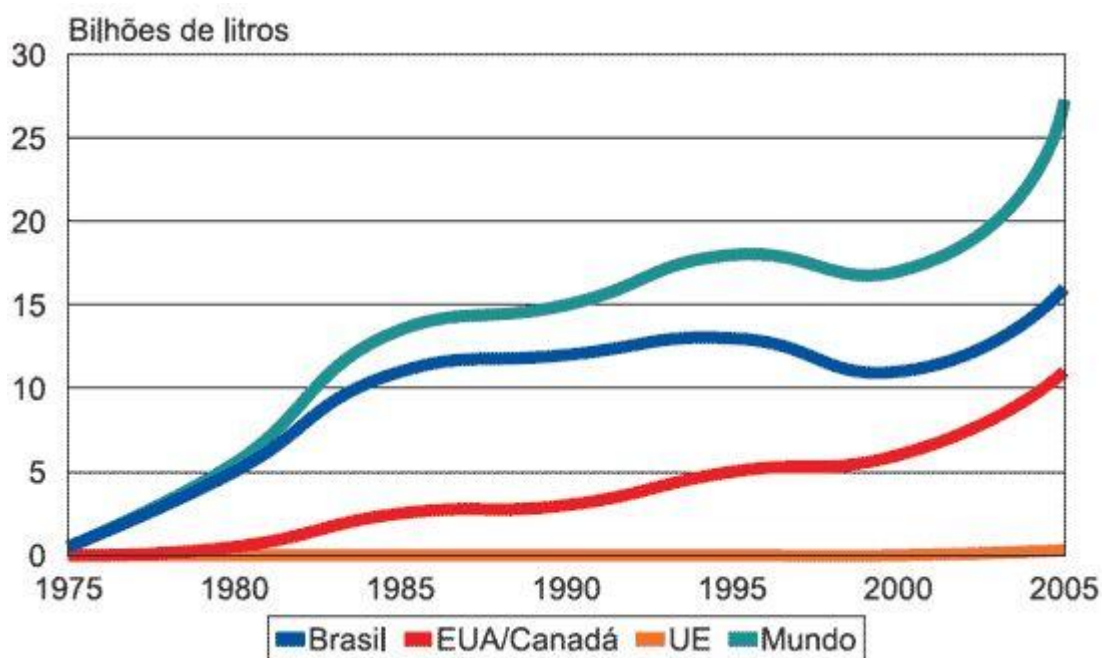
⁶² Eurípedes Batista Ferreira, conhecido como Baianinho. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Familiares de Centralina e Araporã em 24/03/2009. P.1. Entrevista produzida para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Moraes, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG

de acelerar a produção da cana, poupando gastos com mão de obra e aumentando a produção para o mercado.

O discurso das autoridades quanto à implantação das máquinas no trabalho da cana tem como pauta melhorias ao meio ambiente, entre outras, sem discutir os impactos maléficos. O debate acaba por girar apenas em torno apenas dos benefícios trazidos pela mecanização, como o fim das queimadas. A imprensa em 2009, novamente no intuito de legitimar e informar sobre as práticas das usinas toma partido no sentido de tentar convencer as pessoas de que a mecanização se propõe, tanto quanto o etanol, a amenizar os impactos ambientais – o que não se realiza somente com o fim das queimadas. O que vem acontecendo é que o trabalho na cana tem tomado rumos diferentes com a mecanização e os trabalhadores que outrora eram os únicos capazes de lidar com a terra estão aos poucos sendo desapropriados de suas funções, já que atualmente elas têm sido executadas de outras formas.

A produção de 1975 a 2005, como mostra os gráficos abaixo, passou por momentos distintos, cresceu com oscilações até 1995, depois há uma queda e volta a crescer consideravelmente após 2000. Cresce a partir de 2000, com o início da introdução das máquinas nas tarefas que antes eram realizadas pelos trabalhadores. Tanto fatores como a procura do mercado interno e externo, como o aumento da produção, podem se considerar que advêm das mudanças tecnológicas e da necessidade do produto no mercado.

O segundo gráfico nos aponta para outra evidência, a de que o custo da produção para essas empresas diminui consideravelmente. Com a mecanização, diminuíram os gastos com a produção que agora requer menos funcionários para executar as tarefas, além do que as máquinas possibilitam o aumento considerável da produção de cana de açúcar.



Fonte: www.biodieselbr.com⁶³

⁶³ Este site apresenta estatísticas produzidas pelos interessados na produção da cana e em sua expansão, representa os grupos econômicos envolvidos na produção do biodiesel e do discurso ambiental sobre a questão da produção do etanol.

Percebo, a partir desses dados, que os custos diminuem enquanto a produção aumenta. O intuito das empresas produtoras de álcool no país é diminuir o custo da produção para aumentar os lucros. O desempregue dos trabalhadores que tem como experiência de trabalho nas últimas décadas somente a produção da cana tem pouca discussão enquanto que os benefícios da mecanização ao meio ambiente são debatidos na imprensa. O trabalho que agora pode ser feito por máquinas, e o pequeno número de trabalhadores para auxiliá-las, conferem às usinas um aumento de produção a um custo mais baixo que o corte manual.

Segundo Julia Francisca da Silva, bióloga que trabalhou na Prefeitura Municipal na área do Meio Ambiente como fiscal da prefeitura em 2006, hoje cabeleireira, a cidade, após a ocupação das Usinas, tem passado por diversos problemas ambientais e, diferente do eldorado, percebe que a cidade não avançou e sim que está sofrendo as consequências de todos esses anos de descaso governamental e das próprias usinas com o meio ambiente da região. Ela nos coloca que, em suas visitas às usinas, encontrou muitas irregularidades. Na sua interpretação, Julia narra suas preocupações quanto a isso:

Julia : É... e é uma área que teve um desenvolvimento assim... só prejudicial, né? Por que essas usinas, na verdade, veio acabar com a situação nossa, então eu acho que as usinas simplesmente é pra isso, por que pra retorno pro meio ambiente, pra nós não tem nada. Não, você precisa de ver na nossa área aqui assim o pouco que eu ando a gente vai assim, por exemplo esse ano eu vou lá, quando for dois... esse ano eu vou lá tem lá cinquenta árvores, como se fosse uma reserva quando você for lá daqui dois anos se tiver dois pé de árvore é muito. Por que eles vão chegando e cada pedacinho que eles vão chegando mais eles vão derrubando. Eles fala que tem reserva, que eles deixam tudo direitinho mais é pura enganação, eu no meu ver acho que é pura enganação por que os nossos rios estão todos aí com assoreamento.

Renata: Tem uma usina aqui em Araporã que é bem na beira do rio...

Julia: Então essa mesma usina a gente já chego já trabalhei na área do meio ambiente da Prefeitura a gente lá chegou a ver matança de peixes com resíduos. Resíduos de produtos da usina que não são os bons né? Úteis mais jogam no rio sem tratar e vê o que acontece? Os peixes vão tudo embora... Várias vezes nos deparamos com peixinhos boiando por causa dos resíduos da usina. (...) na nossa área aqui inclusive essa usina aqui que nós estamos falando, os dejetos lá na beira do rio, eles já foram multados várias vezes, então eles não importam com as multas, pagam as multas, mas continuam praticando o erro⁶⁴.

⁶⁴ Julia Francisca da Silva. Moradora do Município de Centralina 49 anos, ex funcionária da Prefeitura na área do meio ambiente formada em biologia, trabalha atualmente como cabelereira na cidade. Entrevista realizada em 29/03/2010. P. 6-7.

A forma como tem agido a fiscalização tanto dos municípios quanto do governo federal, para conter as irregularidades das usinas, e que se mantém desde que as mesmas tornaram-se agroindústrias, não pode conter a degradação ambiental. Quando as usinas pagam as indenizações para trabalhadores e multas estipuladas pela violação do meio ambiente, não quer dizer que essas empresas abandonam tais práticas. Um agravante é que, segundo o Relatório da Cana 2009⁶⁵, ainda se valem desse pagamento como um atestado de que deixaram a prática perante importadores do açúcar e etanol que só comprem de usinas ecologicamente corretas. O relatório tem um capítulo inteiro para cada problema gerado pelas usinas, tanto sociais, quando nos coloca estatisticamente os problemas enfrentados pelos trabalhadores do setor, como também os problemas ambientais causados por eles. E no que tange aos Municípios do Triângulo Mineiro, como Centralina e Araporã, a situação é parecida à apresentada no relatório, no qual a abordagem cobre muitas outras cidades e estados do país.

Apresentei, neste capítulo, como se engendraram as diversas forças que unidos propuseram o crescimento das usinas na região e a oferta de trabalho na indústria da cana. Como as pessoas envolvidas nesse processo pelas promessas de emprego, salário, aquecimento econômico dos municípios no decorrer de trinta anos. O caminho que a realidade apresentou foi de forma inversa ao que esperavam moradores e o descaso com os trabalhadores da cana. Esse capítulo se apresentou na tentativa de construir o ambiente em que o trabalho da cana foi desenhado pela agroindústria e governo, tendo como discurso a melhoria da vida das pessoas e meio ambiente e após 30 anos os trabalhadores continuam vivendo essa exploração.

No próximo capítulo, podemos perceber como os trabalhadores interpretaram esse processo em suas vidas, narrando suas experiências de luta cotidiana no trabalho da cana. Como tem vivido e interpretado esse processo em suas narrativas, que diferentemente das reportagens do jornal correio, nos trazem o terreno comum compartilhado pela categoria de trabalhadores da cana, trazendo elementos da vida desses sujeitos de ontem e de hoje na interpretação dos mesmos sobre como viveram.

⁶⁵http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v6.pdf

CAPÍTULO 2

“O MUNDO NÃO TÁ PRESTANDO PRO TRABALHADOR”⁶⁶: EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS PELOS TRABALHADORES DO CORTE DE CANA

A condição do trabalhador rural atualmente continua sendo um problema que, apesar de muitas leis trabalhistas, elaboradas para conter os abusos, persistem os trabalhadores da cana sem usufruir dos benefícios concedidos pelas leis da Constituição de 1988. As cidades de Centralina e Araporã, apesar das diferenças em muitos aspectos, se assemelham em dois pontos, recebem trabalhadores da cana em uma parte do ano e também são amparadas por um mesmo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Neste capítulo, proponho o debate sobre as lutas e experiências dos trabalhadores da cana, como eles interpretam suas trajetórias em busca do trabalho. É de interesse discutir como os moradores da cidade percebem a vinda dessa população flutuante, como se configuram as relações entre trabalhadores e moradores da cidade. Como se processam as dinâmicas travadas na cidade em suas relações com os diversos sujeitos que se encontram ali durante parte do ano.

O primeiro capítulo trouxe a perspectiva de como foram sendo construídas as expectativas quanto à instalação das usinas e a necessidade de mão de obra para a lavoura de cana na região, trazendo também como a configuração das transformações dos pequenos municípios. Aborda, ainda, o discurso da imprensa e do governo para legitimar as instalações das usinas e a geração de emprego. O capítulo constrói, ainda, um caminho para entender como esses sujeitos envolvidos e envolvidas perceberam esse processo, como interpretaram o que ocorreu em suas vidas nesse capítulo.

Os embates entre a população local e os trabalhadores nas cidades de Centralina e Araporã, as transformações e vivências dos mesmos no processo de emancipação e

⁶⁶ José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã veio de Conceição do Cuité/Bahia. Entrevista realizada em 13/10/2009.

urbanização, apresentam-se neste processo. Os moradores do local percebem as transformações da cidade por óticas distintas dos trabalhadores, mas que se conduzem em relação à perspectiva de conseguir emprego. A vinda de uma população que não existe nas cidades leva a novas formas de convívio e relações dentro das dinâmicas travadas nesses espaços.

Ao procurar pelos trabalhadores em ambas as cidades, percebi que no período da manhã e da tarde não conseguiria falar com eles, quase sempre esperava até o final da tarde. A partir das 17 horas, algumas turmas já começam a chegar, com expressões cansadas, mas com boa vontade atendiam ao meu pedido – tempo para uma conversa. Assim, fui conhecendo melhor os trabalhadores do corte de cana; os que permitiram, pois o medo e a insegurança de muitos deles em falar de sua vida é grande.

Procurei os trabalhadores no intuito de entender a experiência de cada um como algo representativo da categoria. Nossas conversas, em sua maioria, tinham um ar de desconfiança no início, pois algumas questões diziam respeito ao trabalho nas usinas. O medo de repressão por causa das experiências vividas por eles muitas vezes provocou o receio em falar sobre alguns assuntos. No início, esperava respostas longas e detalhadas às minhas perguntas, mas, ao contrário, muitas vezes elas eram monossilábicas, o que diz muito sobre sua trajetória de vida. O contato com os trabalhadores do corte de cana pode dizer mais sobre eles do que as próprias entrevistas. Meus supostos teóricos se viram em xeque e a análise hoje tem outra direção. Caminho esse proposto nessa interpretação em co-autoria com os trabalhadores da cana, problematizando suas interpretações sobre o processo vivido por eles no trabalho da cana. Os silêncios e receios e os não que apareceram no meu contato com esses sujeitos representam muito de sua trajetória marcada pela violência, exploração e itinerância.

A situação do trabalhador rural apresentada em duas reportagens de jornais distintos em momentos distintos nos fala da remuneração do trabalhador rural num primeiro momento depois nos remete a um trabalhador rural da cana atualmente. Levando-nos a perceber como a condição de salário do trabalhador da cana e do campo continuou durante três décadas sem muitos avanços no sentido de conferir condições dignas de salário a esses sujeitos:

O secretário fala citando exemplo, como de centenas de fazendas, onde existe energia elétrica, mas que dela os trabalhadores não desfrutam, pelo simples fato de não terem poder aquisitivo. É o baixo poder aquisitivo do nosso homem do campo responsável por essa marginalidade. Não podemos aceitar

que um trabalhador rural receba Cr\$ 30,00 Cr\$ 50,00 por dia de trabalho. É uma condição indigna, que precisa ser urgentemente corrigida⁶⁷.

A riqueza do setor sucroalcooleiro, que movimentará neste ano R\$ 40 bilhões, não atingiu os lavradores. Em 1985 um cortador de cana em São Paulo ganhava em média R\$ 32,70 por dia (valor atualizado). Em 2007 recebeu C\$ 28,90. A remuneração caiu, mas as exigências no trabalho aumentaram. Em 1985, o trabalhador cortava 5 toneladas diárias de cana. Na safra atual 9,3⁶⁸.

Na reportagem, o secretário do Trabalho, Ação Social e Desporto, deputado João Pedro Gustin, aponta, em 1980, que melhores salários seriam a solução para os problemas da miséria no campo. E no que tange à própria interpretação dos trabalhadores sobre o processo, as mudanças deviam advir de suas práticas e expectativas enquanto trabalhador e o salário é a principal reivindicação dos trabalhadores da cana. Segundo o balanço feito pela reportagem da *Folha de São Paulo* no ano de 2008, as condições de trabalho e salário pioraram no decorrer de três décadas e a situação do trabalhador rural não melhorou. A imprensa retoma sempre esse debate da miséria do trabalhador rural durante três décadas, quando se torna necessária a discussão de alternativas de trabalho assalariado para o trabalhador do campo. No mesmo jornal, há menção à mecanização do corte de cana pelas colheitadeiras, não há uma discussão que fale dos dois problemas juntos. Os trabalhadores da cana estão fadados ou a procurar outra atividade nas lavouras de outras culturas, ou ao desemprego ou a outras soluções que terão de encontrar para garantir sua sobrevivência.

Por isso a utilização de fontes orais no decorrer deste texto será crucial para apontar as expectativas e vivências desses trabalhadores, do que poderia ser feito e do que eles viveram na sua caminhada em busca de melhores condições de vida e trabalho. A importância das narrativas orais nesse enredo se dá como Portelli nos coloca isso neste trecho:

De fato, os textos – tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista – são expressões altamente subjetivas e pessoais, como manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas (motivo, fórmula, gênero, estilo). Por isso é possível, através dos textos, trabalhar com a fusão do individual e do social, com expressões subjetivas e praxis objetivas articuladas de maneira diferente e que possuem mobilidade em toda narração

⁶⁷ Trabalhador Rural precisa sair de sua marginalidade. Jornal Correio de Uberlândia, 26-03-1980 p.7.

⁶⁸ Folha de São Paulo 24/08/2008 - Caderno Mais – O submundo da cana.

ou entrevista, ainda que, dependendo das gramáticas, possam ser reconstruídas apenas parcialmente.⁶⁹

A subjetividade das narrativas aparece no processo de interpretação do sujeito sobre o que foi socialmente compartilhado como um agente ativo no processo. Dissecar o que está sendo interpretado pelos narradores coloca o caminho vivido pelos trabalhadores da cana em movimento. Mesmo que algumas interpretações não tenham acontecido de fato na vida do narrador o que importa no enredo é a dimensão social dessa interpretação. Cada sujeito tem uma elaboração do que foi vivido, há uma multiplicidade de sentimentos que a interpretação contém e que nos dizem muito do que foi compartilhado pelo trabalhador da cana socialmente. As narrativas dos trabalhadores são produzidas juntamente com o pesquisador. Os fatos são, nesse caso, no sentido do que já foi feito, não de acontecimentos, colocados como possibilidades a partir da condição dos trabalhadores da cana que são entrevistados. Os trabalhadores da cana se interpretam colocados num campo de possibilidade social, como serem assassinados, por exemplo, mesmo que não tenham vivido o que narram sabe-se que existe e a sua condição social lhe permite viver isso. A possibilidade é representativa da condição de *ser*, não quer dizer que todos os trabalhadores da cana viveram as mesmas coisas, mas experimentaram como algo possível.

Assim, o debate sobre o trabalho no campo, vivido, mediado e interpretado pelos meios de comunicação tende a construir uma visão do processo que se difere da perspectiva encontrada na análise das entrevistas. Dialogando com os próprios atores sociais, podemos nos pautar em uma interpretação que coloque em movimento as experiências dos próprios trabalhadores, pois, por mais que a reportagem da *Folha de São Paulo* utilize entrevistas, a forma como elas estão sendo empregadas figura-se apenas estatisticamente – não menos importante, mas incompleto.

As expectativas dos trabalhadores na busca por emprego, além de salário digno, solicitam também outras especificidades no trabalho que lhe parecem caras. Adenilson começou no trabalho da cana recentemente, é a primeira vez que sai de seu estado à procura do emprego na cana. Ele tem uma trajetória diferente da maioria dos entrevistados que tem o trabalho na cana como profissão há mais tempo. Sua

⁶⁹ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo** (Dossiê Teoria e Metodologia), v. 1, n. 2, p. 64, dez. 1996.

experiência no trabalho da cana diz muito sobre a condição de ser trabalhador hoje da inconstância no emprego. Neste trecho, tomo a narrativa de Adenilson como representativa da categoria de trabalhadores da cana; ele nos propõe refletir quanto à instabilidade no emprego e domicílio como reivindicação da categoria:

Renata: É... tem quanto tempo que você veio, ta aqui?

Adenilson: Tem dois ano... quase três anos...

Renata: Você mudou pra cá então? Você não volta, só vai lá de vez em quando?

Adenilson: Desde que eu sai de lá nunca voltei mais.

Renata: Nunca mais voltou? Então você não tem família?

Adenilson: Tenho família, minha família veio embora pra lá esse ano e...

Renata: E você vai também?

Adenilson: To querendo ir no final do ano...

Renata: Por que você decidiu largar?

Adenilson: Por que eu achava que era melhor, de trabalho mesmo, de ganha mais, mas depois a gente vai... Vê que é ilusão né? Então não recompensa que paga muito pouco, muito caro aluguel e gastos fica caro mesmo...

Renata: Unrum...

*Adenilson: A gente acha que não recompensa fica aqui longe da família e dá vontade de ir embora tomem.*⁷⁰

Para Adenilson, que trouxe a família desde que veio trabalhar na região, compreendo que sua tentativa de fixar residência é importante e foi interpretada por ele quando decidiu abraçar o trabalho na cana como possibilidade de sobrevivência. Em outro momento, o trabalho na cana possibilitou isso a alguns trabalhadores da cana que conseguiram trazer suas famílias e mantê-las no mesmo local onde trabalham. Adenilson em teve essa ideéia como algo comum à categoria de trabalhador que ele tentou se inserir. Os gastos e dificuldades impulsionaram sua família, mulher e filhos a deixar a cidade de Centralina e ele a desistir do trabalho no corte de cana, pois a possibilidade antes vivida por outros trabalhadores da cana de sua região permitiu que Adenilson arriscasse no trabalho no corte de cana. Para Adenilson, o trabalho tem de comportar a possibilidade de poder morar com a família. Mas, na realidade vivida por ele isso não aconteceu, colocando como outra possibilidade a itinerância e como impossibilidade do trabalhador da cana hoje morar na mesma cidade onde trabalha.

⁷⁰ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina (Bahia). Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 1 e 2.

Trazer a família e não ir e voltar para sua terra todo ano foi sua tentativa durante os três anos em que trabalhou na região, que foram frustradas pelo salário baixo, e o alto custo das despesas com água, energia, alimentação e moradia. Trabalhar no corte de cana significou o contrário do que foi sonhado quando decidiu vir, e o terreno comum compartilhado pelos trabalhadores da cana a itinerância. A impossibilidade de trabalhar em Centralina e morar com a família na mesma cidade, coloca em xeque a esperança de ficar junto a sua família. O salário é o pivô dessa impossibilidade por ser este o fator que impede que ele fixe residência com a família na cidade de Centralina.

A rotina do cá e lá todo ano é atribuída primeiramente ao emprego temporário e aos baixos salários, implicando também nas condições a que se submetem no dia a dia em casa para economizar reservando o dinheiro para as despesas da família em outra cidade. Na interpretação, percebemos que o salário não possibilita a vinda da família, e o vai e vem dos trabalhadores, ora para o trabalho, ora para a cidade de origem, se dá como uma saída para a contenção de gastos:

Renata: É tem quanto tempo que você faz esse trajeto? Todo ano?

José: Tem quatro anos!

Renata: Quatro anos...

José: é

Renata: E quê que você acha assim, da sua vida? Você não tem expectativa de fixa residência aqui?

José: É que é longe, não recompensa volta e fica direto aqui né? Eu acho melhor trabalhar e todo ano volta pro meu lugar...

Renata: Mas assim por quê? Financeiro? Em que sentido você acha que é melhor?

José: Por que tano aqui com a família gasta mais e lá eu achei assim, pra viver lá melhor do que aqui, eu trabalhar aqui e manda dinheiro pra vive lá...

Renata: E como você faz? Como é sua vida? Antes você trabalhava como?

José: Lá mesmo... Era corta cana!

Renata: corta cana?

José: Era a mesma coisa daqui!

Renata: e por que não ficar lá?

José: Por que eu tenho prazer de andar pelo mundo, pra conhecer né? Só que o salário lá é mais baixo do que aqui...

Renata: é um dos motivos pra sair né?

Nos municípios onde há usinas, os moradores proprietários de imóveis, entre outras atividades comerciais, vêm os trabalhadores como um meio de renda extra na cidade. Tem como base para a cobrança de aluguel e alimentação entre outros serviços básicos; a procura por produtos que, segundo moradores, é bem pequena entre os moradores da cidade, que procuram comprar alimentos entre outras mercadorias em cidades maiores como Uberlândia e Itumbiara. A vinda dos trabalhadores para as cidades dá a possibilidade de ganho extra, mas o que não respeitam nessa relação é a condição socioeconômica dos trabalhadores. O fato de sustentarem a família em outro local faz com que os gastos fiquem onerosos e que o dinheiro tenha que ser economizado de outras formas pelo trabalhador da cana. O que resta para eles é a redução de gastos mesmo em coisas básicas para o ser humano, como alimentação, higiene da casa e individual etc. As condições desumanas a que estão submetidos para morar, comer e trabalhar são advindos da má remuneração e da necessidade de morar em outra cidade e manter sua casa no local de origem, o que implica em outros problemas vividos por eles, como ficar longe das famílias, se alimentarem mal, morar em lugares pequenos e com muita gente. Como não tem poder aquisitivo para pagar faxina, nem tempo e disposição física para fazer, as casas se tornam ambientes inóspitos. O que deveria ser fornecido pelas empresas como moradia digna e alimentação fica a cargo dos trabalhadores que, com seus baixos salários e outras prioridades mais importantes, como alimentar a família, se abstém do conforto.

Para além de gostar de andar pelo mundo, José sabe que as cidades que se localizam próximas a usinas superfaturam seus produtos por causa da procura que se torna maior em uma parte do ano. O trabalho no corte de cana é a profissão que José teve como oportunidade de sobrevivência e trabalho no setor há algum tempo, mesmo quando morava em sua cidade natal. Percebo que as usinas que se localizam na cidade de origem pagam salários mais baixos por que não falta mão de obra, enquanto que na região do Triângulo Mineiro ela é escassa. Para a atração dos trabalhadores, é necessário que os salários sejam maiores que os das empresas que estão próximas ao local de origem. A situação do trabalhador da cana nas cidades de Centralina e Araporã se compõe de experiências que provocam o vai e vem, pois, para ficar no local de

⁷¹ José do Santos. Trabalhador do corte de cana 42 anos. Reside em Araporã veio de Santana do Ipanema (Alagoas). Entrevista realizada em 13/10/2009. p. 4.

origem e ganhar mal, preferem ganhar um pouco mais e morar uma parte do ano aqui, sustentar a família no local de origem, o que se torna menos oneroso. A rotina do vai e vem é determinada pelas relações de trabalho, salário e custo de vida na região onde trabalham e onde moram. O prazer em andar pelo mundo tem determinantes como a baixa remuneração e o alto custo de vida.

O trabalhador da cana, por vezes é uma categoria que sofre com as condições de trabalho e saúde, dado ser uma atividade de risco e também mal remunerada. Além disso, o tempo gasto entre a saída de casa para o trabalho, o tempo trabalhado e o tempo de volta para casa torna o dia dos trabalhadores exclusivo ao trabalho e tarefas domésticas. Quando se fala em trabalho análogo ao escravo⁷² nos esquecemos que o conceito de escravidão hoje muito se difere do que lhe foi conferido em outras conjunturas históricas. Colocar a situação dos trabalhadores da cana ou de outras lavouras, dos grandes centros urbanos que se encontram em condições desumanas de trabalho, não pode ser definido como a situação de escravos no sentido fiel ao conceito. O que temos hoje é algo singular de nosso tempo, os trabalhadores da cana sem perspectivas de sustentar a família de outra forma se submetem e vivem essas relações de trabalho por não terem outras expectativas que os proporcionem melhores condições de trabalho. É um círculo onde a forma como o trabalhador se projeta para resistir e sobreviver diz mais sobre como ele se forja socialmente e resiste ao que tem como possibilidade de inserção social, do que como uma situação de escravo, de não ser dono

⁷² FIGUEIRA, Ricardo Resende. **Pisando fora da própria sombra: a escravidão por dívida no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 445. MOURA, Flávia de Almeida. **Caderno Pós Ciências Sociais - São Luís**, v. 2, n. 4, jul./dez. 2005. p. 122-123. Ao tratar das viagens até o local de trabalho, o autor fala dos migrantes que percorrem outras “geografias” além da física. Para isso, se apropria de algumas reflexões de Sayad (1998). As surpresas com o novo, os laços de afetividade rompidos e a insegurança são características marcantes dos migrantes, tratadas no livro. Figueira dedica um capítulo inteiro aos fluxos migratórios de trabalhadores e, neste sentido, discute questões como o estranhamento e a vulnerabilidade de estar longe de casa. E também fala dos discursos e das práticas sociais, presentes, principalmente, nos depoimentos de trabalhadores que são aliciados em seus Estados (PI e MT) e seguem para o Pará com esperança de uma vida melhor, ou simplesmente encaram a escolha como uma alternativa ao desemprego, ou ainda, à mudança de vida, seja ela qual for. O medo é outro aspecto que o autor busca entender, a partir da perspectiva de trabalhadores que se dizem acometidos por esse sentimento, principalmente com relação à morte, mas também com relação à condição de insegurança que vivenciam nas fazendas, distantes de casa e de suas famílias. O medo é um sentimento que aparece em vários momentos das entrevistas, incentivando ou inibindo a fuga dos locais de trabalho ou até mesmo presente no momento de voltar para a casa. A hierarquia, o status e a obediência são outros aspectos abordados por Figueira, presentes tanto nos locais de trabalho (fazendas do sul do Pará, no caso), quanto nos ambientes familiares, entre os trabalhadores; entre trabalhadores e empreiteiros (gatos), ou mesmo entre o gerente da fazenda e o seu proprietário. Para explicar essas relações, o autor utiliza a categoria “cadeia de mando”, para expressar a forma como o trabalhador recebe ordens do chefe da turma, que obedece ao reta-gato e ao fiscal. E estes, por sua vez, obedecem ao gato e ao gerente da fazenda.

de si, mas sim propriedade de alguém. Algumas semelhanças estão no trabalho exaustivo, na carga horária e na má remuneração, péssimas condições de habitação, alimentação, lazer. E é nessa teia que trabalhadores tecem suas vidas de formas distintas e por vezes numa tentativa de mobilidade social não como dominados. Encontram-se cerceados de sua liberdade, pois, como no trecho abaixo, vemos que não tem tempo para muita coisa se não ao trabalho:

Renata: Eu percebo que há uma expectativa das cidades com a chegada dos trabalhadores aqui, em vender alguma coisa assim... como você faz com a comida é alguém que faz? Essas coisas lavar roupa? Alguém faz esse serviço para você?

José Hamilton: Não eu inclusive, é eu que faço tudo mesmo! Cozinheiro, eu é quem lavo pra mim, por que devido meu salário num tem como paga pra ninguém que eu tenho família e se for pra você, uma lavagem de roupa hoje, eles vão cobra o quê? Um salário, né? Eu num to ganhando como é que eu posso pagar? Num tem outro jeito eu mesmo lavo!”⁷³

“Renata: É... aí sobre a comida?

Antônio Bispo: Sobre a comida é como lhe falei nós levante 3 horas da madrugada pra fazer a comida (alguém grita: - quando come demais!). É... Leva pra... Na hora que nós chega lá a primeira coisa que nós... Come um pouquinho 7 horas...

Renata: 7 horas...

Antônio Bispo: E meio dia nós... 11 horas nós...

Renata: Pra aguenta tinha que comer...

Antônio Bispo: É... Come de novo 11 horas aí tem uma hora de descanso e aí nós pega no duelo de novo.”⁷⁴

“Renata: Como faz com a roupa comida...

Marcel: Minha roupa é eu quem lavo, lavo minha roupa e a gente faz a janta, é janta, o almoço quem faz quem faz é a mulher é o almoço mes? É janta o almoço quem faz é a gente, a gente levanta 3 hora cada dia tem o dia duma pessoa, hoje é meu dia de fazer aí você levanta 3 hora faz o de comer coloca nas vazia dos colega e aí quatro hora a gente vai...”⁷⁵

Na procura pelos trabalhadores nas viagens as cidades, exceto nos fins de semana, eu só os encontrava nas suas residências após as 18 horas. Então, pensando nessa lógica do horário de trabalho – o tempo dedicado ao mesmo, na preparação da comida e descanso para voltar ao trabalho no outro dia –, os vemos frente a esse

⁷³ José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã veio de Conceição do Cuité/Bahia. Entrevista realizada em 13/10/2009. p. 10-11.

⁷⁴ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcantra (Piauí). Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 3.

⁷⁵ Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 4.

cerceamento de sua liberdade, pois às 18 horas e 30 minutos, na casa de Antônio Bispo, estava a turma da semana incumbida da tarefa a lavar as louças do almoço feito de madrugada, do jantar. Suponho que terminem de lavar a louça às 19 horas, e o jantar às 20 horas e tomem um banho. Que, pela quantidade de gente residindo na casa, 11 pessoas, demore mais uma hora. Supondo que ele foi dormir às 21 horas, não vá dormir mais que 6 horas até as 3 da madrugada quando acorda para preparar o almoço. Com essa rotina de seis horas de sono, corte de cana e afazeres domésticos não sobra tempo nem disposição para lazer. Nos fins de semana trabalham no sábado até as 11 da manhã, quando chegam a casa, tem suas roupas para lavar e a casa para arrumar.

A casa na qual vivem Antônio e seus amigos não tem geladeira, mesas com cadeiras, camas, entre outras mobílias. Há um fogão e alguns colchões espalhados por todos os cômodos da casa. A rotina deles se mantém durante toda a safra, uma vez que o salário pago pelas usinas não permite que os trabalhadores paguem pelo serviço doméstico. O tempo para lazer, entre outras atividades, não existe no dia-a-dia dos trabalhadores do corte de cana. Eles se encontram cerceados de sua liberdade, pois quando não estão a caminho do trabalho, estão cozinhando ou lavando, e ainda precisam dormir. As condições a que se submetem são fruto da má remuneração e do descaso das empresas.

Na fala de José Hamilton, percebo que ele estabelece uma comparação entre outros serviços prestados pelas pessoas de Centralina e Araporã e o seu, quando nos coloca que fica caro pagar pelo serviço, ao mesmo tempo faz uma comparação do grau de dificuldade com o seu trabalho. O trabalho na cana é mal remunerado, sua experiência não possibilita que ele pague por uma atividade mais simples, como a lavagem de roupa, por que o valor do trabalho prestado pela lavadeira ou cozinheira é quase o que o cortador de cana tira por mês.

Há uma desvalorização do trabalho do cortador de cana nas cidades de Centralina e Araporã, interpretando sua experiência José Hamilton nos coloca de forma comparativa a outras categorias de trabalhadores que residem no local sua resistência ao lavar a própria roupa mesmo não gostando de tal tarefa. A liberdade de ir e vir são cerceados não só pelos baixos salários, mas pelo valor que acometem esse tipo de prestação de serviço nas cidades. A única saída que o trabalhador da cana encontra é ele mesmo executar essas tarefas, como forma de economia e valorização de sua categoria de trabalho. Afirma que “eles vão querer cobrar uns 2 real numa pecinha de roupa” que

ele mesmo faz no “enturválo” do seu trabalho, e que para ele tem um grau de dificuldade mínimo. Ele nos aponta para a desvalorização de seu trabalho pesado em relação ao trabalho e exploração vivida nas cidades para onde vai trabalhar. A exploração vivida longe do local de origem acontece não só pela empresa que o emprega, mas, por toda a rede que relações que se constrói com a chegada de trabalhadores em Centralina e Araporã. José Hamilton interpreta sua experiência com os moradores da cidade e narrando nos coloca:

Renata: Então, é diferente dos outros lugares?

*José Hamilton: Diferente demais... Diferente demais... Pode ser a Trialcool, a Vale tudo do mesmo jeito... Eles aqui tudo do mesmo jeito eles aqui quer compra panela, fogão, bujão e o pior é que chega agora, nessa hora de ir embora, agora tem que dá o bujão pro povo de graça, ou dá pro pessoal ninguém compra, quando nós chega rodado, o pessoal, pra vender, espeta nós! Compra caro e agora pra ir embora é de graça...*⁷⁶

Minha pergunta desvia-se do foco, mas José Hamilton é enfático em sua interpretação, que em qualquer lugar onde há usina e trabalhadores que se deslocam para o trabalho nas mesmas há esse tipo de exploração por parte dos moradores do local, independente de ser em Araporã onde ele se encontra no momento. José Hamilton coloca como a relação com os habitantes da cidade é de exploração, assim como no trabalho. Sua experiência com a procura pelo trabalho aponta que as pessoas que moram na região tentam lucrar a todo custo com a chegada dos trabalhadores da cana, mesmo sabendo que os mesmos não têm condições para tanto. O valor do botijão de gás e fogão é medido aqui pela necessidade dos mesmos nas casas dos trabalhadores da cana, é um dos únicos móveis além das redes e colchões que encontramos na casa deles. São ferramentas essenciais no dia-a-dia das pessoas, é prioridade para eles adquirirem o mesmo no início da safra, pois precisam se alimentar da forma mais barata possível, preparando sua própria refeição. José Hamilton ainda coloca:

Renata: Não tem muito jeito né?

José Hamilton: Não tem motivo... a gente mora num lugar desse aqui assim todo mundo sabe que esses lugar que tem essas usinas assim é tudo mais caro, um aluguel é um absurdo a gente vai no mercado compra uma coisinha de nada um preço grande e ganhar nós num ganha. Suponha que a gente ganha o quê? Tem pai de família que trabalha pra nós e pra família né?

⁷⁶ José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã veio de Conceição do Cuité/Bahia. Entrevista realizada em 13/10/2009. P. 8.

Chega aqui vai no mercado agora e compra 20 conto aqui e tem que pensa na família mais 20 ou 30 pra família que ficou em casa né? Então não ganha fica difícil...

Renata: Difícil mesmo...

José Hamilton: Difícil demais...

Renata: E lá na Bahia? O emprego lá?

José Hamilton: Ah, na Bahia, eu vou te dizer... Emprego na Bahia é num período, por que na Bahia nunca chove igual chove aqui, pra qui... emprego nessa região nós sai mais mode período de chuva por que se chovesse bastante lá, igual chove aqui, não saia por que emprego lá tem também... Mas como lá não chove, é mais escasso de chuva, aí nós sai. Mas esse ano mesmo na Bahia teve inverno, quem pranto com feijão, milho. Agora, liguei em minha casa ontem, ela falou que a chuva chegou pra lá, tá tudo enchendo lá... Tudo! Então, acredito que nesse ano vai ter trabalho pra nós, então nós indo embora dia 30, agora, nosso contrato vence aqui e nós tudo vai embora, acredito que ano que vem nós não precisa sair no mundo, né? A chuva chegando cedo pra nós lá, serviço não falta e com o que nós ganha dá pra viver com a família, dentro de casa é melhor que sair sofrendo assim no mundo, né?⁷⁷

A exploração sofrida pelos trabalhadores que saem à procura de emprego advém de todos os lados, empregadores, donos de comércio, lavadeiras, cozinheiras. Enfim, a promessa do eldorado frustrada, tanto para trabalhadores como população local tem consequências no cotidiano do trabalhador. Suas experiências no trabalho da cana em uma nova cidade com gastos além do que teriam se morassem no local de origem alteram seu custo de vida, porém, o ganho continua sendo insuficiente para todas as necessidades que o trabalhador da cana tem que atender. Assim, ele acaba deixando de levar uma vida digna para proporcionar isso à família e atender ao valor demandado pela procura, sem alternativa. Procuram dividir a casa com outros trabalhadores, entre outras despesas, como energia elétrica, água e supermercado, economizando em tudo na sua rotina nas cidades de Centralina e Araporã. Inclusive, o alto custo de vida na cidade está nas falas de muitos moradores locais que preferem comprar em outras cidades como Itumbiara e Uberlândia, onde o custo de vida é mais baixo. Nas cidades de Centralina e Araporã, a circulação de dinheiro é muito pequena, sendo assim os comerciantes medem o valor de suas mercadorias pela procura das mesmas, onerando seu valor.

A rotina de trabalho no corte de cana excessivamente estressante e desgastante que suportam os trabalhadores todos os dias lhe conferem um status distinto do que

⁷⁷ José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã veio de Conceição do Cuité (Bahia). Entrevista realizada em 13/10/2009. P. 5.

podemos chamar de trabalho – que comporta as oito horas legalmente devidas de trabalho por dia. A rotina de deslocamento geográfico para os canaviais, a situação de higiene das casas e as tarefas domésticas que estes homens realizam, colocam sua rotina de trabalho no patamar de uma atividade análoga à escravidão, e ilegal também. Apesar de serem eles que se deslocam à procura de trabalho, por necessidade de sobreviver, são quase obrigados a se sujeitar a esse trabalho, visto que não têm escolaridade nem tiveram oportunidade de conseguir outras formas de renda. A escola, no sentido interpretado pelos trabalhadores, aparece como a única alternativa para um trabalho mais digno, porém os trabalhadores mais jovens terminaram o ensino médio e independente disso se encontra no corte de cana:

Renata: Você pode falar um pouquinho da sua vida lá?

Marcel: Lá eu estudava, terminei o ensino médio, eu terminei e vim para cá trabalhar. [...]

Renata: o que você pensa para o seu futuro?

Marcel: Ah meu futuro é chegar no final do ano e estudar, fazer algum curso e não corta cana mais não, eu não penso nisso mais não.

Renata: Como é que é as condições de trabalho lá no Piauí?

*Marcel: Lá é o seguinte, se a gente tiver algum estudo, fizer algum concurso, tem como a gente arranjar algum emprego lá assim, de professor, vigia essas coisas mais.*⁷⁸

Marcel diferente dos cortadores de cana entrevistados com mais de 25 anos, teve a oportunidade de terminar o segundo grau, percebo que na sua interpretação o valor atribuído à escola por ele é de conseguir um trabalho menos pesado. Sua experiência no primeiro ano de corte de cana o faz valorizar os estudos e querer para seu futuro alguma especialização que proporcione outro tipo de trabalho. Torna-se um discurso recorrente nas narrativas com os trabalhadores da cana, a valorização dos estudos em detrimento ao trabalho leve e melhor remunerado. A impossibilidade de estudar para os cortadores de cana não é o que determina a falta de estudos, mas sua condição socioeconômica. A pobreza não permite que a maioria estude e consiga outro tipo de trabalho, os trabalhadores da cana carregam em sua interpretação sobre o trabalho na cana uma visão socialmente difundida de que a educação mudaria a condição de trabalhador

⁷⁸ Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008, p. 1 e 2.

braçal. A educação na interpretação dos trabalhadores da cana acaba como um discurso hegemônico que culpa os pobres pela pobreza, e que justifica sua exploração.

A oferta de empregos na região é tão grande e a chegada de trabalhadores tão intensa, de forma que os trabalhadores da cana trabalham em outras cidades e tem que residir em Centralina ou Araporã por que onde trabalham está lotado. E todos os dias percorrem esse trajeto como nos narram nas diversas entrevistas. Além da exploração do trabalho, o tempo para outras atividades após e antes do corte de cana não propicia nem o descanso quanto mais disposição para uma atividade de lazer. Acordar às três da manhã para chegar as sete no trabalho, já é quatro horas em função do mesmo, o café da manhã é a beliscada na marmita que foi produzida para o almoço. As roupas e EPI's⁷⁹ usados pelos mesmos em baixo de sol quente também causam bastante desconforto. Sabemos das necessidades desses utensílios, mas por meio das narrativas sabemos também o quanto são nocivos quando aliados ao clima e à jornada de trabalho. A perda de líquidos, o peso das roupas, a atividade física intensa e pesada causam exaustão no dia a dia nas lavouras de cana, como narra Adenilson:

Adenilson: Acho que a gente ganha pouco demais, é sofrer demais pra gente ganhá o que a gente ganha, desgaste demais cê vê ocê chega lá pode ta quente pode ta frio, o trabalho é tão esforçado a cana, que assim que ocê começa em pouco tempo cê ta pode ta com três peças de roupa no seu corpo tudo molhado de suor.

Renata: Tá tudo molhada...

⁷⁹ GONZAGA, Maria Cristina. O uso dos equipamentos individuais de proteção e das ferramentas de trabalho no corte manual da cana de açúcar. Ministério do Trabalho e Emprego. **FUNDACENTRO**, Fundação Jorge Duprat Figueiredo de segurança e medicina do trabalho. Março de 2002, p. 14. Os equipamentos de uso obrigatório pelo trabalhador são permeira, óculos de proteção, luvas de segurança, sapatão. A atividade de trabalho significa o trabalho real efetivamente realizado pelo indivíduo, a forma pela qual ele consegue desempenhar as suas tarefas levando em conta suas características pessoais, experiência e treinamento. Na análise dos Equipamentos de Proteção Individual é de fundamental importância considerar a diversidade das características físicas dos usuários, tais como as antropométricas (dimensões dos segmentos corporais), o uso das mãos (destros e canhotos), dificuldades de visão e os riscos reais durante a execução da atividade. Estes são fatores de suma importância para se avaliar a eficácia dos equipamentos de proteção individual, já que o seu uso deve ser contínuo durante toda a jornada de trabalho. A aplicação de uma entrevista prévia para avaliar como se estabelecia à relação entre os usuários e os EPI têm os resultados apresentados na tabela abaixo. Saliento que a entrevista questionava se os EPI protegiam e eram confortáveis, porém este questionamento se traduziu nas seguintes respostas fornecidas pela maioria dos cortadores: “confortável os epis não são, eles atrapalham”. Os dados demonstram que os EPI protegem parcialmente os cortadores mais também dificultam a execução do seu trabalho, já que também atrapalhavam, por exemplo, com relação às luvas de proteção 64,5% das respostas dadas afirmaram elas protegem porém 79,4% afirmaram que atrapalham. Disponível em: <http://www.segurancaetrabalho.com.br/download/epis-corte-cana.pdf>.

*Adenilson: Oh parece até uma mentira tinha vez deu chega aqui arranca a butina assim e tinha suor dentro da botina, suor mesmo, né água não, de chuva não, era de suor.*⁸⁰

Apesar da importância dos EPI's no trabalho da cana, na interpretação dos trabalhadores, os equipamentos, aliados às condições climáticas, causam desconforto no eito da cana. As condições de trabalho que Adenilson expõe são representativas da condição de classe, visto estatisticamente⁸¹, no número de mortes e doenças causadas pelo esforço físico gerado no trabalho no eito da cana. A faixa etária dos trabalhadores varia muito, há muitos jovens que acabaram de tirar a carteira de trabalho e terminar o segundo grau, e há adultos acima dos 25 anos que dedicaram a vida toda ao corte de cana. Os trabalhadores não se interpretam como coitados ou vítimas desse processo, mas como guerreiros do “coro grosso”, como se as outras pessoas fossem fracas para o trabalho. Reclamam da remuneração, mas tem consigo que seu trabalho é algo que fazem de bom para a sociedade, só que a mesma não lhe retribui a altura. A incessante busca por condições dignas no trabalho do corte de cana como uma forma digna de sobrevivência. À História cabe o debate que coloque em movimento, juntamente com as propagandas pelo *boom* do etanol e da agroindústria da cana, o papel desempenhado por esses homens que, nessa conjuntura, diferentemente dos escravos de outro período do Brasil, se fazem e refazem enquanto categoria de trabalhadores. Procuram, por meio desse movimento em busca de empregos e novas chances na vida, uma forma de sobrevivência.

José Hamilton aponta diversas consequências de irregularidades e exploração vivida por ele durante anos em seu caminho na busca por trabalho, sendo representativo da categoria que se cala diante dessas perguntas, às vezes por medo de se pronunciar e, conseqüentemente, receber algum tipo de punição, até mesmo a morte. A situação do trabalhador da cana sempre foi de luta pela sua vida tanto no que tange à necessidade de trabalhar para sobreviver e se manter no trabalho quanto para manter-se vivo. Quem anda pelo mundo longe de seu local de origem e dependendo do emprego, corre muitos riscos ao se deslocar para outras cidades. Neste trecho da narrativa de José Hamilton ele nos aponta como representativo de sua classe o que lhe aflige ao andar pelo mundo, por

⁸⁰ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina (Bahia). Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 12.

⁸¹ http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v6.pdf. p. 15.

um lado, o medo de submeter sua família, por outro o de lidar com o desconhecido nas cidades que percorre:

José Hamilton: Eu até esse ano eu queria trazer, eu pensei em arruma um serviço fixo aqui, fica diretamente... aí eu pensei em trazer! Que eu pensei às vezes gasta menos... mas eu achei que eles ficando em casa é muito melhor! Em casa eu num pago água, num pago luz, tenho minha casa, né? E aqui mesmo eu vou paga tudo, paga água, luz, casa, paga tudo! Então eu achei que fica em casa é muito melhor! Às vezes eu falo: -oh mulher é o seguinte para por casa mesmo nós temo 5 criança é meio duro... as vezes eu assisto aquele programa do Gugu dia de domingo eu vejo aquele pessoal dá tanto, pessoa que sai pro meio do mundo com sua família arriscando a... pra poder ganhar o pão mais fácil, mais sempre não é todos que dá sorte, né mesmo? E se é obrigado a pessoa fica ligando pra aquele programa, aquele negócio todinho... eu falo: -oh mulher fica em casa que é melhor pra nós, que eu tano lá, com a fé em Deus ou sozinho, eu racho de lá pra cá, e com família é mas doído né! [...] Doído que vários amigo da gente que saíram por aí no mundo e num volta, morre, né? As vezes chega num lugar desse e uma zueira a toa, besta, precisando o povo vai e mata inclusive esse ano dois baiano amigo da gente chegou aqui em Capinópolis aqui, mataram os dois através de cachaça, então a gente vê aquilo e fica chateado, né? Judia demais...

Renata: É difícil mesmo...

José Hamilton: Difícil a vida...

Renata: Mas assim, por exemplo, igual esses amigos seus, tipo tava trabalhando? Como que é?

José Hamilton: O pessoal conta, que eles tava trabalhando lá e foram beber num bar de um homem lá deram uma nota de 100 reais para ele tirar e acho que o cara não tinha troco e ele abuso do rapaz, né! E peão bebendo é abusado mesmo né? Eu acho que abusou e o rapaz não tinha paciência e atiro neles⁸².

Sair para trabalhar pelo Brasil e conseguir trabalho, sustentar a família é uma questão de honra. O sofrimento pelo qual ele passa ao sair pelo Brasil à procura de emprego ele não quer para seus filhos, nem esposa. Muito menos ter que se expor daquela forma para ganhar uma ajuda, ele prefere que sua família fique na sua cidade de origem. Percebo aqui, como as expectativas dos trabalhadores quando chegam ao Triângulo Mineiro para trabalhar, se frustram pelo alto custo de vida. Além disso, é representativo para outros cortadores de cana que as condições para quem sai à procura de trabalho sofrerem vários tipos de violência e nem sempre as coisas saem como o sonhado. Eles sabem o valor de suas vidas, e temem o desconhecido, quando chegam às cidades para trabalhar procuram ter um bom convívio, pois entendem pelas muitas histórias que ouviram em suas andanças que estar longe de casa e conhecidos pode acarretar situações perigosas e até fatais como no caso citado acima. É representativo

⁸² José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia para Araporã entrevista realizada no dia 13/10/2009. p. 9 e 12.

para José Hamilton na condição de trabalhador de cana que sair de sua cidade em busca de emprego é algo perigoso. A possibilidade de morte é iminente, tendo ouvido diversas histórias de outros trabalhadores da cana em sua mesma condição que foram assassinados. A esperança dos trabalhadores da cana é de arrumar um emprego, mas vem encoberta de diferentes sentimentos causados pelas possibilidades do terreno comum compartilhado.

A necessidade de dinheiro para adquirir eletrodomésticos, motocicletas, gado, reformar a casa, tem sido conquistada pelos trabalhadores da cana por meio desse esforço. O trabalho árduo durante a safra é recompensado quando possibilita a inserção desses trabalhadores no mercado consumidor:

Renata: De quanto em quanto tempo vocês trabalham?

Rocinaldo: nove mês oito mês...

Renata: é de fevereiro até...

Rocinaldo: Novembro, eu ante deu vim pra cá né, de corta cana ficava lá no norte lá era um pouquinho fraquinho agora melhorou, graças a Deus, depois que eu vim pra cá, três anos já melhorou... Ficou melhor, melhorou e a esposa ficou alegre né, não falando de Deus nem do meu lugar, mas a vista deu num ter estudo, lá num trabalhava, só trabalhava na roça, ganhava pouquinho entrava ano saia ano comia né? Só dava pra comer e a família... Depois vim pra cá, economizou, já ajeitou direitinho, vai economizando, passa 8, 9 mês chego lá, chego com um trocadinho, aí já compro uma coisa, já ajeito uma casinha, já compro um objeto pra dentro de casa, aí a esposa fica alegre, aí já é uma boa né? É uma boa porque não dizendo que lá onde nós mora é ruim, porque se for pá vive lá comendo o pão, Deus dá, com fartura dá... Mas, eu preciso de sair pá compra uma coisinha, porque a gente num tem estudo num tem emprego né? Aí tem que dar uma voltinha, aí é onde o caso ta dano certo, e é muito boa a usina, são boa, tem muitas usina boa aqui, aqui São Paulo no Mato Grosso tudo tem umas usinas boas.⁸³

Compreendendo sua situação como agricultor no local de origem, trabalhando a terra para sua sobrevivência sem a obtenção de lucros, Rocinaldo entende que pela sua situação – de não ter estudado – a procura pelo trabalho e o esforço no mesmo na sua interpretação parecem recompensados. Em outras situações no decorrer de sua vida, o trabalho na própria terra também não lhe proporcionou o que o corte de cana proporciona em sua vida hoje. Em sua interpretação o trabalho na cana é suficiente, para adquirir eletrodomésticos entre outros produtos indispensáveis na vida contemporânea. Os trabalhadores da cana vêem o corte de cana não vêem seu trabalho como uma

⁸³ Rocinaldo Silva, 36 anos cortador de cana que veio de Barras Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 11.

possibilidade de mobilidade social visto que não tem estudo. Mas se Rocinaldo corta cana hoje talvez possibilite aos seus filhos estudo e melhores condições de trabalho e vida no futuro. As possibilidades adquiridas com o trabalho na cana e o salário todo mês, são um dos retornos para o trabalhador da cana. Poder comprar e ter crédito na praça é algo que só conseguem quando experimentam o trabalho na cana. O salário mensal mesmo que não seja o ano inteiro possibilita que trabalhador tenha renda, mesmo depois que volta para a sua terra ainda tem o seguro desemprego durante os três meses que fica na sua cidade de origem. O trabalho na cana possibilitou ao trabalhador ter crédito, e inserir-se como consumidor, o que era impossível quando trabalhava na sua terra. Sua trajetória enquanto trabalhador da cana significou para ele superação de uma condição de miséria, mas não de fome; superação de limites ao enfrentar o trabalho árduo nos canaviais, como ele nos coloca aqui quando fala dele mesmo e, depois, relata sobre a desistência de muitos amigos cortadores de cana:

Renata: No Piauí você trabalhava com o que?

Rocinaldo: Com machado, foice, no pesado e aí aqui também é no pesado aí a gente não nota a diferença já é acostumado ai aqui a gente se dá bem não estranha por que já é acostumado no pesado .[...]

Renata: Você acha que todo mundo agüenta o tranco como você?

Rocinaldo: Não daqui de Minas todos os daqui mesmo daqui mesmo e tal um bocado deles num aguenta não, mas a maioria deles agüenta, mas mesmo próprio mesmo é nós que vem de fora, eles se dão bem com nós, nós se damos bem com eles, somo acostumado, nossos pai era duro nós também somo filho, puxa nossos pai somo duro também, tem que trabalhar mesmo que num tem outro meio não, [...].

Rocinaldo: Esse amigo que não aguenta às vezes é muito pouco é desses que é meio fraquinho, que todo mundo não é igual mesmo, aquele meio fraquinho é a produção baixa eles não se dão bem, né? Com quentura do sol ou às vezes mesmo com aquele carvão da cana, né? Ou às vezes mesmo fica aquele carvãozinho aquele pó, também por que todo mundo num é igual mesmo, mas é muito pouco que num dá conta muito pouco. Aí esses que num dá conta aí eles pede pro fiscal por eles na redução, que na redução de três meses, dois meses, a usina tem redução, mas só pros que quere...

Renata: o que é essa redução?

Rocinaldo: A redução é pra certas pessoa que num aguenta, que num dá conta, aí esse funcionário que não dá conta, que é fraquinho que produz pouco aí ele chega no fiscal e diz: -oh põe eu na redução que eu quero ir-me embora eu num dou conta, eu to com saudade da minha família quero voltar pra casa. Aí o fiscal vai bota pede o nome dele o nome da matricula né, e o numero do crachá dele de funcionário, aí o fiscal, é tal pega e vai e põe 3,4,5 dos que quer ir, por quê quer num é por causa da usina, mas é muito pouco, a maioria mais de $\frac{3}{4}$ das pessoa que vem aguenta. Aí, esses funcionários aí, a usina vai, passam paga o mês de férias pra eles ainda, paga o mês, aí vai ajusta direitinho dá a cesta base pra eles ainda, a usina dá né? Aí vai quando eles marca o dia né aí vão receber lá, aí a usina vai chama eles -oh vocês vão embora pra casa, pra família de vocês , vocês num vão gasta o

*dinheiro de vocês na cidade não, vão embora, vocês tão alimentado nós demos a cesta base, já pagamos vocês, acertamos com vocês direitinho, então vocês vão embora e chega lá e diz que a usina é boa, não vai falar mal da usina, que tá tudo nos papel aí tudo certinho, aí o amigo alegre né compra passagem e vai-se embora alegre. E nós fica trabalhando até dia 20 de outubro, novembro.*⁸⁴

A população local também tem essa ideia de que as pessoas da cidade não procuram o trabalho na cana, mas há exceções. Para Rocinaldo, o trabalho na cana aqui no Triângulo Mineiro é uma opção de trabalho que, como ofício, exige dele o mesmo esforço que seu trabalho na região de origem, porém com um diferencial positivo, paga-se melhor. Rocinaldo vê a cana como expectativa de melhoria na sua vida e interpreta o trabalho na cana como algo difícil, mas não acredita que seja explorado pela usina. Justifica isso com o argumento de que não teve estudo, e quem não tem estudo trabalha na lavoura. Vê sua jornada de trabalho na cana como ato heróico e que foi passado de geração em geração pela sua família. Por meio deste trabalho, ele conseguiu melhorar sua vida, através dessa mobilidade geográfica que tem proporcionado a ele obter um salário. Em toda sua entrevista, este entrevistado coloca as usinas como locais onde há trabalho para pessoas como ele e se sente valorizado pela empresa e salário, está satisfeito com sua situação no presente. Apesar de estar satisfeito, Rocinaldo nos dá pistas e evidências de como são as condições de trabalho no corte de cana. Quando ele interpreta e descreve o que é incomodo e insalubre no trabalho do corte de cana para aqueles que não conseguem trabalhar a safra inteira e desistem. Mesmo usando os EPI's, tendo assistência de ambulância e um salário que o agrada, os possíveis prejuízos físicos no futuro podem advir dessa rotina exaustiva de trabalho. O salário pelo trabalho produzido pelos cortadores nos canaviais é calculado em cima do que produzem então pessoas que se consideram fortes como o senhor Rocinaldo e que também querem juntar algum dinheiro consentem com essa rotina e encaram-na como algo necessário para alcançar suas metas de salários.

Quando indago a ele sobre acidentes de trabalho entre outras insalubridades possíveis, me diz que isso não existe, que a empresa é direita, devido à presença do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã no decorrer da entrevista. Mas com outra pergunta ele pôde nos falar sobre o que muitos não aguentam no trabalho no corte de cana, com exemplos de pessoas que desistiram.

⁸⁴ Rocinaldo Silva, 36 anos cortador de cana que veio de Barras Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 1 e 7.

Assim, Rocinaldo nos coloca frente aos problemas enfrentados por sua categoria nos canaviais, como o sol forte, respirar o carvão, a presença de animais nocivos, entre outras, permitindo perceber como são representativas as condições de trabalho dentro da usina – a diferença entre os trabalhadores que conseguem e os que são mais fracos e acabam desistindo e sendo ao mesmo tempo estimulados a deixar o trabalho com a redução. Contudo, mesmo Rocinaldo, que aguenta o corte de cana e consegue produzir bem, poderá ter problemas futuros de saúde pelas condições a que esteve submetido ao trabalhar nos canaviais. Não é interessante para a empresa manter funcionários que não produzam de forma rentável a ela, para sanar esses problemas cria-se essa redução. Rocinaldo é enfático ao dizer que é “mas só pros que quere...” o que na minha interpretação parece à fuga de uma possível questão. Essa redução pode ser uma alternativa aos contratos feitos no início da safra, que se quebrados pelo trabalhador no caso de desistência ocasionam a perda de muitos direitos e muitas vezes os impedem de querer deixar o trabalho. O incentivo para aqueles que não trabalham de acordo com a produção para a usina deixarem de trabalhar nela.

O corte de cana exige força física dos trabalhadores e, nesse sentido, homens jovens são atraídos. Marcel é um desses homens que, com apenas 19 anos, nos coloca em sua entrevista como veio para o corte de cana em Minas Gerais e algumas motivações para homens na sua idade procurar emprego na cana:

Renata: Lá é moda, lá no nosso lugar, lá é novidade o corte de cana, a gente completa a idade tira os documento e vem trabalha.

Renata: Quem te indicou?

Marcel: Tem uns pessoal lá que pega a gente pra trabalha aqui, aí a gente vem surge as vagas aí a gente vem pra cá.

Renata: Alguém te chamou algum amigo seu?

Marcel: É meus colega tem uns colega meu que já trabalhou aqui já e eu vim com eles.⁸⁵

Marcel encara a procura pelo trabalho no corte de cana pelo país como algo comum para as pessoas de sua região de origem. O que para ele é moda, percebo como uma prática comum que se desenrola há três décadas e que, provavelmente, ele próprio acabou seguindo como alternativa ao desemprego quando terminou o segundo grau. A

⁸⁵Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 1 e 2

esperança de emprego, mesmo tendo o segundo grau completo, não pode ser realizada. Quando indaguei a Marcel como ele havia sido recrutado para o trabalho, ele diz no trecho acima que umas pessoas os pegam pra trabalhar aqui. Percebo que a pergunta que faço em seguida desvia seu foco da onde poderia chegar, diz que foi chamado por amigos. Na minha interpretação, está presente entre esses amigos o aliciador, entendo amigo, nesse caso, como alguém da mesma região ou que trabalha na mesma empresa, visto que ele e os outros moradores da casa são do Piauí, mas se conheceram ao sair de Barras para o trabalho em Centralina e Araporã. Esses amigos são aliciadores de mão de obra, mesmo que eles sejam conterrâneos a relação que tem de amizade advém dessa oferta de emprego.

Como os cortadores mais velhos dizem se submeter ao trabalho nos canaviais por não terem estudo, já Marcel diz que está ali para juntar algum dinheiro que garanta alguma chance de fazer um curso superior ou técnico, prestar concursos, para não trabalhar na cana. Neste trecho pergunto sobre seu futuro:

Renata: E o que você pensa pro seu futuro aqui?

Marcel: Ah meu futuro é chega no final do ano e estudar, fazer algum curso e não corta cana mais não, eu não penso nisso mais não.

Renata: E como são as condições de trabalho lá no Piauí?

*Marcel: Lá é o seguinte, se a gente tive algum estudo fazer algum concurso tem como a gente arranjar emprego lá, assim de professor, vigia essas coisas mais...*⁸⁶

Diferente de outros, ele procura, por meio do trabalho na cana, uma possibilidade de continuar estudando. Por meio do dinheiro ganho com o trabalho pesado e mal remunerado, cria as chances para algo melhor no futuro, visto que não tem família para sustentar e seus pais não precisam de ajuda em casa. As condições de trabalho no Piauí, pelo menos neste caso, não são as mesmas dos adolescentes das cidades de Centralina e Araporã. Nas narrativas dos moradores dessas duas cidades, percebo que entre os jovens do local, poucos conseguem emprego em Centralina e Araporã. Em sua maioria, os que não conseguem emprego nessas cidades, mesmo tendo estudado, têm que migrar. Já Marcel acredita que se conseguir terminar os estudos (ingressar em um curso de nível superior, ou mesmo ser aprovado em algum concurso

⁸⁶ Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 2.

público) terá a possibilidade de um emprego melhor e na sua cidade de origem no Piauí. Percebemos, pela fala de trabalhadores e moradores locais, que a situação em que se encontram as cidades onde se instalam as usinas também é de desemprego, exceto para o trabalho na lavoura.

Fui percebendo, no decorrer da pesquisa, que as cidades de Centralina e Araporã não oferecem emprego aos seus jovens, restando-lhes procurar emprego em outras cidades. Como os trabalhadores que se deslocam para estas cidades, muitos jovens residentes nas mesmas também o fazem, com ou sem estudo, estão em busca de algo melhor fora dali e procuram emprego em diversas áreas de atuação. Nas narrativas dos moradores de Centralina e Araporã, idosos em sua maioria, quando pergunto pelos filhos dos mesmos, a maioria mora e trabalha em outras cidades, o Senhor João lavrador aposentado que mora no município de Araporã:

Renata: o senhor tem quantos filhos?

João Faria: um casal.

Renata: um casal... quê que eles tão fazendo?

João Faria: Minha menina mora lá em Guaiatuba e o menino mora no Barra do Garça.

Renata: Tudo é em Minas?

João Faria: Não Barra do Garça é Mato grosso.

Renata: Mato Grosso, e Guaiatuba?

João Faria: Goiás.

R: Goiás e eles tão fazendo o que?

J: Minha menina trabalha numa financeira e o menino é caminhoneiro.

R: Hunrum então eles tão... tudo tem emprego, tudo bem.

J: tem, tem, tem emprego mais não arrumo aqui né.

R: Hunrum aqui você não vê possibilidade.

J: Não, minha menina arrumou um emprego foi pra Uberlândia e formo né...

R: Hunrum...

J: E o menino ficou aqui, num quis escola, mais e o que teve de acha foi caminhão né! Aí teve que muda pra Barra do Garça pra arruma emprego.⁸⁷

“Renata: Então o senhor acha que assim pros jovens não tem perspectiva de fica aqui não?

Rivail: Não num tem,

⁸⁷ João Faria Filho. 65 anos, morador de Centralina, lavrador aposentado. Entrevista realizada em 29/03/2010.

Renata: Quantos filho você tem?

Rivail: Eu tenho um casal, eu tenho uma menina que é casada, né?

Renata: Ela mora aqui?

Rivail: Ela mora aqui e tem meu filho, ela é professora dá aula aqui Centralina e Araporã né? É e meu filho é agrônomo mora lá na Bahia, chama Luis Eduardo⁸⁸.

As chances dos moradores de Centralina em conseguir emprego na cidade dependem ou não de estudo. Há necessidade de mão de obra, mas para muitos a solução é procurar emprego em outros locais. Não pretendo aqui localizar os trabalhadores da cana como migrantes ou sazonais, mas sim trabalhadores. Tanto nas cidades de Centralina e Araporã como na cidade de origem dos trabalhadores as pessoas sofrem com o desemprego. A necessidade do trabalho é que move os trabalhadores de modo que, independente de seu grau de escolaridade, a busca por emprego se dá para muitos de forma itinerante, e não apenas para aquele que não tem estudo. Muitos trabalhadores da cana, diferentemente de Marcel, lidam com o corte desde 1980. A experiência com o trabalho para esses homens, durante três décadas, se processou pela itinerância e péssimas condições de trabalho. Tornou-se evidente e comum em todas as entrevistas com os trabalhadores da cana a situação de incerteza quando chegam a certa idade e o trabalho na cana já não é mais possível. Por esses trechos, entendo que nenhum deles conhece seus direitos trabalhistas, não sabendo nada sobre quando nem como se aposentar, se pagam ou não FGTS, sindicato que possibilitariam a esses homens uma aposentadoria:

Renata: Tem quanto tempo que você trabalha no corte de cana?

Antônio Bispo: Oh eu comecei corta cana desde 1984. [...]

Renata: Depois você pretende voltar também?

Antônio Bispo: Não acho que não...

Renata: Aqui não?

Antônio Bispo: Aqui não, aqui não... Aqui acho que essa é a primeira e a última viagem minha

Renata: Por quê?

Antônio Bispo: Já to de idade já 53 anos

Renata: Já ta pensando em para...

Antônio Bispo: É to pensando em para de mexe com corta, pensando mesmo e vou para mesmo, certeza.

⁸⁸ Rivail Rodrigues Atanasio. Morador de Centralina, 63. Comerciante. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 10.

Renata: Vai para...

Antônio Bispo: Vou

Renata: Aí você vai aposentar ou você vai ter que arruma uma coisa lá?

Antônio Bispo: Pensando, né? Às vezes eu mexo, eu trabalho lá mesmo na minha rocinha e vou fica por lá mesmo, chega, mais uns ano de vida e chega a idade.

Renata: Aí num dá mais né, no pesado assim não...

Antonio Bispo: no pesado não...⁸⁹

Renata: Desde 1995?

José Hamilton: Desde 1995 pra cá...

Renata: e como vai ser você pretende, por exemplo, você paga o negócio pra aposentar? Como que fala? Ou como que é você vai aposenta? Tem como?

José Hamilton: Eu num sei, isso é uma coisa que eu num sei né? A gente trabalha na empresa e paga INSS demais, né? Paga sindicato direto demais da conta né, quando desconta é caro nós paga direito. Agora plano de aposentadoria eu não sei como é que é né!⁹⁰

Renata: E você paga INSS esses negócios pra aposentar? A empresa é certinha assim assina carteira?

Adenilson: Certinho

Renata: Só no tempo que você ta colhendo?

Adenilson: Não

Renata: Depois é o seguro desemprego...

Adenilson: É e quando a gente sai à gente recebe o seguro!

Renata: Aí nesse período você paga INSS também?

Adenilson: Quando tá recebendo o seguro não paga eu num sei isso também...

Cristiane (irmã): acho que não!

Adenilson: Paga não!

Cristiane: não... Não!

Adenilson: A gente recebe as parcelas do seguro no preço que for pra gente receber, recebe normal, não desconta não!

Renata: Então no ano você paga lá os oito meses?

Adenilson: é...⁹¹.

⁸⁹ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcântara Piauí. Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 1.

⁹⁰ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p.15.

⁹¹ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina (Bahia). Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 10 e 11.

O esclarecimento que deveria vir do Sindicato dos Trabalhadores Rurais que, segundo reclamações de alguns trabalhadores, pagam religiosamente (todo mês é descontado em seu contracheque), me parece não acontecer de forma efetiva. Sem nenhuma exceção, em todas as entrevistas com os trabalhadores percebo que seus direitos não foram devidamente esclarecidos e a situação de muitos é de não conhecimento sobre como ou quando podem se aposentar nem por tempo de serviço, nem por invalidez. Os que menos conhecem sobre seus direitos são os que trabalharam a mais tempo no corte de cana. Sem conhecer sobre seus direitos e benefícios são presas fáceis para o trabalho degradante.

O sindicato não instrui os trabalhadores quanto às leis trabalhistas e fala como um porta voz dos direitos dos mesmos sem um esclarecimento efetivo. Na fala de José Hamilton, percebo seu descontentamento com Sindicato quando fala “sindicato nós paga demais”. É como se pagassem e não vissem retorno efetivo no que tange à ajuda ou ação que melhore a atuação das usinas quanto a salários, aposentadoria, saúde, entre outras necessidades dos trabalhadores.

A incerteza em relação ao futuro acompanha os trabalhadores da cana em toda sua trajetória em busca do trabalho. A forma como o sindicato tem tratado os direitos dos trabalhadores parece não favorecer aos trabalhadores, pois na fala dele percebo que pagam o Sindicato, mas, por outro lado, ele não tem representação para os trabalhadores. Aparece mencionado nas falas como uma obrigação financeira sem ação efetiva na resolução de problemas, nem mesmo aparecem como um órgão esclarecedor dos direitos e deveres, mas como parte dos descontos que diminuem ainda mais os salários dos cortadores de cana. Não aparecem como aliados, e sim como uma instituição que, para os trabalhadores, não representa os mesmos, mas prestam contas às demais instituições numa relação dúbia em que os trabalhadores são os menos beneficiados no sentido de conhecimento sobre direitos trabalhistas entre outras benfeitorias que deveriam advir do sindicato.

A trajetória dos cortadores de cana tem legado a eles apenas as sequelas nocivas do trabalho árduo e exaustivo. Não há nada que assegure a insalubridade do serviço, citada por Rocinaldo quando nos descreve por que os “fracos” desistem. A mecanização vem entrando aos poucos nos canaviais do Triângulo Mineiro, e não é discutida com os trabalhadores da cana, ela extirpará a maioria dos trabalhadores que tiveram como única função na sua trajetória com o trabalho o corte de cana. Essa solução prejudica ainda

mais a situação de quem passou as últimas três décadas dedicando-se ao trabalho na cana e que agora terá que procurar uma nova função no mercado de trabalho.

Além de não saberem sobre seus direitos, a usina, em alguns casos, utiliza-se de benefícios que são de direito dos trabalhadores para coagir nas interpretações narradas tentam controlar o trabalhador por meio da cesta básica, que é um direito. É uma das reclamações de muitos trabalhadores, mesmo que às vezes precisem, não faltam ao trabalho para não perderem o direito à cesta. Os trabalhadores trazem para o debate essas questões que os tem afligido como uma forma de luta, por que por mais que eu diga que não estou ali para fazer uma denúncia formal (muitos questionaram quanto a isso com receio de conceder a entrevista), eles tem a liberdade de interpretar sua situação e como vem contornando isso no decorrer de seu caminho no trabalho dos canaviais. Nestes trechos, podemos perceber o descontentamento ao falarem sobre a cesta básica:

Renata: E essas pessoas que ousam trabalhar mais a gente sabe que é um serviço pesado o quê que acontece você já, já percebeu? Em algum amigo seu alguma coisa?

José Hamilton: Tem uns que dá câibra na roça, tem que ter ajuda das pessoa do lugar! Dá câibra demais cortador, esses cortador de cana que dá muita cana eles bota fiscal pegar no pé toda hora às vezes dá gancho (pede para descansar um pouco) pra eles por que quem corta muito as vezes sai um serviço mais incisivo um pouco né? Tem que dá gancho para os pobrezinhos e dá cesta base, dá cesta base de 100 conto aí, mas, toda usina aí que eu sei dá cesta base dois dia se perder dois dias e tem direito de vender, aqui se não for um dia já perdeu a cesta base.⁹²

Adenilson: Não dá nada, nada! Até as cestas pra dize que num dá nada, dá a cesta, assim que eles lá no, no trabalho ano passado dava em 2008 eles dava as cestas sabe? Com assim as coisa já, aí depois eles passaram a paga 75 reais por mês, agora tornaram a volta de novo tiraram os 75 reais e deram um cartão pra gente compra no mercado... Mas se faltar não ganha⁹³

José Hamilton e Adenilson interpretam o trabalho na cana como um ofício penoso, que deveria ser bem remunerado devido o esforço dispensado por eles todos os dias. Entendem que as usinas têm muitos mecanismos de controle sobre seu trabalho na lavoura de cana, não permitem que trabalhem demais para receber um salário mais alto,

⁹² José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p. 7.

⁹³ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina/Bahia. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 14.

porém pagam por produção. Parece dicotômico, mas aparece como uma forma de fazer com que os trabalhadores queiram trabalhar mais incisivamente sem comprometer as usinas esse excesso, ela mesma coloca funcionários para conter um trabalho que exceda a força do trabalhador, e pode continuar pagando mal tendo como desculpa não permitir um esforço exaustivo por parte do trabalhador da cana. Por outro lado, controla as faltas que poderiam ocorrer com frequência com a cesta básica, que se perde faltando um dia, o trabalhador comparece todos os dias por receio em perder a cesta que ajuda na economia de dinheiro. As empresas têm inúmeros subterfúgios para burlar as leis e incentivar o trabalho no corte de cana. Os trabalhadores percebem as estratégias das usinas para manter a frequência, já que para eles, ou em dinheiro ou em alimentos, a cesta é um acréscimo importante no salário já que economizar é quase obrigação. Quando colocam essa questão, percebo que a forma como é fornecida a cesta não agrada, por ser determinado que, para receber o “benefício”, não se deve faltar um dia sequer. Nas condições em que trabalham, não seria difícil a necessidade de faltar um dia, mas devido às mutilações que sofrem na renda, se esforçam para que isso não ocorra. Entendem que a cesta é um direito seu e que não poderia ser determinado pela frequência, mesmo por que a usina não fornece moradia, seguro saúde, entre outros, somente a cesta. É devido a inúmeras regras adotadas por muitas usinas que surgem as reclamações, e o balanço feito pelos trabalhadores da cana de que nos anos 1980 as coisas eram melhores, na interpretação de Antônio:

Renata: ... mas desde o início por que você fala lá que começou em 84 em 84 como que é tinha propaganda também sei lá...?

Antônio Bispo: Não tinha não naqueles tempo não tinha propaganda não...

Renata: Você já saia peitando mesmo...

Antônio Bispo: É já sabia e outra coisa a gente corre atrás e a gente vinha pra cá mesmo por que dava pra gente ganhar um pouquinho...

Renata: Naquela época é acha que...

Antônio Bispo: É...

Renata: Pagava-se melhor?

Antonio Bispo: É... é... Pagava melhor o serviço, era outro serviço não tinha um catado, não tinha uma encheção de saco como tem esse ano não como tem agora não, serviço a gente trabalhava era a vontade aí mesmo trabalhava mesmo hoje em dia ou ele segura a gente demais é um catado uma fineza no serviço que é e pronto a gente num rende...

Renata: É... ? E fica gente lá então em cima...

*Antônio Bispo: É fica, tem instrutor direto ali no pé da gente tem que trabalha no... No jeito mesmo não pode fazer serviço seboso, então ter que ser na linha mesmo...*⁹⁴

Na interpretação de Antônio, percebo que para ele trabalhar menos incisivamente foi uma perda para a classe, que continua ganhando por produção, mas não pode produzir mais por causa da fiscalização que hoje há nos canaviais. Fazendo um balanço com os anos 1980, e trazendo para o diálogo que as condições de trabalho anteriormente eram ainda mais precárias. Apesar de hoje as usinas usarem os benefícios e conquistas como mecanismos de controle, não deixou de ser importante as conquistas da classe trabalhadora com a constituição de 1988, que modificou a realidade nos canaviais. Antonio, apesar de achar que as mudanças não privilegiaram a categoria de trabalhadores da cana, sabe que as condições de trabalho atuais são menos incisivas. Como José Amilton e Adenilson, sente que as regras da usina impossibilitam as várias maneiras de se conseguir mais dinheiro, e que também não tornaram o trabalho na lavoura melhor, apenas mais vigiado. Contrariamente a conter esse esforço, seu salário é por produção, mas essa produção é controlada pelos fiscais.

A falta de autonomia na determinação do seu trabalho e salário no final do mês tem sido reclamação frequente nas entrevistas e também foi uma bandeira de militância do Sindicato, do Ministério do Trabalho, entre outros envolvidos. Apesar de mudanças na forma de executar o trabalho, a pesagem do que foi produzido continua acontecendo de forma arcaica e os trabalhadores nunca sabem exatamente se o que produziram está sendo pago na íntegra.

As conquistas foram muitas, mas ainda há muitos outros problemas que ainda são vividos pelos cortadores de cana, os ganhos da categoria ainda parecem pouco perto da rotina fatigante. Querem, por exemplo, que a comida seja fornecida e preparada pela usina, que a moradia seja concedida pela usina, entre outros fatores que ajudariam de forma efetiva no dia-a-dia de sofrimento e trabalho ininterrupto. Não se trata somente de fiscalização no horário de trabalho para que não exagerem, mas de outros elementos que juntos ainda tornam a rotina dos trabalhadores da cana cansativa. Trabalhar muito para aumentar o salário no final do mês tem sido fiscalizado pelas usinas, mas as condições a

⁹⁴ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcântara Piauí. Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 4.

que esses trabalhadores se submetem ao morar, comer, divertir, vestir, para cuidar das suas famílias, não foram atenuadas em três décadas.

Percebo, ao analisar as narrativas, que as preocupações das usinas giram em torno de uma rotina de trabalho incisiva e com incentivos para tal, porém os trabalhadores não concordam que a renda por produção tenha como intuito modificar o grau de seu esforço, já que ela depende desse empenho. São situações dicotômicas que tendem a evidenciar que as medidas tomadas em relação ao trabalho nas lavouras canavieiras pouco se modificaram, mas ainda tem deixado há desejar. E, à medida que interrogo, percebo que as mudanças não atendem as expectativas dos trabalhadores da cana. Acordar cedo e fazer a própria comida, o tempo de deslocamento entre a casa e a lavoura, são fatores que sacrificam o tempo de descanso dos cortadores de cana. Os trabalhadores deslocam-se para o trabalho no intuito de voltar com algum dinheiro e adquirir coisas que lhe são necessárias. Com a chantagem da cesta básica, as usinas garantem a frequência, determinam a forma como devem trabalhar com os fiscais e restringe o tempo fora dos canaviais ao trajeto de ônibus até as usinas e ao preparo das refeições, o que na interpretação dos trabalhadores não melhorou efetivamente sua situação, ainda almejam outras conquistas.

A produção do cortador de cana é medida, pela usina, a partir do metro de cana cortado pelo trabalhador. Essa medida é analisada pela usina e o pagamento é também feito por ela, assim os trabalhadores não sabem ao certo se a medida é confiável. Nestes trechos, temos a interpretação dos trabalhadores da cana sobre seu conhecimento da medida da produção diária:

Renata: É difícil mesmo, mas, assim é... as condições de trabalho, salário que você tava falando como que eles medem, por exemplo, o tanto que você trabalha com o que é seu salário? Ele é baseado em que?

José Hamilton: Não... Eu te digo o salário mesmo é assim... O salário deles aqui é o que nós ganhar na roça! É como eu to explicando às vezes ele paga o metro da cana a 15 centavos, a 15 centavos nós tira 100 metros de cana pra ganhar 15 reais você ta entendendo? Tem vez que bate o dia não ganha esses quinze real! Cana caída e enraizada, quando não é assim paga 16, 17 conto centavo só, você entra num acordo então chega o fim do mês tem um tal de hora que paga o ônibus pra nós i pro lugar é 120 reais, eles paga 50 é, eles paga 50 reais então por tanto eu não sei não eu acho que o salário aí de pessoa que bate o facão mais grosso bate 800 conto...

Renata: É aí onde essas pessoas se esforçam tanto pra trabalhar...

*José Hamilton: Ih! Esforça demais trabalhando sofre muito o meu mesmo nunca passo de 700 conto por mês...*⁹⁵

Renata: Aqui paga é o metro da cana?

Antônio bispo: É... É o metro é

Renata: Você falou quanto é o metro?

*Antônio Bispo: O metro da cana hoje dura é 60 centavos...*⁹⁶

Renata: Como é que você ganha é por produção? Como que é?

Adenilson: Produção, corte de cana é por produção a gente por tonelada, o tanto que você fazer é o que você ganha se não fizer nada não ganha nada a gente ganha dá pá fazer por quinzena quem corta bem mesmo, trabalha, já é acostumado ganha até 500 real 600 por quinzena.

Renata: Hunrum... E pra isso tem que corta que tanto de cana? Pagam pelo...

Adenilson: Tem que corta bastante cana por que uma tonelada de cana queimada eles paga três, cana em pé eles paga dum preço, cana caída eles paga de outro que a cana caída é mais ruim de corta, aí o preço da cana é 4 e uns centavo lá 4,40 e poucos...

Renata: A tonelada...

Adenilson: A tonelada

Renata: Nossa é muito pouco...

Adenilson: É ali a cana eles medem pelo... Faz um peso lá é por metro, se o metro de uma cana lá que eles bota pra dar uma tonelada tem 20 metro você tem que corta 20 metro pra pode ganha esse dinheiro...

Renata: E é seguro que esses 20 metro dá isso mesmo?

*Adenilson: Aí só eles quem sabe né?*⁹⁷

Na mesma região que oferece trabalho no corte de cana, os salários variam muito, apesar de ser por produção o valor do metro ou tonelada varia de usina para usina. Chamam a atenção do trabalhador da cana que corta mais incisivamente, mas na hora de pagar os cálculos estão baseados numa medida que o trabalhador da cana não sabe bem se é segura. Não há iniciativa de contratação de funcionários para essa função de medir exatamente o que o trabalhador produziu somente para o funcionário que regula seu trabalho. Percebo que as medidas tomadas pela usina que se diz ser para

⁹⁵ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p. 6.

⁹⁶ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcântara (Piauí). Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 6.

⁹⁷ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina/Bahia. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 10.

melhoria nas condições de trabalho do cortador de cana são apenas uma máscara para a fiscalização do governo.

Ao que parece, esse cálculo pré-estabelecido pelas usinas compromete o salário dos trabalhadores, pois ninguém sabe ao certo quanto cortou de cana. Os valores pagos pelo metro ou tonelada (20 metros) variam de usina para usina, mas a forma de pesagem é a mesma, não há uma verificação concreta que calcule exatamente. A forma como lidam com os direitos dos trabalhadores do corte de cana é injusta e obscura em todos os sentidos. Ou se submetem a isso ou vão ter que procurar trabalho em outro local. Os limites impostos são visíveis aos trabalhadores que sabem por onde devem partir suas reivindicações. Entendem e tem medo de sua situação em um local desconhecido e regido por relações de poder em que ele é a base da pirâmide. Tendo consciência disso, poucos reclamam, aceitam e se esforçam mais para alcançar os objetivos, se manter e enviar dinheiro às famílias. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais pouco tem ajudado no que concerne à exploração direta. Tem se pautado nas normas de EPI's e outras coisas que apenas favorecem as usinas, pois evita problemas com Ministério do Trabalho e Exportações.

Compreendo que os anseios dos trabalhadores da cana vão mesmo além de salários melhores, querem uma fiscalização efetiva quanto à pesagem e à forma de pagamento das usinas, ou seja, armas que os permitam lutar contra os abusos. Se trabalham por produção, sem um salário fixo, que ao menos seja utilizada uma forma íntegra e eficaz na pesagem do que foi produzido por eles. Os trabalhadores da cana, em sua maioria, reclamam da forma como é medida a produção; reclamam aqui, porque no contrato que assinam essa forma está estabelecida – esses contratos são produzidos pela usina juntamente com o sindicato. A representação sindical dos trabalhadores da cana se adéqua às conformidades das usinas, deixando de lado quem todo mês produz seus salários.

O lazer para a maioria dos cortadores de cana é impraticável no decorrer da semana, pois dedicam seu tempo exclusivamente aos afazeres domésticos e ao trabalho. No sábado trabalham, até as 11 da manhã folgam a tarde e o domingo, tempo que usam para atividades domésticas e descanso. Nas narrativas, compreendemos que, sem tempo e sem dinheiro, não há mesmo que se fazer:

Renata: E assim como e quando é a folga? Ou no fim de semana não...

Adenilson: No fim de semana?

Renata: É ou num tem?

Adenilson: Tem... No sábado a gente trabalha até 11 horas aí fica sábado e domingo e segunda volta.

Renata: Quê que tem pra fazer na cidade assim fim de semana?

Adenilson: Ixi... (risos)

Cristiane: (risos)

Renata: nada?

Adenilson: Nada... Nem, só fica dentro de casa mesmo...

Renata: Futebol... Não né? Uma quadra?

Adenilson: Tem nada as vezes eu brinco de bola na quadra assim inda meio de semana, chego do trabalho mas a gente não agüenta não to todo dia cansado...

Renata: Ah não é... Já fica lá o dia inteiro né!⁹⁸

Renata: É um perigo esses trem... deixa eu pensar aqui e o lazer? Como é que é tem lazer aqui quê que vocês fazem pra espairar um pouco... pra descansar?

José Hamilton: Olha mulher... é o seguinte o serviço deles aqui é doído demais da conta e um tal de serviço de 5/1 nós trabalha a semana todinha e descanso só um dia! A folga deles sempre volta para trás não segue pra voltar, folga caindo o dia que cá nós temo que descansa ele... mas o descanso da gente é modo de dizer por que num é descanso, no dia da folga tem que lavar roupa, tem que cozinha fazer um tudo... Não é descanso, nós num tem lazer aqui, nosso lazer é só esse que você tá vendo aqui, estamos aqui caminhando eu passo no mercado ali pega uma mercadoria e vou pra casa cozinha e chego da roça agora!⁹⁹

Renata: E a folga?

Marcel: Não tem folga não, trabalha domingo de segunda a domingo... de segunda a sábado aí domingo se tiver a gente vai também mai não é obrigado a ir domingo não vai se quiser. É dobrado a gente ganha mais, sábado e domingo é dobrado.¹⁰⁰

A rotina do trabalho no corte de cana não possibilita aos trabalhadores seguir uma rotina de vida saudável, pois não os permite um momento de descontração e divertimento. O dia de folga varia de usina para usina, uns folgavam no domingo outros em qualquer dia da semana, mas ambos estão comprometidos com inúmeras tarefas que devem ser feitas nesse dia. A economia de dinheiro para enviar às famílias e juntar

⁹⁸ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina (Bahia). Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 15.

⁹⁹ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuieté na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p. 12 e 13.

¹⁰⁰ Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 4.

algum é uma escolha dos trabalhadores devida à remuneração injusta. Assim, em outras entrevistas, quando pergunto pelo lazer, poucos tem algo para dizer, pois não vivem isso na sua rotina de trabalho aqui na região. Esses dias reservados para o descanso na verdade são dedicados ao trabalho doméstico que garantirá roupa e casa limpas durante a semana de trabalho exaustivo; ademais, durante a semana, cozinham e lavam louça também. O tempo para alguma atividade recreativa é legado ao trabalho e ao descanso. Nas casas dos trabalhadores, nos fins de semana, o que encontrei foram homens disputando o tanque para lavar as roupas e outros, divididos em tarefas que possibilitam um rodízio para que todos efetuem seus trabalhos, arrumando a casa. Percebo também na interpretação dos trabalhadores que além de não haver tempo, as cidades não têm estrutura que proporcione lazer barato. A única coisa que encontrei nas cidades foram os botecos, que alguns trabalhadores frequentam nos fins de semana, mesmo assim não tem muitos atrativos, apenas a descontração de uma bebida. Isso para os que tiram a folga, pois muitos preferem trabalhar no fim de semana, para recebem em dobro.

Nas casas, encontrei um grande número de homens morando juntos, dividindo o aluguel e as outras despesas, além das tarefas, o que facilita um pouco para todos. Eles cooperam entre si para que a casa funcione de maneira a ser o lar de amigos e companheiros de convivência diária. A maioria vem à procura de empregos organizados em grupos de amigos, outros vêm sozinhos, mas com apoio de alguém que já se encontra ou trabalhou alguma vez no local. Na interpretação das narrativas, a relação entre eles se apresenta de forma solidária:

Renata: A relação de vocês em casa é boa? São pessoas que você conhecia ou vieram juntos?

José Hamilton: Não! Fala que vei junto? Não eu vim por conta própria pra falar a verdade!

Renata: Você veio sem saber? Não tinha ninguém para te acolher?

José Hamilton: Não... Inclusive passei 2 dias em Itumbiara na casa dum amigo meu ele tava na Bahia e me deu a chave pra fica na casa dele e eu fui pra lá e fiquei dois dia na casa dele em Itumbiara aí vim pra aqui de Itumbiara vim pra aqui de pé procurando serviço até que achei esse serviço ai, ai fiquei!¹⁰¹ Pois as pessoas dizer que quem precisa é quem caminha então...

Renata: Alguém te chamou, algum amigo seu?

¹⁰¹ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p. 13 e 14.

Marcel: É meus colegas tem uns colega meu que já trabalhou aqui já eu vim com eles. [...]

Renata: Como você veio morar nessa casa?

Marcel: Aqui por que é um lugar bom, nessa avenida aqui não tem perigo de roubar aqui nosso barraco, a gente alugou aqui só que é meio caro 200 reais mais dá pra gente paga.

Renata: Quantas pessoas moram aqui?

Marcel: A gente tava em 7 agora foi embora um e fico só seis.¹⁰²

Renata: E fica lá no seu lugar... E quantas pessoas moram aqui mesmo?

Antônio Bispo: Onze...

Renata: Onze pessoas

Antônio Bispo: É

Renata: e muitos parentes aqui? (risos)

Antônio Bispo: Tudo parente mesmo... Tudo família!¹⁰³

As experiências comuns compartilhadas pelos trabalhadores da cana na sua rotina de trabalho e moradia são definidas, pela maioria, com laços de amizade e parentesco. Os trabalhadores da cana constituem uma nova família nas cidades em que vem trabalhar e são essas relações que possibilitam a renovação anual do contingente de trabalhadores para próxima safra. Percebendo que a vida de uns tem mudado para melhor com o trabalho em outras regiões, muitos jovens, assim que completam os 18 anos, ainda têm procurado o corte de cana como alternativa para o desemprego.

Todos têm em comum a rotina de trabalho pesada e exaustiva, e juntos podem amenizar muitas das tarefas, como fazer comida, por exemplo, o que demanda trabalho todos os dias. Nas casas pelas quais passei, quase sempre lotadas por homens, se compõe o universo de convívio durante toda a safra, as relações travadas ali são de solidariedade, ajuda mútua e companheirismo. Além disso, os trabalhadores da cana vivem uma realidade em comum e se solidarizam com os seus, visto que passam pelas mesmas experiências no que tange deixar as famílias e partir pelo mundo à procura de emprego e melhores condições de vida. Além da casa, dividem também as notícias da cidade de origem:

¹⁰² Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 2 e 3.

¹⁰³ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcântara Piauí. Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 5.

Renata: E como é sua relação com sua família assim?

Rocinaldo: De 15 em 15 dias eu falo com minha esposa no telefone falo com ela e mando um dinheirim pra ela.¹⁰⁴

Paulo: Aí ele mesmo foi cuidar dela. Foi por conta de... foi por conta de...e como é que é assim é... voltar a questão da família, você não fica preocupado com a sua família lá?

Omar: Ligo direto...

Paulo: Você liga direto?

Omar: Todo domingo.

Paulo: Todo domingo?

Omar: É pra saber como é que tá, quando eu não ligo elas lá... ela liga pra mim pra saber como é que eu to ela fica preocupada comigo mais eu fico preocupado com ela¹⁰⁵.

A relação com a família durante a safra é restrita a alguns telefonemas que ocorrem geralmente uma vez por semana. Os nove meses no trabalho não possibilitam um contato maior, somente no fim do ano, quando voltam para casa e permanecem por cerca de três meses, é que as saudades são amenizadas. Não há, nesses nove meses, relação real entre marido, esposa e filhos, o que é recompensado na volta. Quando pergunto sobre as famílias, as respostas são monossilábicas, mas quando descrevem a chegada é só alegria. Chegam com dinheiro, compram objetos, reformam a casa e ficam por algum tempo no aconchego do lar. Os orelhões das cidades em que trabalham não servem somente para ligar, mas também para receber ligações, o único meio de se comunicar com a família, saber se precisam de dinheiro, se estão doentes, ou mesmo se alguém tenha falecido. A relação entre trabalhadores da cana e suas famílias é marcada pela ausência, que é enfrentada para obter condições de sobrevivência e dignidade, básicas na vida de todos. Ficar a maior parte do ano sem os entes queridos é um preço alto a ser pago por eles e, provavelmente, nem mesmo a companhia de outras pessoas na mesma situação acaba com tais angústias.

Além da tristeza por estar longe, causa malefícios físicos à saúde de quem o pratica. Pensando nisso, questionei-os quanto ao acesso à saúde em Centralina e

¹⁰⁴ Rocinaldo Silva, 36 anos cortador de cana que veio de Barras Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008, P.3.

¹⁰⁵ Omar Mendes de Oliveira, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita dia 05/08/2008, p.4. Entrevista produzida para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG

Araporã e o resultado mostrou que, nesse sentido, geralmente não há muitas reclamações:

Renata: E assim se acha que se você precisar, por exemplo, de um atendimento médico ou alguma coisa nesse sentido...

José Hamilton: É bom... Já através do atendimento médico daqui eu não achei ruim aqui não se a gente adoece o hospital ali pega ficha, tem o doutor, atende... Às vezes nós precisa fazer um plano de limpeza de boca uma coisa o outra lá no escritório dá preferência vai ali à plana faz entendeu? Então eu achei que pra saúde até que não é muito ruim.¹⁰⁶

Quanto à saúde pública, poucos reclamam, afirmam que o atendimento é bom e que seus problemas foram resolvidos quando procuraram pelo posto de saúde. O que muitas vezes os preocupa é a saúde da família que se encontram no local de origem, as preocupações são constantes. Mas o importante é que se encontram ganhando dinheiro para os custos de qualquer eventualidade consigo mesmo ou com entes queridos. Pois não há um plano de saúde da empresa, o que há é a prevenção de acidentes com EPI's, hidratação, entre outras medidas de precaução norteadas pelas leis trabalhistas brasileiras. Não mencionam como encontramos na entrevista do presidente do sindicato, tratamento dispensado pela instituição. A interpretação dos trabalhadores sobre o acesso à saúde se dá sempre em torno do que é fornecido ou não pela cidade. Quanto aos equipamentos de saúde e emergência que devem ser oferecidos pela usina dentro das lavouras de cana, eles disseram que há ambulância e atendimento com enfermeiros. Mas em casos mais graves são encaminhados aos hospitais das cidades. Os trabalhadores da cana têm muito receio em tratar desse tema, temem algum tipo de coação por parte da empresa caso digam coisas que a comprometam. Percebo que por vezes os próprios trabalhadores, que deveriam ser os mais interessados em denunciar, procuram esconder as ilegalidades da empresa por medo do desemprego.

Nesse capítulo, procurei refletir sobre suas experiências e vivências no mundo do trabalho e trabalhador da cana, sobre as relações que permeiam suas vidas nas Cidades de Centralina e Araporã, buscando um diálogo com essas narrativas de modo que trouxesse para o debate como os trabalhadores interpretam a si mesmos e ao processo que vivem no trabalho.

¹⁰⁶ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009.

Entendo que as experiências dos trabalhadores no mundo do trabalho trazem novas perspectivas que deveriam ter frente às instituições ligadas ao cumprimento das legislações trabalhistas, pauta para novas conquistas dos mesmos. Em detrimento disso, no próximo capítulo procuro desconstruir os discursos das instituições envolvidas com os trabalhadores da cana, como elas interpretam o mundo do trabalho na cana. Pensando sobre como tem agido nesse processo, que trabalhos têm sido realizados e qual sua efetividade na rotina do trabalhador da cana.

CAPÍTULO 3

CONSTRUÇÕES, VISÕES E DISCURSOS DAS INSTITUIÇÕES SOBRE OS TRABALHADORES DA CANA

Neste capítulo, analiso de que forma têm sido construídas as várias visões sobre os trabalhadores da cana pelas instituições que visam sua assistência e proteção. Como interpretam o cotidiano e as necessidades dos trabalhadores da cana de Centralina e Araporã. Parto de um olhar sobre as experiências que os trabalhadores experimentam no processo, tentando construir relações que envolvem instituições e trabalhadores da cana. Procuro problematizar entrevistas e edição especial do jornal *Folha Regional* sobre Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã, e entrevista com Auditor Fiscal do Ministério do Trabalho e Relatório de Fiscalização das condições do trabalho da cana na região de 2010.

Começando pela instituição que tem contato direto com os trabalhadores, o sindicato rural, de onde partem as denúncias que serão apuradas pelo ministério do trabalho. Além das entrevistas produzidas pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã, uma edição especial de 45 anos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã no jornal *Folha Regional*, cedido pelo presidente. Este jornal tem alcance em diversas cidades da região do Triângulo Mineiro e muitas delas produtoras de cana, como Centralina, Monte Alegre, Canápolis e Araporã. O dono é Gilmar S. Pereira, que é também diretor e redator. Na mesma descrição do alcance do jornal e idealizadores encontrei a seguinte frase: “Os artigos aqui publicados não refletem a opinião deste jornal e sim dos seus autores” ¹⁰⁷. Após ter lido esta frase me atentei a procurar pela autoria de cada reportagem e para minha surpresa nenhuma delas estava assinada pelo seu autor. A responsabilidade sobre

¹⁰⁷ **Folha Regional**. Expediente. Centralina, janeiro de 2009, p. 03.

o conteúdo dos artigos do jornal acaba sendo de ninguém, pois todos se absterem de assumir a autoria do que é publicado no mesmo. Evidencia-se, assim, a falta de comprometimento do jornal com o leitor, e também com o que toma partido ou discute em suas reportagens. E não é para menos, visto que há contradições em toda a edição especial com o que nos informou o presidente do sindicato rural, homenageado nesta edição e também os próprios trabalhadores da cana envolvidos nas questões apresentadas.

Na edição especial, encontramos no caderno de quatro páginas dedicadas aos 45 anos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais informações básicas sobre direito trabalhista. Dados como o número de funcionários que atendem pelo sindicato para prestar serviços jurídicos, saúde, telefones e endereços úteis, inclusive os do Centro de Recuperação de Alcoólatras (CEREA), em Centralina e Araporã, reportagens sobre a atuação do sindicato na região entre outras. Partindo desse jornal que serve como instrumento de informação aos trabalhadores e moradores da região, faço uma análise da forma como tem sido debatida a questão do trabalho no campo, e sobre o que tem envolvido no discurso e ações dessa instituição, que elabora quem é e o que necessita os trabalhadores da cana.

Na reportagem *O trabalhador rural e seus contrastes*, na imagem abaixo, o trabalhador rural é desqualificado, estereotipado construindo uma imagem do trabalho rural como algo ruim ou inferior aos outros tipos de trabalho mostrando o modo como o sindicato vê a categoria de trabalhadores da cana. A foto utilizada na ilustração da reportagem é de um trabalhador do corte de cana, o que fortalece a criação de estereótipos sobre os mesmos e também do local de onde vem. Percebo que a noção que se tem do trabalho na cana se apóia em preconceitos históricos e a instituição que se apresenta como representante dos trabalhadores rurais tem sido a primeira a se valer de estereótipos para forjar bandeiras de luta tentando para, além disso, justificar alianças ou acordos com empregadores. O ponto de partida dessa análise é o sindicato, entrevistas com os trabalhadores e presidente do sindicato e edição especial do jornal é desconstruir os estereótipos que a instituição “porta voz” dos trabalhadores da cana tem a dizer sobre eles e como isso chega e é tratado pelas demais instituições envolvidas, Ministério do Trabalho e justiça do trabalho.

O TRABALHO RURAL E SEUS CONTRASTES



O trabalho surgiu na antiguidade como instrumento de tortura para os trabalhadores que eram recrutados entre a plebe e então. Nos dias de hoje, cabe-nos refletir sobre o que mudou desde então, diante das seguintes constatações: de onde vem a mão-de-obra encarregada das piores modalidades de trabalho?

As péssimas condições de vida e trabalho presentes, por exemplo, nas atividades do campo, têm algo a ver com a concepção de que o trabalho deveria equivaler-se a um castigo? Pelas últimas estatísticas consolidadas num contingente de 29.544.927 trabalhadores no ano de 2004, existiam 1.207.672 trabalhadores rurais no Brasil. Isso representava 4,08% da mão-de-obra formal do país. Aliciamento de mão-de-obra barata aos empregadores: fazendeiros, usineiros e outros, buscando

os trabalhadores em locais distantes (nas regiões mais pobres do país). Fazem promessas, os ganhos não são os esperados. O fornecimento da alimentação e de outros gêneros de primeira necessidade é feito através de armazéns nas fazendas. Com isso, o trabalhador se endivida e não tem como sair da propriedade, sequer retornar para a sua cidade. As condições de vida, na maioria dos casos, são as piores possíveis – os alojamentos são verdadeiros barracos, sem conforto e em más condições de higiene. Construções baixas, sem ventilação, com pisos de terra batida, utilizando beliches, muitas vezes em farpas de madeira, com acesso à cama superior inseguro e camas superiores próximas do teto, dificultando a circulação do ar. Os banheiros são sujos, muitas vezes falta água. Isso não deve acontecer.

108

Outra reflexão importante que se quer em diálogo com as instituições é a de como os trabalhadores se vêem nesta relação, partindo das narrativas onde nos colocam suas vivências, para contrapor com o que tem sido encoberto pelos discursos e ações institucionais. As questões colocadas na reportagem acima denotam que o discurso estabelecido pelo jornal não representa a categoria de trabalhadores da cana da região, pois as condições de moradia, alimentação são determinadas pelos próprios trabalhadores devido aos baixos salários. Não é fornecido nem alojamentos nem alimentação. A reportagem comemorativa descreve uma realidade que não se aplica nas experiências dos trabalhadores da cana hoje, que alugam sua casa e fazem sua comida, e

¹⁰⁸ **Folha Regional.** O trabalhador rural e seus contrastes. Centralina, janeiro de 2009, p. 4.

que continuam vivendo em más condições de alimentação e moradia. O representante dos trabalhadores presidente do sindicato na entrevista se coloca agindo como um moderador na forma de tratar as questões sindicais, atuando de forma neutra em relação aos problemas vividos pelos trabalhadores, como a má remuneração, por exemplo, que desencadeia tantos outros:

Baianinho: [...]Digo assim, a gente não fala para eles, eu acho que tem que ganhar mais ainda, acho que tem que ganhar mais, mas, não há muita reclamação, há histórias né...¹⁰⁹

Há histórias que significativamente não puderam ser contadas pelo presidente, afinal há reclamações; essas histórias, porém, foram ocultadas na entrevista. Estariam indo de encontro com a bandeira de luta do sindicato as aspirações da classe de trabalhadores da cana. Os cortadores de cana, em todas as entrevistas, declaram essa insatisfação com salários e forma com que as empresas têm para medir a cana cortada. Nas narrativas com trabalhadores da cana fica evidente para todos os entrevistados o quanto é polêmica a questão, só não é mais debatida, pois assinam o contrato feito pelo sindicato e usina no início da safra:

Renata: Como é que você ganha é por produção? Como que é?

Adenilson: Produção, corte de cana é por produção a gente por tonelada, o tanto que você fazer é o que você ganha se não fizer nada não ganha nada a gente ganha dá pá fazer por quinzena quem corta bem mesmo, trabalhar, já é acostumado ganha até 500 real 600 por quinzena.

Renata: Hunrum... E pra isso tem que corta que tanto de cana? Pagam pelo...

Adenilson: Tem que corta bastante cana por que uma tonelada de cana queimada eles paga três, cana em pé eles paga dum preço, cana caída eles paga de outro que a cana caída é mais ruim de corta, aí o preço da cana é 4 e uns centavo lá 4,40 e poucos...

Renata: A tonelada...

Adenilson: A tonelada

Renata: Nossa é muito pouco...

Adenilson: É ali a cana eles medem pelo... Faz um peso lá é por metro, se o metro de uma cana lá que eles bota pá dá uma tonelada tem 20 metro você tem que corta 20 metro pra pode ganha esse dinheiro...

¹⁰⁹ Eurípedes Batista Ferreira, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã. Entrevista feita dia 05/08/2008 para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG. p. 2.

Renata: *E é seguro que esses 20 metro dá isso mesmo?*

Adenilson: *Aí só eles quem sabe né?*¹¹⁰

No discurso do jornal, o sindicato coloca na imprensa e na sua própria narrativa sobre os trabalhadores que o trabalho realizado na cana é feito por pessoas que não tem consciência da exploração que vivem. Eles têm a noção de que o sindicato pouco ajuda nas lutas travadas por eles diariamente no trabalho e vida. As conquistas dos sindicatos dos trabalhadores rurais e de outros foram muitas, mas hoje, os novos problemas aparecem, e o sindicato tendo conquistado o seu prestígio não se atenta para as novas lutas que surgem com o passar dos anos, e com as novas experiências de trabalho na cana hoje. Não se atentam a entender a fundo os anseios da categoria manifestos em suas vivências e experiências cotidianas.

O que os trabalhadores da cana narram sobre o sindicato permite um debate com esse discurso oficial. Os problemas discutidos pelo sindicato e as dicas apresentadas no jornal parecem ultrapassados. Os trabalhadores em outro momento reivindicaram as conquistas como carteira assinada, jornada de trabalho, uso de EPI's. Mas, as conquistas de hoje tem novas formulações e desejos da categoria que são colocadas por eles ao narrar seu dia-a-dia, que ainda os cerceia da liberdade como visto no capítulo 2. Nas entrevistas, as melhorias que almejam são de outra ordem como nestes trechos:

Renata: *É, preço de aluguel, essas coisas assim... Comida essas coisa básica...*

Adenilson: *É um pouco a gente acha que é caro, assim, custa dar para fazer as despesas dentro de casa, eu acho que gasta bastante.*

Renata: *É bem mais caro do que lá?*

Adenilson: *É*

Renata: *Um... E como você faz com a comida, você tem que levar comida né?*

Adenilson: *Ah nós cozinha, por exemplo, hoje, nós cozinha a pasta de feijão hoje e amanhã levanta três horas e aí faz o resto cozinha arroz o que tiver de levar...*

Renata: *Você mesmo que faz?*

Adenilson: *É nós mesmo, é eu e um colega né?*

Renata: *Que hora você tem que levantar?*

Adenilson: *A gente levanta três horas, três e meia*

Renata: *Para poder fazer ainda...*

¹¹⁰ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina/Bahia. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 10.

*Adenilson: É para sair em tempo de pegar o ônibus aí...*¹¹¹

Os problemas com alojamento e comida continuam, agora não se encontram mais oferecidos pelas usinas, o que de certo modo pelo baixo valor de salários mantém os trabalhadores em péssimas condições de vida.

A condição de muitos trabalhadores da cana que cuidam de suas famílias em outras cidades é determinada pelo salário. As preocupações giram em torno das exigências legais do que é importante para empregador e empregado. Porém, as necessidades dos trabalhadores da cana são maiores que as defendidas pela lei hoje. Essas conquistas citadas abaixo como direitos dos trabalhadores fazem parte de outra conjuntura, e ainda há lugares onde elas são burladas. Hoje há novas necessidades, novas relações de trabalho, moradia, alimentação, saúde.

Deveres ou direitos	Aplicação
Assinatura da CTPS (Carteira de Trabalho)	Imediata, quando da contratação
Ordens de Serviços	48 horas, a contar do momento de sua entrega ao empregador
Equipamentos de proteção individual	A desobediência pelo empregado implicará em advertência e/jou justa causa
Alguns equipamentos para o meio rural	Proteção para a cabeça, vias respiratórias, pelo, mãos e braços tronco, pés e pernas e outros. Fornecimento e substituição obrigatórios. Utilização obrigatória
Casos mais graves	Chapelão, camisas de mangas, luvas, aventais em alguns casos, pemeiras, botas e outros. Aplicação de agrotóxicos: máscaras especiais, camisas e calças impermeáveis, luvas de cano longo, calçados fechados impermeáveis, óculos incolores e outros equipamentos quando for necessário.
Como se aplicam os direitos e deveres? Parte II	
Deveres ou direitos	Origem
Exames médicos admissionais, periódicos e demissionais	Constituição Federal – CLT e NR 31
Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) assinada	Constituição Federal e CLT
Cumprimento de Ordens e Serviços	CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas
Equipamentos de Proteção Individual	Constituição Federal – CLT e NR 31
Máquinas e equipamentos seguros	Constituição Federal – CLT e NR 31
Boas condições de alojamentos	Constituição Federal – CLT e NR 31

112

O que encontrei nas casas dos trabalhadores não se aplica às boas condições dos alojamentos, pois a necessidade de moradia salutar está abaixo do sustento da família. Não há um entendimento ou mesmo bandeira de militância por parte do sindicato que atente às reclamações e descontentamento que partem das condições de trabalho e

¹¹¹ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina/Bahia. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 3.

¹¹² **Folha Regional**. Centralina, janeiro de 2009, p. 4.

cotidiano dos trabalhadores. Velhas questões são debatidas sem perceber o que é colocado como dificuldade pelo trabalhador.

Como a aposentadoria, a maioria dos trabalhadores do corte de cana não sabe se vão aposentar, não sabem como fazer isso, não há instrução. O trabalho por safra dificulta a aposentadoria do trabalhador da cana que não faz uma contribuição mensal ininterrupta, o que impede que muitos se aposentem por tempo de serviço. O que coloca em dúvida o trabalho do sindicato, pois percebo que não há um diálogo com os trabalhadores na prática. Pauta-se apenas no que consta na lei, como direito e dever do trabalhador. Age como se as experiências e as categorias de trabalhadores rurais do presente tivessem os mesmos anseios do início da década de 1980, sem se comprometer com o presente e a continuidade da luta o sindicato acabou por se cristalizar. Foi definido pela edição especial do jornal como uma versão moderna do sindicalismo. A meu ver, nos moldes das conquistas antigas e também com alianças entre sindicato e empregadores que não são discutidas de forma completa nem no jornal nem na narrativa do presidente do sindicato.

Narrando sobre a saúde dos trabalhadores, o presidente do sindicato nos coloca que o posto de saúde das cidades de Centralina e Araporã não atende os trabalhadores do corte de cana que vem trabalhar. Ele aponta dificuldades no atendimento dos trabalhadores da cana colocando o sindicato como órgão que proporciona atendimento médico, jurídico neste fragmento da narrativa:

Baianinho: *Mas a prefeitura num pensa dessa maneira. Por exemplo, porque ele pensa que se ele arrumou um médico pra atender dez da cidade ele quer atender os dez que vota nele... O cara vem lá da baía hoje amanhã já tá lá na fila, ele num reconhece ele. Cidade pequena é assim, prefeito passa na fila quer oi....*

Paulo: *E o sindicato tem dado esse suporte aos trabalhadores? O sindicato tem estrutura? Como é que é?*

Baianinho: *Estrutura num. mais dentro do possível tem dado sim...a gente vai espremendo aqui e vai...tanto é que quando chega...*

Paulo: *Tem médico, dentista?*

Baianinho: *Tem, temos médicos, dentista, advogados, que é o que principalmente o que a gente tem que ter é advogado e, advogado daqui não pego causa de trabalhadores lá de jeito nenhum. Pode ser trabalhista, se ele for preso ninguém vai atrás deles, só sobra pro nossos advogados, mas temos... Temos médicos, temos advogados, temos dentistas, cabeleireiro, tudo.*

Paulo: *Na prática o sindicato funciona como o poder público.*

Baianinho: *Ê. Pra essa...esse povo, pra essa base flutuante sim.*

Paulo: *Pra essa base e pra esse pessoal que não tem...*

Baianinho: *è pra esses trabalhadores flutuantes...a gente chama eles de...esses sim. Nós estamos aí. Você vai vê aí nesse jornalzinho aí gente tem o que a...o que num é um pouco da estrutura da gente, se não...se a gente não tiver...*¹¹³

Na sua fala, é como se a prefeitura se recusasse a atender esses trabalhadores colocando a instituição sindicato a amparar os trabalhadores que necessitam de atendimento médico. Mas pelos dados contidos no jornal dos 45 anos do sindicato não há mais que três médicos para atender quatro mil trabalhadores, não só da cana, mas no geral. O número de médicos é extremamente abaixo do necessário; percebo também, nas narrativas com os trabalhadores da cana, que todos eles utilizam o Sistema Único de Saúde (SUS), nenhum faz menção deste serviço prestado pelo sindicato. Nas narrativas abaixo, muitos pagam o sindicato sem ao menos saber quais benefícios estão inclusos por sua filiação:

Renata: *E como que vai ser você pretende, por exemplo, se paga o negócio para aposentar, como que fala, ou como que é você vai aposentar, tem como?*

José Hamilton: *Eu não sei, isso é uma coisa que eu não sei né? A gente trabalha na empresa e paga INSS demais né? Paga sindicato direto, mas, da conta quando desconta é caro, nós paga direito, agora plano de aposentadoria eu não sei como que é né!*¹¹⁴

Na prática e cotidiano dos trabalhadores, o discurso sindical não está ligado com cotidiano ou experiências dos trabalhadores ao narrar sobre direitos trabalhistas, saúde, moradia, alimentação. Ao que parece o sindicato presta contas à sociedade das cidades com seu discurso onde ampara os trabalhadores da cana, que aos próprios trabalhadores da cana que desconhecem essa atuação. Pagam o que é devido ao sindicato, mas não conseguem citar nenhuma ajuda prestada pelo mesmo, a não ser a mensalidade cobrada no fim de todos os meses. O artigo dos 45 anos de luta rememora conquistas:

¹¹³ Eurípedes Batista Ferreira(Baianinho), Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã. Entrevista feita dia 05/08/2008 para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Moraes, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG, p. 6.

¹¹⁴ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuieté na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p. 7.

Centralina (MG), Janeiro de 2009 Edição nº 209 Ano IV - 2009 Matérias e Sugestões: folharegionalcentralina@hotmail.com

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CENTRALINA E ARAPORÃ

45 Anos de Luta

Com certeza o sindicato dos Trabalhadores de Centralina e Araporã mudou muita coisa e participou de outras várias. No passado, nossos trabalhadores não tinham carteira assinada no município. Não recebiam férias, 13º salário, domingos, etc... hoje tudo é pago conforme a lei. Não tinham equipamentos de segurança, não tinham assistência médica não se faziam contratos coletivos. O sindicato tem hoje uma nova visão no desenvolvimento e na organização dos trabalhadores, acompanhando a mecanização incentivando cursos de profissionalização. Temos hoje uma assessoria jurídica rápida e eficiente, onde através de nossos advogados, os casos são solucionados. Os trabalhadores rurais de Centralina e Araporã contam com:

- 02 Advogados trabalhistas – **Dr. Dalton Barbosa de Almeida, Dr. Rogério Miguel Cezane**
- 01 Advogado previdenciário – **Dr. Osvaldo Antônio Cezarro Jr.**
- 01 Dentista- **Dra. Raquel Alcântara**
- 01 médico de trabalho - **Dr. Maxuel**
- 01 médica – **Dª Lucia Cristina**
- 01 Cabeleireira- **Srª Cleusa Cornelho**
- 01 Médico Oculista- **Dr. Cassiano**
- 02 Secretarias – **Cássia Gomes e Josiane Lopes Noronha**
- 01 Técnico Agrícola - **Andre**

Tem ainda 02 (duas) sedes próprias. Em Centralina, na Avenida Toninho Vicente, nº 140 e em Araporã na Rua Cristiano Borges, nº 111. Tem 1 (um) veículo próprio dos trabalhadores e com boa administração, pois não tivemos até o momento ajuda de nenhum político, seja prefeito, vereador, deputados, governador ou outro qualquer. O que temos é acesso com alguns políticos e autoridades, como: **Deputado Estadual Weliton Prado, Deputado Federal Gilmar Machado, Deputado Federal Nilmario Miranda, Deputado Federal Aelton Freitas, Vice-Governador de Minas Gerais Clesio Andrade.** O sindicato é ainda cadastrado pela MDA- Ministério do Desenvolvimento Agrário, responsável por emitir a DAP- Declaração de Aptidão do PRONAF e a orientar e fiscalizar os projetos em desenvolvimento. Somos o primeiro sindicato a fazer acordo onde cortadores de cana e todos os outros trabalhadores rurais participam dos lucros da empresa com o programa PPR- Programa de Participação na Renda, já em andamento na Usina Alvorada. Temos kit-escolar, onde todo trabalhador

Pai de aluno matriculado, recebe um kit por ano em parceria com as empresas que já fazem a conhecida confraternização ou premiação de final de safra. Também houve o sorteio em todos os condomínios rurais, enfim, este é um pouco do trabalho que com muita seriedade, sensatez e firmeza, liderada pelo presidente **Eurípedes Ferreira Batista (Bianinho)** considerado como um presidente dinâmico e com visão futurista do novo sindicalismo moderno. A luta apenas começou!

115

A matéria ressalta acordos coletivos, feito entre empregador e sindicato, ressalta também o sindicalismo moderno exercido pelo presidente. Para o sindicato, houve avanços e conquistas no desempenho do sindicalismo moderno mas, na sua narrativa, ao ser questionado do que se tratam esses acordos coletivos não os percebe como conquistas. Neste trecho, ele interpreta sobre que seriam estes acordos coletivos ao ser questionado:

Paulo: Mas em média quanto o trabalhador recebe?

Baianinho: Eu vou te da aqui, eu vou te falar em experiência própria. Tem três usinas aqui, tem uma que em média ele ta ganhando ente oitocentas a dois mil reais, entre oitocentas a dois mil por mês. Tem outra que ta ganhando entre quatrocentos a mil. E tem outra que ta ganhando entre quinhentos a mil e quinhentos.

Paulo: E os trabalhadores, eles trocam quando eles sabem disso? Eles trocam de usina, como é que é?

Baianinho: Troca, isso aqui em... um ano eu to aqui, ai o outro...

Paulo: Não, na mesma safra?

¹¹⁵ Folha Regional. Sindicato dos Trabalhadores rurais de Centralina e Araporã, 45 anos de luta. Centralina, janeiro de 2009, p. 1.

Baianinho: Não, não é possível, porque vcê fais, cê assina a carteira, fais um contrato, tem uma burocracia danada, num... no mesmo ano é muito difícil.

Paulo: Não tem como o cara...

Baianinho: Não, não tem, não é porque...

Paulo: Como o cara pedir demissão?

Baianinho: Não, por que se você pedi demissão você perde os direitos, você perde tudo, ninguém pedi. Ele perde o fundo de garantia, ele não recebe seguro desemprego, que aqui na nossa região aqui tem, e se ele pedi ele não vai receber, então, se ele coisa, ele morre ali ou ele vai embora. Não troca no mesmo ano. As vez troca, mais eu vou te fala ai que é um por cento.

Paulo: Agora vamos especular, então não há uma... Uma combinação entre as empresas?

Baianinho: Não.

Paulo: Pra revezamento de preços?

Baianinho: Não, não, não há um cartel de...?

Paulo: É.

Baianinho: Não, não há. ¹¹⁶

Esses acordos funcionam mais como alianças que diminuem a autonomia do trabalhador da cana, não conquistas da categoria. O que se pretende com esses acordos é uma forma de conter dissidências dentro das empresas que pagam menos. Chantageados pelos benefícios que podem perder ao pedir demissão, trabalham mesmo descontentes com o salário. É uma forma de conte-los, impedindo a resistência desses trabalhadores, refreando a possibilidade de escolher a usina que paga um salário maior. As conquistas na verdade são alianças entre empregadores e sindicato, sendo o segundo responsável não só pela representação dos trabalhadores, mas por negociar contratos e admissão nas usinas como também forjar estratégias de conter as reivindicações que possam surgir no tempo que trabalham na safra. O sindicato seria um mediador das relações entre empregadores e trabalhadores da cana.

Na construção do corpo de reportagens e anúncios do jornal, outro ponto chama a atenção, no mesmo caderno especial sobre os 45 anos do sindicato: é a divulgação do endereço e telefone do Centro de Recuperação de Alcoólatras (CEREA) em Centralina e Araporã. As fotos do acervo do Sindicato dos Trabalhadores de Centralina e Araporã e nas do acervo do Auditor Fiscal do Ministério do Trabalho dão ênfase ao vício do álcool

¹¹⁶ Eurípedes Batista Ferreira (Baianinho), Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã. Entrevista feita dia 05/08/2008 para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG, p. 7 e 8.

entre os trabalhadores, auxiliando na construção de estereótipos sobre os hábitos dos trabalhadores da cana.

Condomínio Plantar (Elcio) de Araporã MG -----34-3284-1395
 Condomínio União (Guerim) de Araporã MG -----34-3284-0808
 Condomínio Amaury Faria e Outros de Araporã MG -----34-3284-1065
 DAMFI e João Ulisses Monti e Outros Centralina MG -----34-3267-8800
 Hospital JK Centralina MG -----192 ou 34-3267-1232
 Hospital João Paulo II Araporã MG -----34-3284-9551

Diagramação: William Ferreira - 34-3267-9700
 "Os artigos aqui publicados não refletem a opinião deste jornal e sim dos seus autores."

**Jornal
Folha Regional**
 Fone: 34-3267-1295

Participe das reuniões do CEREJA – Centro de Recuperação de Alcoólatras em Centralina todas as quintas-feiras Às 20:30 em Araporã todas as terças-feiras com início às 20:30

SEDE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CENTRALINA-MG



Av. Toninho Vicente, 140 – Centro – CEP: 38.390-000

SEDE DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE ARAPORÃ-MG



Rua Cristiano Borges, 111 - Centro

117

Contrapondo essa visão com as narrativas dos trabalhadores, percebo que há outros fatores que, unidos, podem ou não levar ao alcoolismo, entre outras doenças físicas e psicológicas. Não são os trabalhadores predispostos ao vício; procuram uma forma de entretenimento após o trabalho, necessitam de lazer e descanso. Contudo, não há tempo nem estrutura nas cidades de Centralina e Araporã que promova um lazer acessível aos trabalhadores, e nem há tempo e disposição após o trabalho. Nas entrevistas abaixo, percebemos que a rotina dos trabalhadores não permite o descanso:

Renata: *É um perigo esses trem, deixa eu pensar aqui, e o lazer, como é que é, tem um lazer aqui, que vocês fazem para espairecer um pouco pra descansar?*

José Hamilton: *Olha mulher é o seguinte, o serviço deles aqui é doído demais da conta, é um tal de 5/1, nós trabalha a semana todinha e descansa só um dia, a folga dele sempre volta para trás não segue para voltar, folga cai no dia que cai nós temos que descansar ele, mas, o descanso da gente é modo de dizer, por que não é descanso. No dia de folga tem que lavar roupa, tem que cozinhar, fazer um tudo, não é descanso, nós temos lazer aqui, tamo*

¹¹⁷ **Folha Regional.** Propaganda. Centralina, janeiro de 2009, p. 3.

aqui caminhando eu vou passo no mercado ali e pega uma mercadoria e vou para a casa cozinhar e chega da roça agora!

Renata: Não tem nenhum lugar assim que vocês vão?

José Hamilton: Não tem não, é só isso aqui, caminhando assim...¹¹⁸

Renata: E assim como e quando é a folga? Ou no fim de semana não...

Adenilson: No fim de semana?

Renata: É ou num tem?

Adenilson: Tem... no sábado a gente trabalha até 11 hora aí fica sábado e domingo e segunda volta.

Renata: Que que tem pra fazer na cidade assim fim de semana?

Adenilson: Ixi... (risos)

Cristiane: (risos)

Renata: nada?

Adenilson: Nada... nem só fica dentro de casa mesmo...

Renata: Futebol... não né? Uma quadra?

Adenilson: Tem nada as vez eu brinco de bola na quadra assim inda meio de semana, chego do trabalho, mas a gente não agüenta não to todo dia cansado...

Renata: Ah não é... Já fica lá o dia inteiro né!¹¹⁹

Renata: É... aí sobre a comida?

Antônio Bispo: Sobre a comida é como lhe falei nós levante 3 horas da madrugada pra fazer a comida (alguém grita: - quando come demais!) É... leva pá... na hora que nós chega lá a primeira coisa que nós... Come um poquinho 7 horas...¹²⁰

Renata: Como faz com a roupa comida...

Marcel: Minha roupa é eu quem lavo, lavo minha roupa e a gente faz a janta, é janta, o almoço quem faz quem faz é a mulher é o almoço mês? É janta o almoço quem faz é a gente, a gente levanta 3 hora cada dia tem o dia duma pessoa, hoje é meu dia de fazer aí você levanta 3 hora faz o de comer coloca nas vazia dos colega e aí quatro hora a gente vai...¹²¹

¹¹⁸ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p. 6.

¹¹⁹ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina/Bahia. Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 15.

¹²⁰ Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcântara Piauí. Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 3.

¹²¹ Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita em 31/07/2008. p. 4.

Apesar das variações quanto às normas de cada usina, é comum a folga acontecer em um dia da semana, podendo ou não ser no fim de semana. A rotina de afazeres diários não livra os trabalhadores da cana de outras tarefas domésticas no dia de folga. Unidos à turma que divide a moradia, encontram uma forma de amenizar os afazeres que podem ser feitos coletivamente, como a comida e a louça a limpeza da casa. Divididos em grupos, fazem um rodízio, não sobrecarregando uns aos outros, em outras tarefas como lavar e passar roupa, dedicando-se aos momentos de folga.

A experiência comum compartilhada pelos trabalhadores da cana no horário de descanso e lazer são os afazeres domésticos que se acumulam no decorrer da semana e os diários. Não há tempo, nem mesmo uma estrutura ou recreação promovida pelo sindicato. O que se espera dos trabalhadores é que mantenham suas casas em condições dignas de habitação humana que se enquadra nas leis trabalhistas, e assim livrando a usina de uma multa por parte do Ministério do Trabalho. Percebo que as benfeitorias que deveriam ser gestadas pela usina, se ela não fornece alojamentos, se anula da culpa pelas condições subumanas a que se submetem os trabalhadores por causa dos baixos salários e a responsabilidade de sustentar sua família em outra região. Não foram tomadas medidas que construíssem melhores alojamentos, apenas deixaram nas mãos dos trabalhadores visando não se comprometer com a justiça do trabalho. Não só a moradia como a alimentação fica por conta dos trabalhadores da cana, não há medidas que melhorem a situação, mas que exclui a responsabilidade da empresa quanto a essas condições vividas pelos trabalhadores da cana. Percebo que o sindicato tem se aliado a forças maiores na tentativa de amenizar conflitos e embates entre trabalhadores da cana e usinas, de forma que o mesmo procura olhar para as vivências dos trabalhadores como se eles fossem pessoas que escolheram viver dessa forma, esquecendo-se que há diversas circunstâncias que permeiam e determinam essas condições de vida.

O sindicato auxilia no intuito de remediar os problemas advindos da falta de lazer e descanso. Procure o CEREIA e trate o alcoolismo, essa é a bandeira do sindicato, não a promoção de um diálogo onde possa pensar juntamente com trabalhadores, procurando entender os anseios da classe, para promover uma forma de lazer que poderia prevenir doenças como o alcoolismo. Se não há tempo nem outra forma de distração, os próprios trabalhadores procuram estratégias e fugas da realidade que os levam ou não a vícios. Estigmatizá-los como bêbados e drogados é o mesmo que culpar inocentes, pois foram submetidos a isso pelas vivências com o trabalho nas usinas.

A representação do sindicato foge da realidade apresentada nas narrativas dos trabalhadores da cana, e é por meio dessa instituição despreocupada com os anseios dos trabalhadores que é acionado o Ministério do Trabalho. A relação é hierarquizada entre trabalhadores da cana e sindicato, as discussões partem do que o sindicato acha ser benéfico aos trabalhadores. Todavia, isso não se encaixa nas experiências vivenciadas pelos trabalhadores da cana. A maioria das casas de trabalhadores que visitei não apresentou sinais de embriaguez. Mesmo a instituição que deveria nos dizer mais sobre os trabalhadores se prende a estereótipos, que nesse enredo aparecem construídos por elas mesmas. O que é chamado de “luta” e “sindicalismo moderno” acontece como justificativa das ações que efetivamente não tem melhorado a situação dos trabalhadores da cana. As experiências no trabalho do sindicato ainda não se atentaram para as necessidades de hoje, que se diferem das reivindicações da década de 1980, não há lutas por novas conquistas. O que é importante para os trabalhadores da cana não aparece no debate do jornal, nem é preocupação do presidente do sindicato:

Renata: *Tem quanto tempo que você trabalha no corte de cana?*

Antônio Bispo: *Oh eu comecei corta cana desde 1984. [...]*

Renata: *Depois você pretende voltar também?*

Antônio Bispo: *Não acho que não...*

Renata: *Aqui não?*

Antônio Bispo: *Aqui não, aqui não... aqui acho que essa é a primeira e a última viagem minha*

Renata: *Por que?*

Antônio Bispo: *Já to de idade já 53 ano*

Renata: *Já ta pensando em para...*

Antônio Bispo: *É to pensando em para de mexe com corta, pensando mesmo e vou para mesmo, certeza.*

Renata: *Vai para...*

Antônio Bispo: *Vou*

Renata: *Aí você vai aposentar ou você vai ter que arruma uma coisa lá?*

Antônio Bispo: *Pensando né às vezes eu mexo, eu trabalho lá mesmo na minha rocinha e vou fica por lá mesmo, chega, mais uns ano de vida e chega a idade.*

Renata: *Aí num dá mais né, no pesado assim não...*

Antonio Bispo: *no pesado não...*¹²²

¹²²Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina veio de Barra de Alcantra Piauí. Entrevista realizada em 20/03/2010. p. 1.

Renata: Desde 1995?

José Hamilton: Desde 1995 pra cá...

Renata: e como vai ser você pretende por exemplo, você paga o negócio para aposentar? Como que fala? Ou como que é você vai aposenta? Tem como?

José Hamilton: Eu num sei, isso é uma coisa que eu num sei né? A gente trabalha na empresa e paga INSS demais, né? Paga sindicato direto demais da conta né, quando desconta é caro nós paga direito. Agora plano de aposentadoria eu não sei como é que é né!¹²³

Renata: E você paga INSS esses negócios pra aposentar? A empresa é certinha assim assina carteira?

Adenilson: Certim

Renata: Só no tempo que você ta colhendo?

Adenilson: Não

Renata: Depois é o seguro desemprego...

Adenilson: É e quando a gente sai a gente recebe o seguro!

Renata: Aí nesse período você paga INSS também?

Adenilson: Quando esta recebendo o seguro não paga eu num sei isso também...

Cristiane (irmã): acho que não!

Adenilson: Paga não!

Cristiane: não... não!

Adenilson: A gente recebe as parcelas do seguro no preço que for pra gente receber, recebe normal, não desconta não!

Renata: Então no ano você paga lá os 8 meses?

Adenilson: é...¹²⁴

O sindicato deveria informar sobre as dúvidas dos trabalhadores, mas não é isso que acontece. Nesses trechos de narrativas com trabalhadores, percebo que eles não sabem sobre como e quando poderão aposentar. Parece não haver um esclarecimento sobre esses direitos básicos do trabalhador, apenas no discurso de militância e luta na narrativa do sindicato. Entendo, com isso, que o que é passado ao Ministério do Trabalho não está ligado a realidade dos trabalhadores. Os tipos de denúncias e como são consolidadas as visitas do auditor fiscal se dão de acordo com o que é passado pelo sindicato. O sindicato aparece, nessa conjuntura, como uma instituição que visa à

¹²³ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuité na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009, p. 7.

¹²⁴ Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina (Bahia). Entrevista realizada em 29/03/2010. p. 10 e 11.

representação do trabalhador nas usinas ou com os órgãos da justiça do trabalho. Não se atentam às necessidades e problemas vividos no cotidiano e não se procura uma solução para problemas como a aposentadoria dessas pessoas, muitos estão no corte de cana desde os anos 1980 e não sabem como será sua sobrevivência no futuro. Sem maiores esclarecimentos, pensando apenas nos interesses que mediam relações ou remediavam problemas, não tem um trabalho efetivo de conscientização e debate com os trabalhadores sobre as questões de direitos que eles desconhecem. Ter o sindicato como intermediário tem sido eficiente para as empresas como meio de controle, como os contratos de safra feitos no início da contratação dos trabalhadores que os prendem a compromissos com as usinas. Na interpretação do presidente do sindicato, os trabalhadores, como algo dado ou estático, aparecem como se já soubessem de todos seus direitos e como se isso bastasse diante dos abusos que ainda continuam sofrendo:

Paulo: *E, assim quando chegam, eles procuram o sindicato ou vocês procuram eles?*

Baianinho: *Não, assim, acaba que tem uns procura e têm outros que não. Mais na realidade quando vai começar a safra o quê que a gente faz com cada empresa? Isso é acordo coletivo com cada empresa né... Aquele acordo coletivo que rege as leis que vai ter... Mas a questão indireta de contratação nós não temos nem um vínculo.*

Paulo: *não?*

Baianinho: *Não, não. Chegou, tá aqui, fomo na roça, já tá fichado. Temos relação não.*

Paulo: *E a relação de vocês com o Ministério do Trabalho?*

Baianinho: *Muito boa, graças a Deus muito boa. Temos atendido, melhorando esses municípios por causa do Ministério do Trabalho.*

Paulo: *E a partir de quando isso...*

Baianinho: *eu vou te ser sincero, isso de uns cinco anos pra cá, porque de cinco anos pra cá que o negócio melhorou mesmo, 100%, acho que de uns cinco anos pra cá... Num sei por que pra trás eram outros diretores, outros delegados, num sei o quê que acontecia, mais de uns cinco anos pra cá melhorou bastante.*

Paulo: *E a relação dos trabalhadores com o ministério do trabalho?*

Baianinho: *num tem...acho que num tem muita relação né .*

Paulo: *Não tem relação?*

Baianinho: *Num tem muita porque quando tem problema eles vêm fiscaliza. Eles é... Eles é tipo assim eles vem cá faz uma diligência e um dia, dois dias vai embora e aplica-se a lei. Não tem muito contato não.*

Paulo: *Eles não têm, assim, uma relação direta?*

Baianinho: *Não...não tem. Com o ministério não, porque, quando tem um problema num determinado lugar a gente liga...ou tá tendo isso aqui e tá dando conflito, logo logo eles faz um processo legal e o pessoal do ministério*

vem e faz a diligência. Em um dia, dois dias faz-se tudo, modifica o que tá o que num tá, entrevista os trabalhadores, modifica...

Paulo: Então o Mistério do trabalho não tem muito... Não tem muita relação.

Baianinho: Não, não tem muita... Até mesmo não tem porque ter também.

Paulo: Ah, tà!

Baianinho: quando eles vêm o ministério entrevista o que tem de fazer... Não tem muito...

Paulo: E os usineiros aqui, os... Não é bem usineiro, é o dono da plantação, qual a relação de vocês com os donos?

Baianinho: minha, do sindicato ou dos trabalhadores?

Paulo: De todos.

Baianinho: do sindicato, vamo por parte, sindicato. Isso é muito complexo. Tem usina, tem usina que tem bons administradores, tem administradores que... formados, com cabeça aberta, tem boas relações. Tem usina que é briga, a gente entra lá o cara quer atirar na gente, tem outra que...toca de tudo aqui...tem outra que tem aqueles cara de coronel ainda...se é do sindicato, é grevista, é agitador, quer passar o carro em cima e já tem outros que tem uma gestão moderna já...não, vamo conversar, vamo sentar, qualquer problema você vem cá nós vamo sentando, nós senta de lá, de cá...tem de todos os tipo ainda e quando menor a usina ou menor a empresa maior a dificuldade...de relação, não é de...

Paulo: Pois é, a usina normalmente ela é dona da plantação ou ela compra na verdade de proprietários de terra?

Baianinho: Aqui tem usinas que é dona e tem usinas que compra, então tem fornecedores que a usina é detentora de, tipo assim 80%, por exemplo, a usina Alvorada aqui, vou te dar um exemplo, a maior da região, do nosso município, ela deve ter aí uns... 60 a 70 fornecedores, então ela deve ter uns 500 trabalhadores e fornecedores num todo deve ter uns 300.

Paulo: E a relação com os fornecedores deve ser mais difícil?

Baianinho: mais difícil... Por quê? Porque era o... É o... Paulo Vilela que mora lá desde 50 anos na terra ainda é da época do coronel e... Ele também... Por que? Porque ele não tem formação. Então você vai no cara da usina, o cara estudou pra ser gerente de rh, o outro estudou pra ser... você chega lá se fala...agora o lá que era dono da fazenda e chega lá fumando um charutão e você tem que negocia com ele, moço a lei é assim não assim ... é mais difícil você fala com ele do que você fala com uma pessoa que é formado lá dentro da usina. O cara formou e a relação e isso e tal, isso nós vamo fazer, isso nos vamo, porque esse fornecedor nossa senhora, o cara não entende ele nunca foi na lei ; se fala lei ele fala que o trem é dele é ele que manda, é difícil é complicado.

Paulo: E assim, como é que você vê, assim, o conhecimento de direitos por parte dos trabalhadores, eles trazem, principalmente quando o cara tem mais experiência, você falou pra mim que às vezes o cara tá aqui a seis, sete oito safras, como é que é?

Baianinho: Eles sabe tudo, você vai sabe tudo, se você perguntar assim que que você tem direito, eles sabe que é tudo, sabe que que é décimo terceiro, que é férias, sabe até fazer a conta já. Isso aí eles é tranquilo, não tem muito que ... eles já conhecem todos os direitos.

Paulo: Conhece...

Baianinho: Conhece, tranquilo...

Paulo: E se não... E se não...mais e a relação dele, por exemplo, com este tipo de fornecedor , do patrão fornecedor?

Baianinho: *Aí o patrão... aí é a mesma dificuldade da gente quando o patrão fornecedor não tem a cabeça aberta é problema, greve, esse dia mesmo nois tava numa greve aqui. Aí o cara não tem noção, aí é problema. Quando já... Por exemplo, essa usina aqui agente ta com oito anos que não tem uma paralisação, e já tem uma usina, um engenho de pinga aqui todo ano tem três, é tradição.*

Paulo: *E aí o pessoal mesmo, é..., por conhecimento de direito eles mesmo tomam a iniciativa e tal?*

Baianinho: *Não, não. Toma a iniciativa, paralisa, mais quem negocia é agente direto, porque todos tem acordo coletivo, tem negociação, tem comissão, tudo é...*

Paulo: *Ah tá.*

Baianinho: *Mais aí mesmo tendo esses acordos as empresas não cumpre, aí logo, logo, estoura, o que tem que fazer?*

Paulo: *Tem organização na base?*

Baianinho: *Tem, tem.*

[...] Paulo: *Pois é mais, na convenção, no acordo coletivo tá que é por produção?*

Baianinho: *Por produção, e é por produção. Não se tem diária, determina-se um valor por diária né, mais é por produção.*

Paulo: *Ah tá.*

Baianinho: *Tipo assim, mais se um dia chover e a usina quebrar, que que nós vamos fazer? Aí vai pra diária. Apesar de ter um piso lá... na carteira, a gente tem um acordo em off, que vamos supor na carteira é quatrocentos e quarenta e sete, dá treze... dá quatorze reais a diária, aí quebrou a usina dois dias, ninguém trabalha por quatorze reais não aí é... aí a gente tem o que, e vinte e cinco reais a diária. Você fala quatorze ninguém vai ganhar lá quatorze não, que é o que ta determinado na carteira*

Paulo: *Ah tá, entendi¹²⁵.*

O sindicato coloca, em sua interpretação, que os trabalhadores estão cientes dos seus direitos e os reivindicam quando necessário, mas não aponta novas estratégias para os problemas narrados pelos próprios trabalhadores anteriormente. As necessidades, bem como os direitos a serem reivindicados, mudam enquanto igualmente mudam as relações de trabalho. O trabalhador dos anos 1980 hoje é outro e as relações vividas no trabalho da cana também.

Mesmo Baianinho tendo negado sua participação na contratação dos trabalhadores da cana é o sindicato quem produz os acordos juntamente com as usinas, ainda na ausência desses trabalhadores, determinando regras a serem seguidas. Não

¹²⁵ Eurípedes Batista Ferreira(Baianinho), Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã. Entrevista feita dia 05/08/2008 para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG, p. 8.

havendo uma relação direta entre Ministério do Trabalho e trabalhadores, o sindicato em acordo com usinas já determina o destino e os direitos do trabalhador da cana. Quando o Ministério do Trabalho procura pelos trabalhadores a denúncia formal já foi encaminhada pelo sindicato. O que acontece são entrevistas breves com os trabalhadores, feitas pelo auditor fiscal, que pergunta especificadamente sobre o que foi denunciado. Não há, dessa forma, medidas que procurem modificar as vivências dos trabalhadores da cana, mas remediar o que cabe legalmente a eles referente à denúncia. Assim, percebo que outras medidas que poderiam visar melhorias para a nova categoria não são colocadas como metas ou melhorias pelas instituições que estão cristalizadas nas leis e fechadas nas denúncias formais. Além disso, os acordos firmados entre sindicato e usinas aparecem no relatório de fiscalização do Ministério do Trabalho como prática que visa a interdição dos direitos salvaguardados pela constituição, burlando os direitos mesmos sendo concedidos por lei. Ao assinar o acordo coletivo, trabalhadores abrem mão de seus direitos básicos.

À medida que deveria ser algo que beneficiasse os trabalhadores da cana, parece funcionar em algumas situações como uma camisa de força que o impede de sair do emprego durante a safra ou permite abusos contra o que prega a constituição de 1988. Segundo o auditor fiscal, esses contratos são feitos em conformidade com a lei, porém visa atender anseios das usinas, neste trecho ele nos dá sua opinião sobre esses acordos:

Paulo: Outro dia o senhor comentou comigo que eles estão fazendo 5 por 1 então...

Amador: É o seguinte a usina ela tem que rodar 24 horas e então como o preço do álcool tá bom eles querem produzir álcool, então com essa jornada de horário de 5 por 1 eles tomam um cano danado, eu não sei dessa combina? Aqui por você eu posso depois te passo essa conta, pegam vários dias por ano nessa jornada de 5 por 1 e se os acordos com o sindicato, o Ministério do Trabalho vê que esses acordo é tão errado e o Sindicato é, tem que aceitar por que é legal o Sindicato tem um acordo individual ou coletivo entendeu? Então eles fazem o acordo e a gente é obrigado a aceitar, mas a gente tá provando que esse povo tá pensando no lucro¹²⁶.

Este acordo foi citado pelo auditor fiscal em entrevista e no Relatório de Fiscalização das condições do trabalho da cana na região cedido pelo mesmo.

¹²⁶ Amador Dias da Silva. Auditor Fiscal do Ministério do Trabalho, entrevista feita em 31/07/2008 para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG, p.4.

Ao que parece, o acordo referido funciona como uma camisa de força que impede que o trabalhador peça demissão, entre outras castrações, caso sofra algum tipo de pressão por parte do empregador, ou mesmo pelas péssimas condições de trabalho, moradia e salário. Para além de uma ajuda nas denúncias que chegam ao Ministério do Trabalho, esse acordo coletivo tem assegurado às empresas algumas regalias e, aos trabalhadores, muitos prejuízos. Percebo, fazendo um balanço entre as entrevistas com trabalhadores e o relatório, que todos os entrevistados omitem muitos fatos por medo de algum tipo de represália da empresa. Assim, quando questiono a forma como chegaram até a cidade ou souberam do emprego, sempre dizem que vieram por conta própria ou eles mesmos visando o trabalho aqui se reuniram com outros interessados em suas cidades de origem e promoveram a viagem até Centralina e Araporã para trabalhar. A necessidade de mão de obra para as usinas supera a população local que já trabalha nelas, necessitando que essa mão de obra promova o aliciamento como colocados neste trecho do relatório do auditor fiscal:

Em vários dos casos constatados, foram os próprios fiscais de turmas/motoristas dos ônibus (que atualmente transportam os trabalhadores até as frentes de trabalho da Usina) os responsáveis diretos pela “captação” dos trabalhadores, trazendo-os de suas cidades em seu ônibus¹²⁷.

Segundo estes trabalhadores, os aliciadores prometeram emprego em boas condições e com todos os direitos garantidos, gerando nessa massa de trabalhadores a percepção equivocada de que receberiam ao final da safra o benefício do seguro desemprego, o que de fato nem sempre ocorria, eis que a maioria desses obreiros foram admitidos na modalidade de contrato de safra, que não garante essa verba pecuniária pelo desemprego involuntário. As condições de habitação desses trabalhadores, também, se mostraram precárias (como veremos a seguir, em tópico específico)¹²⁸.

Nas narrativas dos trabalhadores da cana, quando questiono como vieram em busca do emprego todos eles afirmam ter chegado ou com amigos que reuniram e vieram ou sozinhos; são sempre breves nesse assunto, e após ter lido o relatório do M.T. percebi que o aliciamento é algo comum. Os trabalhadores da cana guardam segredo quanto a isso, devem ser instruídos pelo desejo de vir trabalhar na região, perdendo direitos como já sair da cidade de origem com carteira assinada e contando esse tempo

¹²⁷ Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p. 28.

¹²⁸ Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p. 30.

como tempo de serviço. Os trabalhadores já saem da cidade de origem iludidos com as condições de trabalho informadas pelo aliciador. O que ocorre quando chegam aos municípios de Centralina e Araporã muito se difere do inicialmente prometido pelo aliciador. As usinas, na maioria das vezes, não cumprem o inicialmente oferecido por esse aliciador. Chegando aos municípios para trabalhar, ou procuram o sindicato e seguem o acordo coletivo que rege as regras para se trabalhar na usina ou ficam sem trabalho e impossibilitados de retornar a cidade de origem. Esses acordos lavrados pela usina e sindicato têm sido um problema enfrentado pelo ministério do trabalho ao lidar com as denúncias, pois, uma vez assinado, anula os direitos trabalhistas da constituição. Agindo dessa forma, as usinas juntamente com sindicato que deveria resguardar os trabalhadores determinam a forma como devem trabalhar os descontos no seu holerite, folgas, jornada de trabalho, pagamento do transporte e também da filiação ao sindicato entre outras regras que se amparam no contrato, porém, são inconstitucionais. Mas depois de assinados esses contratos, empregadores tem em mãos o poder sobre esses direitos resguardados pela constituição, desrespeitando os direitos adquiridos pela classe trabalhadora na constituição de 1988.

O sindicato deixa de representar os trabalhadores para funcionar como um meio de controle dos mesmos pela usina. O que garante também o pagamento do sindicato descontado do salário dos trabalhadores, mesmo que esse não ofereça o respaldo que deveria na sua condição de órgão que defende os direitos do trabalhador. E nas entrevistas com os cortadores de cana fica evidente que o sindicato não trabalha em favor da categoria, visto que todos os trabalhadores entrevistados desconhecem os serviços ou ajuda concedidos pelo sindicato no seu discurso de militância e luta, desconstruindo a narrativa do presidente e da edição especial dos 45 anos do sindicato do jornal *Folha Regional* apresentado anteriormente nesta pesquisa. Por vezes, as reclamações entre os trabalhadores giram em torno de conquistas já alcançadas pela classe e novas questões colocadas em torno de outros abusos decorrentes do trabalho na cana hoje. Para o trabalhador, aumentaram os desrespeitos e diminuíram os direitos; mesmo que a constituição resguarde alguns deles, o sindicato, juntamente com as usinas, anulam os mesmos. No depoimento de José Hamilton, ficam evidentes as irregularidades sofridas pelos trabalhadores do corte de cana:

Renata: *É difícil mesmo, mais, assim é... Aqui as condições de trabalho, salário que você estava falando, como que eles medem, por exemplo, o tanto que você trabalha com o que é o seu salário, ele é baseado em que?*

José Hamilton: *Não, eu te digo o salário mesmo é assim, o salário deles aqui é o que nós ganha na roça. É como eu estou te explicando às vezes ele paga o metro da cana a quinze centavos, a quinze centavos nós tira cem metros de cana para ganhar quinze reais, você esta entendendo? Tem vez que bate o dia não ganha esses quinze reais. Cana caída e enraizada, quando não é assim, paga dezesseis, dezessete conto, centavo só. Você entra num acordo, então chega o fim do mês, tem um tal de hora de pagar ônibus para nós ir para o lugar é cento e vinte reais, eles paga cinquenta é eles, paga cinquenta reais. Então, por tanto eu não sei não, eu acho que o salário lá é muito ruim, salário aí de uma pessoa que bate o facão mais grosso bate oitocentos conto [...].*

R: *Eu percebo que há uma expectativa da cidade com a chegada dos trabalhadores aqui em ganhar alguma coisa assim, como você faz a comida é alguém que faz, essas coisas lavar roupa, alguém faz esse serviço?*

J.H: *Não, eu inclusive faço tudo mesmo, cozinho eu e quem lava para mim. Por que devido o meu salário não ter como eu pagar para ninguém, que eu tenho família e se for para você, uma lavagem de roupa hoje, eles vão cobrar o que? Eles vão querer cobrar uns dois reais em uma pecinha de roupa, então, não tenho condição. Pagar para cozinhar, qualquer um que cozinha cobra o que? Um salário né? Eu não estou ganhando como que eu posso pagar? Não tem outro jeito, eu mesmo lavo(...)*

R: *E como que vai ser você pretende, por exemplo, se paga o negócio para aposentar, como que fala, ou como que é você vai aposentar, tem como?*

J.H: *Eu não sei, isso é uma coisa que eu não sei né? A gente trabalha na empresa e paga INSS demais né? Paga sindicato direto, mas, da conta quando desconta é caro, nós paga direito, agora plano de aposentadoria eu não sei como que é né!¹²⁹.*

O contrato de safra submete o trabalhador a diversos descontos que deveriam ser custeados pela empresa, desobrigando-os e onerando as despesas do trabalhador. O trabalhador da cana aparece aqui como alguém que tem a noção de seus direitos, mas devido ao acordo assinado para trabalhar e sem outra opção de trabalho ou meio de voltar à cidade de origem, submete-se aos baixos salários e descontos ilegais. Entende que o sindicato não está ao seu favor. Mesmo pagando-o, o que é feito mensalmente.

Os trabalhadores têm consciência de que o sindicato trabalha a favor do patrão e não percebe, na instituição, representação da categoria. O sindicato aparece em sua fala como um dos parasitas que sugam um pedacinho do salário que mal dá para as necessidades básicas de um pai de família. Se paga pela moradia, alimentação, ônibus e sindicato e não se obtém nenhum benéfico do mesmo, muito menos a reivindicação de direitos que são anulados pelos acordos com as usinas. Contrapondo a fala de José

¹²⁹ José Hamilton Ferreira da Silva, cortador-de-cana que veio de Conceição do Cuieté na Bahia entrevista realizada em Araporã no dia 13/10/2009. p. 7.

Hamilton com a do presidente do sindicato o Baianinho, podemos dizer que o sindicato não cumpre seu papel com sua base sindical, mas tem se tornado parte do pessoal de contratação da usina, o que foi negado por ele. Evidencia esse processo no relatório do Ministério do Trabalho, na fala dos trabalhadores, e até mesmo negando na sua própria narrativa. A legitimação do sindicato, via mídia impressa, e segundo a narrativa do presidente, visa que os conluíus e contratos com as usinas sejam vistos como algo que melhora a relação entre empregadores e empregados. Comparando as narrativas e documentos, essa idéia é desconstruída, trazendo elementos que nos informam sobre sua atuação em benefício à usina, colocando em dúvida a atuação sindical como forma de combate às más condições de vida e remuneração dos trabalhadores da cana. No relatório anual do auditor fiscal sobre empresa da região, percebemos como funciona a atuação de usinas e sindicatos para garantir suas irregularidades:

Da restrição moral da liberdade física dos trabalhadores aliciados de outras cidades, pela dependência econômica do contrato de trabalho firmado com a Usina:

Vale ressaltar que muitos dos trabalhadores aliciados em suas cidades de origem por “gatos”, a serviço da empregadora, informaram aos agentes da fiscalização e representantes do Ministério Público do Trabalho que, ao aceitarem o trabalho, não sabiam que a remuneração recebida na cidade de destino seria tão baixa e as condições de habitação tão indignas. Os trabalhadores entrevistados nas frentes de trabalho foram unânimes em denunciar a baixa remuneração e a ausência de um controle real sobre sua produtividade diária. Também teriam sido iludidos – segundo depoimentos colhidos - pela promessa de recebimento de benefícios como moradia digna (com cama e colchões) e pela ilusão de recebimento do seguro desemprego após o término da safra, o que de fato não ocorreria.

A precariedade da situação chegou a ponto de motivar a deflagração de movimento de greve por parte de um grupo de trabalhadores da empresa (cortadores de cana), que cruzaram seus braços no dia 22.10.2010 (ainda no curso da ação fiscal) em busca de melhoria nas condições econômicas de trabalho. Somente após a intervenção do Ministério do Trabalho – com o apoio dos Procuradores do Trabalho presentes na ação – é que os trabalhadores aceitaram retomar suas atividades, mediante promessas de melhorias nas condições de trabalho feita por prepostos da empresa, na sede do Sindicato Rural de Centralina e Araporã¹³⁰.

O acordo coletivo confeccionado pelas usinas e sindicato, torna-se uma armadilha para o trabalhador do corte de cana. Esse acordo é assinado pelo trabalhador no ato de sua contratação e depois de assinado priva-o de vários direitos que deveriam ser providos pelas usinas. Fazem esse acordo com o intuito de se livrarem de custos

¹³⁰ Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p. 35-36.

com empregados e burlarem as leis trabalhistas. Tendo o apoio do sindicato da classe, podem ter o controle dos trabalhadores da cana, que sem alternativa, após assinarem o contrato, se vêem financeiramente presos ao emprego.

Nas narrativas dos trabalhadores da cana, as queixas e reivindicações sempre redundam em direitos já adquiridos da classe trabalhadora e que foram prometidos ao saírem da cidade de origem para trabalhar na região. A moradia, alimentação e transporte que deveriam ficar a cargo da usina, têm sido custeados pelos próprios trabalhadores e, devido aos baixos salários, vivem em condições indignas. Paga sindicato, metade do ônibus, aluguel prepara sua alimentação e fazem a limpeza das casas. Não há tempo para outra tarefa ou lazer devido ao horário de trabalho e às inúmeras tarefas domésticas; vivem cerceados de sua liberdade devido à exploração por parte das usinas, e ainda firmam acordos ilegais para salvaguardar o lucro das empresas em detrimento de sua integridade humana.

O sindicato na região não cumpre seu papel, admite práticas que deveriam ser abolidas pelo mesmo. Entendo, portanto, que as usinas têm se valido da força ou mesmo história do sindicalismo no país como uma forma de intervir nas conquistas dos trabalhadores, de modo a burlar os direitos garantidos pela instituição. As denúncias contra as usinas partem desta mesma instituição, e coloca em dúvida essa representação dos trabalhadores, o contrato funciona como forma de conter os trabalhadores:

Acaso desejem voltar antes do término da safra somente resta ao trabalhador migrante “pedir contas” (pedir demissão), perdendo, com isso, grande parte das verbas rescisórias devidas. Vale lembrar que conforme informações prestadas nas frentes inspecionadas, o custo da passagem de volta aos seus Estados de origem varia – em alguns casos – entre R\$ 150,00 e R\$ 200, fora despesas com alimentação no trajeto, o que acaba por “prender” o trabalhador ao seu empregador, restringindo – assim – sua liberdade física, ainda que de maneira psicológica (moral)¹³¹.

O acordo coletivo feito pelas usinas e sindicato amarra os trabalhadores da cana às condições degradantes que vivem e trabalham, impossibilitando-os de retornar à cidade de origem caso peçam demissão. Submete-os a baixos salários e deixam responsabilidades da empresa para custeio dos próprios trabalhadores, remunerando-os mal; mede o que o trabalhador produz de forma incerta.

¹³¹ Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p. 36.

O trabalhador da cana que acorda às três da manhã para arrumar sua marmita começa no trabalho às sete. Sua rotina laboral começa a partir desse horário, depois de feito o almoço e colocado na marmita segue para o ponto, para esperar o ônibus, pago por ele, descontado em folha todo mês. Passa dentro desse ônibus uma hora e meia até chegar à lavoura para começar o trabalho; ali permanece, tem uma hora para o almoço, e continua o trabalho até as 15 horas. Retorna à sua casa no final da tarde, tem que lavar as louças do almoço e preparar o jantar, o descanso acontece em poucas horas, em cima de um colchão delgado ou numa rede e logo tem que levantar novamente.

No único dia de folga, o domingo, pode ou não trabalhar; tem que escolher, pois se trabalhar ganha dobrado, se não trabalha na lavoura trabalha em casa lavando roupa e fazendo o que não pode fazer em outros dias. A rotina fixada pelas condições do acordo coletivo que se assina com o apoio de sindicato e usinas priva o trabalhador de quase todos os seus direitos. O discurso apresentado no jornal pelo presidente floreia relações de esclarecimento com trabalhadores e cobranças desses direitos das usinas. O que percebo é que o sindicato trabalha como instrumento de controle dos trabalhadores da cana em prol da usina. É remunerado por isso, é claro; no relatório do Ministério do Trabalho consta, assim como nas narrativas dos trabalhadores, o pagamento do sindicato sem se utilizar dos seus serviços prestados. A própria usina desconta o valor referente à instituição do salário dos trabalhadores da cana, mesmo não havendo efetivamente uma representatividade que lhes assegure seus direitos:

Não pagamento das “horas in itinere” e existência de irregularidade na marcação dos horários de trabalho dos empregados da Agropecuária Araporã Ltda:

Durante as entrevistas com os trabalhadores, motoristas e fiscais de frente, nos locais de trabalho, constatamos que a empresa Agropecuária Araporã Ltda não estava pagando aos seus empregados o tempo de deslocamento efetivo entre suas casas e os locais de trabalho (“hora in itinere”). Os empregados narraram à equipe de fiscalização e Procuradores do Trabalho, que gastam quase 1 hora no trajeto casa-trabalho-casa, todos os dias. A empresa, com base em cláusula de Acordo Coletivo - notadamente ilegal - isentou-se da obrigação do pagamento dessa verba, prejudicando direito garantido dos empregados por legislação heterônoma. Também constatamos – a partir dos depoimentos colhidos pelos Procuradores do Trabalho nas frentes de trabalho - que eram os próprios motoristas e fiscais de turma quem ficavam com os crachás dos trabalhadores e anotavam o ponto dos mesmos, através dos coletores manuais em seu poder¹³².

¹³² Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p. 72.

O não pagamento das horas “in itinere” é um direito conquistado pela classe trabalhadora. O sindicato que se coloca como instituição de esclarecimento dos direitos e deveres se apresenta juntamente com usina como intermediário da exploração e ilegalidade desses acordos. O presidente provavelmente lê os acordos e permite que a empresa burle direitos adquiridos pela classe. Se as denúncias partem do sindicato, ao compactuar com as empresas ele se torna dúbio, pois tem a confiança dos trabalhadores da cana e das usinas o acordo coletivo. A representação dos trabalhadores da cana pelo sindicato não existe, percebemos que os discursos apresentados pelo sindicato e edição especial são propaganda de uma gestão que não funciona da maneira apresentada. Os grandes grupos empresariais envolvidos no trabalho da cana na região têm se utilizado de todos os tipos de artimanhas para retirar da mão do trabalhador da cana os direitos adquiridos. Pensar as instituições nesse enredo e colocar em movimento a derrocada do sindicalismo moderno apontado pelo presidente do sindicato no jornal, esse sindicalismo seria uma forma de controle e garantia de péssimas condições de trabalho e salários que levam às péssimas condições de vida. Os trabalhadores que vêm de outras regiões do país aparecem para sindicato e usina como um trabalhador que, por necessitar do trabalho e de retornar ao seu local de origem mais apto a aceitar as condições impostas no trabalho na cana. O Ministério do Trabalho conhece os acordos, sabe que são ilegais e as medidas só podem ser tomadas no caso de denúncia. O sindicato recebe os acordos coletivos, lê e repassa aos trabalhadores como se o que consta ali conferisse com a legislação trabalhista. O trabalhador, ao assinar o acordo, torna-se refém do trabalho na cana e da má remuneração e não recebimento de auxílios que são direitos seu, induzidos pelo sindicato, visto por eles como representação da classe, mas que, no entanto, trabalha em favor do patrão.

Outro meio de conter os trabalhadores é a terceirização. Empresas prestam serviços exclusivos à usina, são parte da mesma empresa, porém se apresentam como independentes e se valem disso para desrespeitar os direitos dos trabalhadores da cana e outros funcionários, sem manchar o nome da empresa central. Além disso, segundo o relatório do Ministério do Trabalho vem pulverizando a base sindical dos trabalhadores da usina em geral dividindo-os:

Constatamos na inspeção das frentes de trabalho a existência de 78 TRABALHADORES contratados pela Usina Alvorada Ltda através das empresas: 1) HAB & MS AGROPECUÁRIA LTDA; 2) MONTISA SERVIÇOS LTDA; 3) MAPRA TRANSPORTES LTDA; 4) DIVIDNO

GRACIANNIO ALVES; 5) J DE CASTRO TRANSPORTES; 6) POLIANE CARDOSO SILVA ME;

7) JULLIE TRANSPORTADORA LTDA; 8) RICARDO LOPES DE MORAIS - THAIS TRANSPORTES; 9) MOMENTE LOGISTICA LTDA; 10) TRANSPORTADORA MARFA LTDA;

11) TRANSLIVIO TRANSPORTES LTDA; 12) ANDRADE & CORTEZ LTDA; 13) CARLOS ANTONIO BORGES - C.A. TRANSPORTES; 14) CARLOS HUMVERTO FERREIRA CARDOSO; 15) MASTERCANA LTDA; 16) CCT TRANSPORTES E SERVIÇOS; 17) ANTONIO CARLOS DA CRUZ.¹³³

A diminuição do número de trabalhadores efetivos possibilita o enfraquecimento dos sindicatos estruturados a partir de categorias profissionais. Portanto, a fragmentação da base de trabalhadores, além de reduzir o poder de pressão política, atinge a sustentação econômica das lutas sindicais mantidas por meio das sindicalizações ou do imposto sindical.

O caso concreto identificado na presente fiscalização é emblemático, na medida em que constatamos situação de pulverização da base sindical com relação as empresas envolvidas na terceirização, havendo empresas que enquadram seus trabalhadores no Sindicato dos Motoristas Rodoviários de Itumbiara, outras sequer fazem qualquer enquadramento sindical para seus trabalhadores.

Assim, trabalhadores exercendo idênticas funções (motoristas, tratoristas e guincheiros), em um mesmo ambiente de trabalho (frentes de corte de cana na região de Araporã (MG) e Itumbiara (GO) - só que para empregadores distintos - estão representados por diferentes sindicatos, cada qual com um Acordo/Convenção coletiva próprias, tendo os mesmos obreiros diferentes direitos¹³⁴.

A estratégia das usinas, quanto à sua relação com os sindicatos envolvidos e com seus trabalhadores, é de controle e estratégias para burlar leis e direitos, bem como para promover diferenças e até mesmo diferença entre trabalhadores da mesma função, seja eles cortadores de cana ou outras categorias. Dividem os trabalhadores em diversos sindicatos, criando um clima de competição e também desunião que facilita a exploração da empresa sem revoltas e contestação que poderiam surgir caso os empregados da mesma se unissem. O Ministério do Trabalho e os trabalhadores da cana sabem que os sindicatos não representam as categorias de trabalhadores como no trecho do relatório:

¹³³ Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p 57.

¹³⁴ Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p 68.

Efetuar descontos nos salários do empregado, salvo os resultantes de adiantamentos, de dispositivos de lei, convenção ou acordo coletivo de trabalho. (art. 462, caput, da Consolidação das Leis do Trabalho.)

Fomos informados pelos empregados que trabalham no corte, no carregamento, no transporte e na mecanização agrícola da cana-de-açúcar, que a empresa está descontando, mensalmente, do salário, a título de CONTRIBUIÇÃO CONVENÇÃO COLETIVA, o percentual de 1,8% (um vírgula oito por cento) da remuneração, com o qual não concordam. Os trabalhadores informaram, ainda, que não são sindicalizados e, que o Sindicato Rural dos Trabalhadores de Centralina e Araporã não lhes presta qualquer assistência, e que nenhum dos dirigentes visita as frentes de trabalho no campo, nem ajudam na solução de problemas, como a definição do preço da cana-de-açúcar antes do corte, distribuição do pirulito da produção diária no prazo fixado no Acordo Coletivo de Trabalho, substituição dos Equipamentos de Proteção Individual em condições inadequadas para o serviço, dentre outros. Questionados a respeito de tal desconto, os representantes da empresa informaram que consta na cláusula vigésima quarta do Acordo Coletivo de Trabalho 2010/2012, cópia em anexo, e que é descontado de todos os empregados, exceto dos que exerceram o direito de oposição no prazo estabelecido. Os prepostos da empresa também informaram que os trabalhadores não são sindicalizados. Quando da análise dos documentos pudemos constatar o referido desconto, posto que a CONTRIBUIÇÃO CONVENÇÃO COLETIVA vem discriminada no recibo de pagamento de salário dos trabalhadores. De acordo com o parágrafo primeiro da cláusula vigésima quarta do Acordo Coletivo de Trabalho, a CONTRIBUIÇÃO CONVENÇÃO COLETIVA destina-se ao custeio da representação sindical e seus encargos na solução e encaminhamento dos problemas da categoria. Vale ressaltar que o Precedente Normativo 119 do TST considera nula a cláusula de Acordo ou Convenção Coletiva de Trabalho que estipule desconto de trabalhadores não sindicalizados em favor do sindicato, pois fere o direito de livre associação e sindicalização assegurado pela Constituição Federal, sendo, inclusive, passíveis de devolução os valores irregularmente descontados¹³⁵.

O sindicato aparece novamente como uma instituição que não visa aos propósitos dos trabalhadores da cana.

De acordo com o relatório, as usinas em conluio com o Sindicato dos Trabalhadores de Centralina e Araporã, têm prejudicado os trabalhadores do setor sucroalcooleiro em geral por meio do acordo coletivo. Segundo o presidente do sindicato, o mesmo visita sempre as frentes de trabalho, o que não procede no relatório nem nas narrativas dos trabalhadores da cana. Neste trecho do relatório, o desconto feito para custeio do sindicato acontece, mas o serviço prestado não. Os acordos firmados funcionam como uma camisa de força. Paga-se o sindicato, porém ele firma nesses acordos coletivos, com as usinas, cláusulas que prejudicam o trabalhador ou mesmo anula direitos adquiridos por ele.

¹³⁵ Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva, p. 76.

O sindicalismo moderno aparece como uma extensão da usina, e é utilizado por elas como mecanismo de controle e está muito longe de uma representação do trabalhador. Mesmo os direitos adquiridos legalmente pelo trabalhador da cana são anulados nos contratos, e a inspeção nas lavouras, que deveria acontecer periodicamente, para que não ocorra o que está no relatório de denúncia acima, como o uso de EPI's velhos e estragados, a cobrança do valor destes do salário do trabalhador, não é realizada. Apesar dos ganhos com a Constituição de 1988, os trabalhadores da cana tem sido enganados ao chegarem às cidades para trabalhar. Como assinam o acordo coletivo, abrem mão desses direitos e ainda se colocam como responsáveis pelo pagamento de taxas que não são de obrigação dos mesmos.

A rede de exploração do trabalhador da cana começa dentro do próprio sindicato da categoria, passa pelos moradores dos municípios que superfaturam o custo de vida e continua no trabalho diário nas usinas. O trabalhador da cana forja estratégias e lutas para amenizar sua sobrevivência e rotina de trabalho durante os meses de safra, lutando no sentido de buscar novas formas de sobreviver procurando diversas estratégias que amenizem a pressão exercida por essas instituições.

Neste capítulo, procurei discutir como as instituições ligadas ao trabalhador da cana tem se manifestado diante das vivências os mesmos. As estratégias adotadas pela usina juntamente com o sindicato de controle dos trabalhadores da cana e como isso procede nas vivências dos mesmos. O acordo coletivo aparece como a peça chave que desarticula e impossibilita o trabalhador de gozar os seus direitos e coloca o sindicato como um mediador de relações, que para a sociedade fala em prol dos trabalhadores da cana, mas que na realidade representa interesses dos empresários do ramo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trilhas percorridas na análise das experiências dos trabalhadores da cana perpassam, neste trabalho, diversos discursos e instituições envolvidas nas inúmeras disputas na abordagem do tema. Incorporar outros sujeitos à história, nos seus modos peculiares de se inscrever sobre o social, por meio das narrativas orais e cruzá-las com outros documentos como relatórios e jornais oficiais podem colocar em movimento as diferentes direções da temática do trabalho na cana e como se engendram mecanismos de dominação e resistência da categoria de trabalhadores da cana. Recuperar os significados atribuídos ao passado sob o presente sobre pressão as memórias dos trabalhadores da cana possibilita uma interpretação do terreno comum compartilhado dos trabalhadores da cana.

A intenção inicialmente pensada foi a de trazer para cena os trabalhadores de usinas do estado de Minas Gerais, onde atualmente tem crescido o número de usinas. Com especial ênfase a região de Centralina e Araporã, trazendo para a historiografia as mudanças que essas novas vivências ocasionam nas cidades mineiras e o quanto transformam as cidades de origem desses trabalhadores. Procurando perceber as relações entre instituições como Sindicato Rural, Ministério do Trabalho e trabalhadores que estão imbricadas de conflitos e conciliações, denotam o preocupante descaso em relação aos trabalhadores migrantes do corte de cana. Para que o enredo ficasse completo o caminho que as fontes me levaram foi pensar como a propaganda e as mudanças que aconteceram na região do Triângulo Mineiro com o aumento das usinas transformaram o espaço e atraíram os trabalhadores da cana.

O viver é sempre atravessado de lutas sociais e o cotidiano impregnado de valores em transformação e disputa, travadas nas cidades de Centralina e Araporã ainda antes da chegada dos trabalhadores da cana para a safra.

Procurei fazer uma análise de como essas cidades se preparam para receber os trabalhadores da cana e também como as usinas se expandem na Região do Triângulo Mineiro os discursos da imprensa sobre o tema contrapondo com as narrativas dos moradores da cidade, presidente do sindicato rural, mas e dados estatísticos que compõe

a indústria da cana, observando como se constitui o mercado que abrigará os trabalhadores da cana.

Enfatizei a interpretação sobre o processo feito pelos trabalhadores no segundo capítulo, entendendo a função histórica e política do saber histórico e a necessidade de dar uma visão crítica do processo mais aproximada da realidade vivida pelos trabalhadores da cana. Procurei entender o significado de ser trabalhador da cana hoje como sujeito inscrito numa realidade social, o significado das falas e interpretações dos trabalhadores no mundo como instrumento de luta política e investigação social, ampliando os horizontes de uma consciência crítica. Coloquei os trabalhadores da cana dentro das pressões e limitações das relações sociais capitalistas.

Investigando como as instituições envolvidas com o trabalho na cana procurando perceber como tem sido a trajetória das instituições que deveriam auxiliar os trabalhadores da cana. Como estas instituições como o sindicato dos trabalhadores rurais tem se enveredado para outros caminhos atuando de acordo com as explorações das usinas entre outros abusos ilegais cometidos pela empresa.

Procurei com este trabalho trazer uma interpretação mais real do processo, dialogando com os diversos discursos e sujeitos envolvidos nas relações do trabalho na cana para melhor decodificar como esse processo de deu nas cidades de Centralina e Araporã e quem são os envolvidos nele e como se envolveram. O enredo composto em cada capítulo apresenta como as usinas de expandem pelo país, incentivos e discursos para legitimar sua expansão e como são percebidas pelos trabalhadores da cana em suas experiências e relações cotidianas no passado e no presente, decorridas no tempo de seu ofício, em suas diferentes dinâmicas desde 1980.

Finalizei com a explanação de como as instituições envolvidas no trabalho com cana tem interpretado e tratado os trabalhadores da cana e como eles mesmos se interpretam no processo, cruzando as perspectivas e pressões sentidas por eles ao lidar com seus direitos. Trouxe para o diálogo o modo como as instituições sindicato e usina andam unidas na exploração, ilegalidade e abusos sofridos pelos trabalhadores da cana.

As fontes orais, nesse sentido, trouxeram a interpretação dos trabalhadores sobre o que é comum para a categoria, mesmo não tendo sido vivido individualmente pelo narrador é representativo para ele de sua categoria do trabalho na cana:

Fontes, orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos, mas conta-nos bastante sobre seus custos psicológicos¹³⁶.

Assim as narrativas produzidas possibilitaram, juntamente com as outras fontes, uma interpretação de como os trabalhadores tem se percebido no processo, como interpretam a si mesmo e as suas vivências, tanto no mundo do trabalho como no mundo do trabalhador. As narrativas nascem do diálogo que permeiam valores, disputas e perspectivas de mundo diferentes, mas que se elaboram a partir da memória e consciência no sentido do que foi hábito ou cotidiano para o trabalhador da cana. Que censuras ou pressões ele viveu, buscando entender seus medos e entre outros sentimentos incorporados pelos trabalhadores da cana.

¹³⁶ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**, n. 14, fevereiro/1997. PUC/ São Paulo, p. 31.

Fontes

Jornais

- Folha de São Paulo. O submundo da Cana. Caderno Mais, 24/08/2008.
- Jornal Correio de Uberlândia 1980 – 2009
- Folha Regional. Edição especial dos 45 anos do Sindicato dos trabalhadores rurais de Centralina e Araporã. Centralina, janeiro de 2009.

Relatórios

- Plataforma Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais. Plataforma DHESCA Brasil. Relatoria Nacional ao direito Humano ao Trabalho 2008.
- O Brasil dos agrocombustíveis - Cana 2009 – Impactos das lavouras sobre a terra, o meio e a sociedade.
- http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v6.pdf
- <http://www.biodieselbr.com/proalcool/pro-alcool.htm>
- http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%204%C2%BAENGRUP/trabalhos/souza_a_g.pdf
- Relatório de Fiscalização, condições do trabalhador da cana na região de Araporã, cedido pelo auditor fiscal Amador Dias da Silva.

Atas

- Atas da Câmara Municipal de Araporã - 1993 – 2009

Entrevistas

- Abadio Honorato Neiva. Morador de Centralina de 83 anos. Trabalhou na construção civil em várias cidades do Triângulo Mineiro, veio de Perdizes (Minas Gerais) para Centralina há 50 anos. Entrevista realizada em 29/03/2010.
- Adenilson Antônio de Lima. Trabalhador do corte de cana, 34 anos. Reside em Centralina desde 2008, veio de Jacobina (Bahia). Entrevista realizada em 29/03/2010.
- Amador Dias da Silva, Auditor Fiscal do Ministério do Trabalho. Entrevista feita dia 31/07/2008. Entrevista produzida para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG
- Antônio Bispo de Souza. Trabalhador do corte de cana, 53 anos. Reside em Centralina, veio de Barra de Alcântara (Piauí). Entrevista realizada em 29/03/2010.
- Eurípedes Batista Ferreira, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Centralina e Araporã. Entrevista feita dia 05/08/2008. Entrevista produzida para o projeto *História, memórias e cidadania: estudo sobre os fluxos migratórios de trabalhadores para o Triângulo Mineiro nas últimas décadas*, coordenado pelos professores Paulo Roberto de Almeida e Sérgio Paulo Morais, do Núcleo de Pesquisa e Estudos em História Cidade e Trabalho, financiado pela FAPEMIG.
- Eurípedes Batista Ferreira, Presidente do Sindicato Rural de Centralina e Araporã, entrevista realizada em 24/03/2009. ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, Sérgio Paulo; RESENDE, Renata Carolina. Apresentação – As transformações sociais e questões ambientais na região do Triângulo Mineiro. **Revista História e Perspectivas**, v.22, n. 41, p. 211-234, jul/dez 2009.
- João Carlos do Nascimento. Morador de Centralina, 62 anos. Trabalhou como lavrador, mas não na cana. Entrevista realizada em 29/03/2010.
- João Faria Filho. Morador de Centralina, 65 anos. Trabalhou como lavrador em diversas culturas, mas não na cana. Entrevista realizada em 29/03/2010.
- José Hamilton Ferreira da Silva. Trabalhador do corte de cana, 38 anos. Reside em Araporã veio de Conceição do Cuieté (Bahia). Entrevista realizada em 13/10/2009.
- José do Santos. Trabalhador do corte de cana 42 anos. Reside em Araporã veio de Santana do Ipanema (Alagoas). Entrevista realizada em 13/10/2009.
- Julia Francisca da Silva. Moradora do Município de Centralina 49 anos, ex-funcionária da Prefeitura na área do meio ambiente formada em biologia, trabalha atualmente como cabeleireira na cidade. Entrevista realizada em 29/03/2010.

- Jurandir Batista da Silva. Morador de Centralina, 71 anos. Trabalhou como lavrador no corte de cana e também como fiscal na usina Alvorada. Nasceu em Santa Cruz Rio Grande do Norte. Entrevista Realizada em 29/03/2010.
- Marcel Lana Carrias, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita dia 05/08/2008.
- Omar Mendes de Oliveira, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais.
- Rivail Rodrigues Atanasio. Morador de Centralina, 63. Comerciante. Entrevista realizada em 29/03/2010.
- Rocinaldo Silva, cortador de cana que veio de Barras no Piauí para Centralina Minas Gerais. Entrevista feita dia 05/08/2008.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **História oral, a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, Sérgio Paulo; RESENDE, Renata Carolina. Apresentação – As transformações sociais e questões ambientais na região do Triângulo Mineiro. **Revista História e Perspectivas**, v.22, n. 41, p. 211-234, jul/dez 2009.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História oral, em História. **Revista do Departamento de História**, UNESP, Assis, v. 14, 1995, p.125-136.

ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **Produzindo o Passado**: estratégias de construção do Patrimônio Cultural. São Paulo: Brasiliense/CONDEPHAAT, 1984.

ARAÚJO, Angela M. (Org.). **Trabalho, cultura e cidadania**. São Paulo: Scritta, 1997.

ARAÚJO, Hermes Reis de (Org.). **Tecnologia e cultura**: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

AYALA, Maria Ignez. **No arranco do grito, aspectos da cantoria nordestina**. São Paulo: Ática, 1988.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLANC, Lúcia. **Um Rio de culturas**: vozes da cidade. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Assessoria de Projetos Especiais, 1996.

BOLLÈME, Geneviève. **O povo por escrito**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BORNHEIM, Gerd et alli. **Tradição e Contradição**. Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./FUNARTE, 1987.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**; Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRESCIANI, M. Stella (Org.). **Imagens da Cidade**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1994.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1997.

- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CARVALHO, M. Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes 1994.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: SMC, 1992.
- DUARTE, Élio Garcia. **Conflitos pela terra no Acre: a resistência de seringueiros no Xapuri**. Rio Branco: Casa da Amazônia, 1987.
- ESPAÇO & DEBATES. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos - NERU, São Paulo.
- ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV.
- FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R. KHOURY, Yara Aun (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social. **PROJETO/HISTÓRIA**, n. 10, PUC/SP, 1994.
- FENELON, Déa Ribeiro. "O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo?". **PROJETO-HISTÓRIA**, n. 4, São Paulo: EDUC, 1991, p. 5-23.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- FABRIS, Annateresa (Org.). **Monumento a ramos de Azevedo**. Do concurso ao exílio. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro, UFRJ/MINC/IPHAN, 1997.
- FOTOGRAFIA. REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Rio de Janeiro. IPHAN. n. 27, 1998.
- FRANCASTEL, Pierre. **Imagem, visão e imaginação**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Lisboa: Presença, 1973.

JAMESON, Frederic. **Espaço e imagem**. Teorias do Pós-moderno e outras imagens. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

LEITE LOPES, José S. (Org.). **Cultura e identidade operária**. São Paulo: Marco Zero/UFRJ, 1987.

LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”. **PROJETO-HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, EDUC, n. 17, p. 63-201, novembro/98. Trabalhos da Memória.

MACIEL, Laura A.; ALMEIDA, Paulo R.; KHOURY, Yara Aun. **Outras Histórias: Memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D’Água, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (Org.). **Paisagens urbanas**. São Paulo, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico a crise contemporânea**. Tradução Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo: Unesp; Brasília: NEAD, 2010.

NASSER, Sérgio Daniel. **“Eu vou entrar no mundo”**. Experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto 1980-2007. Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de História, 2008.

NEVES, Magda. **Trabalho e Cidadania**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

PASSERINI, Luiza. “Mitobiografia em História Oral”. **PROJETO-HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, EDUC, n. 10, p. 29-40, dez. 1993.

PECHMAN, Robert Moses (Org.). **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: SENAC/Marca d’Água, 1996.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. **TEMPO**, Revista do Departamento de História da UFF, n. 2, p. 53-72, dez. 1996.

PORTELLI, Alessandro. “Sonhos Ucrônicos, memórias e possíveis mundos dos trabalhadores”. **PROJETO-HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, EDUC, n. 10, p. 41-58, dez/1993.

PROJETO HISTÓRIA, n. 12. Diálogos com E. P. Thompson , São Paulo, EDUC, 1995.

PROJETO-HISTÓRIA, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 15, abril 1997, Ética e História Oral.

PROJETO HISTORIA, n. 16. Cultura e trabalho, São Paulo, EDUC, 1998.

PROJETO-HISTÓRIA, , Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 17, novembro/98, Trabalhos da Memória.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, n. 11. Sociedade e trabalho na História, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1985.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, n. 12. Terra e Poder. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1986.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, n. 14. Instituições, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1987.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Memória, História, Historiografia**, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993.

SAMUEL, Raphael. “História Local, História Oral”. **Revista brasileira de história**, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 9, n.19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

SAMUEL, Raphael. **Historia Popular y Teoria Socialista**. Barcelona: Grijalbo, 1984.

SAMUEL, Raphael. “Teatros da Memória”. **PROJETO-HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, EDUC, n. 14, p. 41-81, 1997.

SANTANA, Charles D’Almeida. **Fatura e ventura camponesas, trabalho, cotidiano e migrações; Bahia, 1950-1980**. São Paulo: ANNABLUME, 1998.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida Pós-moderna, intelectuais, arte e vídeo: cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias**. São Paulo, EDUSP, 1997.

SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Os desafios contemporaneos da História oral**, Campinas: UNICAMP/CMU/ABHO, 1996.

TEIXEIRA, Eber Mariano. **“Amanhã é outro dia” Falas, Memórias e outras histórias de trabalhadores cortadores-de-cana em General Salgado-SP, 1980-2008**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Tradução de Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Senhores e caçadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A miséria da teoria.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **Tradición, revuelta y consciencia de clase.** 3. ed. Barcelona: Crítica, 1989.

_____. **Costumes em comum estudo sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na História e na Literatura.** São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ZALUAR, Alba e Marcos Alvito (Org.). **Um século de favela.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Ed., 1998.